



I

GENESIS A DEUTERONOMIO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

George Herbert Livingston

Leo G. Cox

Dennis F. Kinlaw

Lauriston J. Du Bois

Jack Ford

A. R. G. Deasley



I

GENESIS A DEUTERONOMIO

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

George Herbert Livingston

Leo G. Cox

Dennis F. Kinlaw

Lauriston J. Du Bois

Jack Ford

A. R. G. Deasley

1. [EXODO](#)
2. [Faraó admitiu o que sabia desde o princípio. Este](#)
3. [O CONCERTO NO MONTE SINAI](#)
4. [A INSTITUIÇÃO DA ADORAÇÃO A DEUS](#)
5. [Quando Moisés chegou ao arraial e viu pessoalmente](#)
6. [43/ò.](#)

Comentário Bíblico

EACON B

Gênesis a Deuteronômio

i



CB©

O Livro de

EXODO

Leo G. Cox

Introdução

Êxodo recebe seu nome pela Septuaginta, uma tradução grega do Antigo Testamento em uso nos dias de Jesus Cristo. O título hebraico era somente as primeiras palavras do texto: “Estes, pois, são os nomes dos filhos de...” (1.1).¹ A palavra *êxodo* dá o tema da primeira metade do livro, visto que denota grande quantidade de pessoas saindo de uma região. A última metade do livro descreve o estabelecimento das instituições, das leis e da adoração em Israel.

A. Autor e Data

O texto é bastante claro ao indicar que o autor foi testemunha ocular dos acontecimentos descritos no livro. As vividas descrições das pragas do Egito, das trovoadas no monte Sinai e do maná no deserto requerem a presença de uma testemunha. Os detalhes minuciosos relacionados com as fontes de água e as palmeiras em Elim, as duas tábuas de pedra, a adoração do bezerro de ouro e muitos outros elementos apontam uma testemunha ocular.² Considerando que há pouca ou nenhuma evidência de adições posteriores ao livro, presumimos com segurança que o escritor de Êxodo compôs o material durante ou logo após as experiências registradas no livro.

Tomando como certo que um israelita contemporâneo aos fatos tenha escrito as narrativas em Êxodo, é fácil deduzir que Moisés foi o autor. O autor não poderia ter sido um israelita comum; ele era altamente talentoso, educado e culto. Quem estava mais bem preparado entre todos estes escravos que Moisés? Jesus afirmou que a lei foi escrita por Moisés (Mc 1.44; Jo 7.19-22); seus discípulos também atestaram este fato (1Jo 1.45; At 26.22). Há evidências internas no próprio livro de que Moisés escreveu certos trechos (17.14; 24.4). Connell escreve: “Nada no livro entra em conflito com a afirmação de Moisés ser o autor. A menção freqüente do nome de Moisés na terceira pessoa tem paralelos nos livros de Isaías e Jeremias. Além disso, o registro do seu chamado no capítulo 3 contém as mesmas marcas de

autenticidade que as narrativas desses profetas”.³

A alta crítica contesta a afirmação de Moisés ter escrito o Pentateuco e assevera que estes livros são compilação de documentos escritos em diversas épocas posteriores. Esta posição radical, que nega a autoria mosaica do Livro da Lei, não é tão amplamente defendida hoje como foi outrora. “Embora muitos estudiosos liberais ainda questionem a autoria mosaica do Pentateuco, achados arqueológicos dão a estudiosos de todas as formações teológicas um respeito maior pela historicidade dos acontecimentos que descreve”.⁴ A luz da pesquisa atual, não há razão sólida para abandonar a visão tradicional de Moisés ter escrito Êxodo durante a peregrinação no deserto.

A verdadeira data do êxodo do Egito e da doação da lei é um problema que, durante séculos, os estudiosos ainda não solucionaram. As datas sugeridas vão de 1580 a.C. a 1230 a.C. Achados arqueológicos “sugerem data em algum ponto do século XIII”, embora esta afirmação conflite com a data apresentada em 1 Reis 6.1. O caso “não é questão de doutrina, mas questão de esclarecimento histórico”.⁶

B. Conteúdo

O material encontrado em Êxodo segue com naturalidade a narrativa do Livro de Gênesis. A palavra “pois” (1.1) une esta narrativa com o relato que a antecede. O material em Êxodo não teria sentido sem os relatos de Gênesis. Depois de breve referência ao que vem antes, o autor descreve uma mudança da situação. O povo de Deus, outrora convidado e protegido de Faraó, tornou-se uma nação de escravos. Jeová incumbe-se de libertar o povo dos que o oprimem e fazer dele uma nação governada pelas instituições e leis de Deus dadas por revelação divina. O Êxodo é um quadro das grandiosas operações de Deus, redimindo e criando um povo para si mesmo.

O tema de Êxodo é claramente a redenção pelos atos poderosos de Deus. O líder de Israel é o Todo-poderoso que opera em seu servo Moisés e por meio dele. A tarefa de libertação parecia impossível, mas Deus a realizou com mão poderosa. O estabelecimento deste povo difícil em nova pátria como nação religiosa mostra-se impraticável,

mas o livro termina com o triunfo da graça de Deus. O foco está no caráter de Deus que é aquele que se revela como poderoso e justo e, ao mesmo tempo, terno e perdoador. Israel rememoraria estes acontecimentos por estas páginas da história, e veria — talvez com mais clareza do que o Israel do Êxodo — o Deus que se revelou a seu povo.

O propósito em escrever o livro é evidente. Esta narrativa dos atos de Deus em libertar seu povo do Egito e de lhe dar leis e instituições seria lembrança constante do interesse especial de Deus por Israel e fator de união na adoração. Israel nunca poderia ter se tornado e permanecido como povo cujo Deus é o Senhor sem a consciência destas ocorrências divinas na história de sua existência. Recontar estes eventos gerou fé nas gerações posteriores de Israel. Estes mesmos eventos são espiritualizados na grande redenção feita por Jesus Cristo na cruz do Calvário. Os cristãos olham estas manifestações divinas como símbolos da obra de Deus a favor deles em Cristo (ver Jo 1.29; Hb 8.5; 10.1).

Esboço

- I. A Opressão no Egito, 1.1—11.10
 - A. Introdução, 1.1-22
 - B. A Preparação do Libertador, 2.1—4.31
 - C. O Prelúdio para a Libertação, 5.1—7.13
 - D. As Pragas do Egito, 7.14—11.10
- II. Libertação e Vitórias, 12.1—18.27
 - A. A Páscoa, 12.1-36
 - B. O Êxodo, 12.37—15.21
 - C. A Viagem para o Monte Sinai, 15.22—18.27

III. O Concerto no Monte Sinai, 19.1—24.18

A. O Concerto Proposto por Deus, 19.1-25

B. Os Dez Mandamentos, 20.1-17

C. O Medo do Povo, 20.18-20

D. As Leis do Concerto, 20.21—23.33

E. A Ratificação do Concerto, 24.1-18

IV. A Instituição da Adoração a Deus, 25.1—40.38

A. A Planta do Tabernáculo, 25.1—31.18

B. A Quebra e a Restauração do Concerto, 32.1—34.35

C. A Construção do Tabernáculo, 35.1—38.31

D. A Confecção das Roupas, 39.1-31

E. Os Trabalhos Prontos São Apresentados a Moisés, 39.32-43

F. A Montagem do Tabernáculo, 40.1-33

G. A Dedicção Divina, 40.34-38

Seção I

A OPRESSÃO NO EGITO

Êxodo 1.1—11.10

A. Introdução, 1.1-22

1. *O Crescimento de Israel no Egito* (1.1-7)

O escritor de Êxodo liga este livro diretamente ao precedente com a palavra **pois (1)**. Moisés não está contando outra história, mas está

acrescentando outro capítulo da vida do povo de Deus. Todas as revelações de Deus estão conectadas com as últimas revelações cumprindo as primeiras.

a) *De um começo pequeno* (1.1-5). **Estes, pois, são aos nomes dos filhos de Isra-** a-

el, que entraram no Egito (1). Deus conhece seus filhos, quer sejam numerosos ou não. Deus repete o nome de seus filhos muitas vezes (ver 6.14-26; Gn 35.23-26; 46.8-26) para enfatizar o interesse que Ele tem por eles e o desejo de que as gerações futuras fiquem familiarizadas com Ele.

Cada um dos filhos de Jacó foi para o Egito **com sua casa**. Ninguém foi deixado para trás. As onze pessoas aqui nomeadas (2-4) junto com **José (5)**, que já **estava no Egito**, compõem a família de Jacó de doze filhos. Com exceção de um, todos os seus filhos nasceram durante o período em que o patriarca morou nas proximidades de Harã (ver Mapa 1) com o sogro Labão. Benjamim, o mais novo, nasceu na viagem para Canaã (Gn 35.23-26). Jacó levou toda sua família para o Egito a fim de estar com José. O número total de **almas**, ou pessoas, foi **setenta**, todas sendo descendentes diretas de Jacó. É provável que havia outros indivíduos nas casas que não **descenderam de Jacó**. O clã de Abraão continha 318 homens adultos (Gn 14.14), e segundo este mesmo princípio, o número das várias famílias com seus respectivos servos que entraram no Egito poderia

ter chegado a milhares de pessoas.¹ Mesmo assim, houve tremendo crescimento de Israel no Egito, ainda que contado com base em um começo dessa extensão.

b) *Os líderes morrerão* (1.6). Os pais e líderes têm de morrer; este é o modo de vida na terra. **José** faleceu e **todos os seus irmãos** (6). Aqueles de quem muito dependemos, no final das contas, partirão. O crescimento é dependente da morte. “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto” (Jo 12.24). Uma geração passa para outra assumir o lugar. E assim com o povo de Deus como também com as demais pessoas do mundo.

c) *O cumprimento da promessa de Deus (1.7). Os filhos de Israel frutificaram, e aumentaram muito.* Ainda que os homens que Deus escolheu morram, Ele cuida dos filhos que ficam. Deus prometeu para Abraão que lhe aumentaria a semente (Gn 12.2; 15.5; 17.1-8) e aqui, no Egito, esta promessa foi cumprida. Quando Israel saiu do Egito o total computava cerca de 600.000 homens, além das mulheres e crianças (12.37). Levando-se em conta o tempo decorrido, não se tratava necessariamente de crescimento incomum.² Mas considerando o ambiente hostil, esse aumento mostrava a providência especial de Deus.

O que Deus prometeu ao gênero humano na criação (Gn 1.28) agora estava tendo cumprimento na sua família escolhida. As palavras **aumentaram muito** provêm do hebraico que significa “abundar ou enxamear” como se dá com os insetos e na vida marinha (ver Gn 1.20; 7.21).¹ Os israelitas não somente eram muito numerosos, mas **foram fortalecidos grandemente**. É lógico que esta expressão indica saúde e vigor. Moisés reconheceu esta providência graciosa quando escreveu: “Siro miserável foi meu pai, e desceu ao Egito, e ali peregrinou com pouca gente; porém ali cresceu até vir a ser nação grande, poderosa e numerosa” (Dt 26.5).

A terra que **se encheu deles** diz respeito a Gósen, onde Jacó e seus filhos se instalaram (Gn 47.1,4-6,27). Não há dúvida de que com o passar do tempo eles cresceram a ponto de este lugar se tornar pequeno demais, levando-os a se relacionar com os egípcios em outras regiões do país. O aumento numérico logo chamou a atenção do rei.

2. A Escravização de Israel no Egito (1.8-14)

a) *Favores esquecidos (1.8).* As breves palavras: **Um novo rei... que não conhecera a José**, transmitem muita história. O desempenho de José na preservação do Egito foi apreciado por seus contemporâneos. Agora uma nova dinastia, como provavelmente significam estas palavras, assumiu o poder no Egito. A dinastia dos hicsos reinou no Egito de aproximadamente 1720 a.C. até 1570 a.C. Estes reis eram estrangeiros e foram expulsos por este **novo rei**. Parece que a nova dinastia, a décima oitava, odiava todos

os povos associados com os reis anteriores, sobretudo os hebreus.¹ O novo rei desconhecia José e não se importava com o passado do Egito.

Esquecer José também significava esquecer Deus. Ao desconsiderar o povo de Deus, Faraó fixou a mente e o coração contra Jeová. É comum a recusa em se lembrar do passado resultar em rebelião presente. Todo aquele que fixa o rosto contra Deus terá dias infelizes.

b) *Opressão desculpada* (1.9,10). Homens maus buscam razões para justificar seus caminhos diante de outros homens e a seus próprios olhos. Este novo rei exagerou o problema dizendo que **o povo... é muito e mais poderoso do que nós** (9). Amedrontava-lhe o aumento numérico dos israelitas e a força que possuíam. O favor de Deus para com seu povo despertou ciúmes no rei.

O monarca temia a possibilidade de Israel se unir com os **inimigos** do Egito em uma guerra (10). Não há evidências de Israel ter intenções bélicas, mas é surpreendente o mal que o coração carnal pode ler nas intenções de outros homens.

Na mente do rei, o maior desastre seria o povo sair da terra (10, ARA). É possível que todos soubessem a esperança de Israel se estabelecer na Palestina. Se Faraó temia a presença desse povo no Egito, por que não o mandou sair em vez de procurar destruí-lo (16,22)? Possivelmente porque tinha medo que se tornasse uma nação forte naquela região.

c) *Crueldade engendrada* (1.11,13,14). A sabedoria mundana sabe inventar métodos cruéis. O rei queria debilitar o poder dos israelitas, quebrando-lhes a vontade como grupo e levando-os a se tornar como os egípcios. De acordo com avaliações posteriores (Js 24.14; Ez 20.7-9), alguns israelitas fizeram exatamente isso. Sob circunstâncias normais, tais métodos teriam cumprido o desígnio do rei.

Os **maiorais de tributos** (11) eram supervisores gerais cujos métodos tiranos eram famosos. Provavelmente alguns desses chefes de serviços fossem israelitas (5.14). “Há [...] lugar para pensar que eles os faziam trabalhar desumanamente e, ao mesmo tempo, os

obrigava a lhes pagar exorbitante tributo.”^{1 2 3} **Cidades de tesouros** eram “cidades-armazéns” onde eram armazenados provisões e armamentos.

As tarefas para os israelitas ficaram muito amargas **com dura servidão** (14). Pelo visto, **o trabalho no campo** refere-se a projetos de irrigação ou ao cuidado dos rebanhos do governo,⁴ ou possivelmente a levar tijolos para os lugares de construção.⁷ A escravidão era tão cruel quanto o homem podia torná-la sem infligir a morte.

d) *Intenções contrariadas* (1.12). Quando Deus interfere em prol do seu povo, os maus desígnios dos homens não têm sucesso: **Quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e tanto mais cresciam**. Trata-se de reversão da lei natural, mas semelhante intervenção divina frustrou muitas vezes os perseguidores do povo de Deus. Ao conceder favor especial ao seu povo, Deus neutralizava o poder tirânico. Não houve libertação da escravidão, mas nas pessoas permanecia vigor e força.

Estes resultados incomuns confundiam os maioraes de tributos. Não conseguiam entender o que estava acontecendo, **de maneira que se enfadavam** — “por isso os egípcios passaram a temer os israelitas” (NVI). “Havia algo sinistro e enervante na situação.”⁸ Este ambiente só fazia aumentar o medo e a crueldade.

As ações de Faraó e seus conselheiros ilustram a “ACrescente Ousadia do Mal”. 1) A opressão geral do bem, 8-14; 2) O assassinato secreto dos inocentes, 15-21; 3) O extermínio total e franco da vida, 22.

a) *A anulação da trama secreta* (1.15-21). Considerando que Israel se multiplicou mesmo sob dura escravidão, o rei decidiu atacar o segredo da força: os bebês do sexo masculino. A fim de evitar publicidade, ele se serviu da cooperação das **parteiras das hebréias** (15) para que matassem os meninos ao nascerem. Talvez estas parteiras fossem egípcias designadas exclusivamente às hebréias.⁹ As duas parteiras nomeadas eram provavelmente chefes de uma

instituição de parteiras, visto que duas não dariam conta de todo o Israel.¹⁰ O propósito do rei era aniquilar os meninos e misturar as meninas na população egípcia. Este plano acabaria com Israel como nação. **Os assentos** (16) eram tamboretes ou banquinhos próprios para o parto, sendo comuns no Egito, Mesopotâmia e entre os hebreus.

Mais uma vez Deus frustrou a intenção do rei. Estas parteiras **temeram a Deus** (17) e não obedeceram à ordem do monarca. A influência israelita sobre os vizinhos foi eficaz. A razão que as parteiras deram ao rei era verdadeira: **as mulheres hebréias... são vivas** (19); elas davam à luz antes que a ajuda das parteiras chegasse. Dessa forma, Deus protegeu as mães hebréias e deu às parteiras uma desculpa satisfatória ao rei. “A fé em Deus capacita os homens a dar uma razão para não errarem.”¹¹ Deus honrou estas parteiras com **casas** (21; “família”, ARA). É possível que tenham se casado com israelitas e se tornado membros do povo escolhido de Deus.¹²

b) *A abertura da ameaça* (1.22). Quando os homens lutam contra Deus, acabam chegando às raias do desespero. O rei do Egito não sabia mais o que fazer. Por duas vezes tentou reduzir a força de Israel e fracassou. Tinha de tomar medidas drásticas. Era imperativo que abrisse o jogo e exigisse o extermínio dos hebreus.

Desta vez, não precisava somente da ajuda dos maioraes de tributos ou das parteiras. Faraó encarregou todos os egípcios com a ordem de afogar os bebês do sexo masculino. No versículo 22, no original hebraico, não ocorre as palavras “aos hebreus”, mas estão subentendidas (cf. ARA). Por esta época, os israelitas estavam mais espalhados entre o povo do Egito do que quando estavam concentrados na terra de Gósen. Estavam mais vulneráveis. Sem a providência de Deus, este decreto teria acabado com Israel.

O capítulo 1 retrata como “Deus Guarda o seu Povo”: 1) Quando pouco em número, 5-7; 2) Quando sob opressão, 8-14; 3) Quando ameaçado de extinção, 15-22.

B. A Preparação do Libertador, **2.1—4.31**

1. *O Nascimento, Proteção e Disciplina de Moisés (2.1-25)*

Da perspectiva humana, o opressor egípcio fizera um édito que implicava na extinção de Israel. Se todos os meninos fossem afogados no rio, como uma nação sobreviveria? Com a supervisão de todo o povo para cumprir este desígnio mau, não havia jeito humano de resistência. Parecia que o fim chegara.

a) *A providência secreta de Deus (2.1-10)*. Deus tinha um homem e uma mulher da **casa de Levi (1)** em quem poderia confiar um segredo. Moisés não era o primeiro filho do casal, pois a irmã Miriã tinha idade o suficiente para cuidar do irmão (4; Nm 26.59). Além disso, o irmão de Moisés, Arão, era três anos mais velho que ele (6.20; Nm 26.59). Parece que o édito do rei entrou em vigor depois do nascimento de Arão, sendo Moisés o primeiro filho deste casal cuja vida estava em perigo por causa da proclamação do rei.

A fé dos pais (Hb 11.23) é claramente ilustrada quando a mãe viu que **ele era formoso e escondeu-o três meses (2)**. Depois, ela o colocou em uma **arca e a pôs nos juncos à borda do rio (3)**. A fé sempre resulta em ação, mesmo quando a ação é arriscada. Vivendo pela fé, a mãe também mostrou inteligência. Ela colocou o bebê num lugar do rio onde a princesa do Egito normalmente freqüentava. Também dispôs que a filha ficasse em um ponto estratégico para fazer a pergunta certa no momento certo (4,7). **Para saber (4)** ou observar. Também foi ato de fé a mulher hebréia entregar o filho nas mãos da princesa egípcia. Esta mãe, como ocorreu mais tarde com Ana e Maria, estava convencida de que seu filho era escolhido de Deus e estava disposta a entregá-lo à providência divina.

A graça de Deus está revelada na **compaixão** mostrada pela filha de Faraó **(6)**. Mesmo quando os homens maus fazem o pior que podem, Deus, por seu gracioso poder, coloca boa vontade e amor tenro no coração das pessoas que estão perto do tirano. Mal sabia o rei ímpio que Deus estava executando seu plano secretamente, mesmo quando parecia que o monarca mundano estava tendo sucesso. Também é interessante notar que, para criar o próprio filho, a mãe hebréia foi paga com parte do dinheiro de Faraó (9). Este é outro

exemplo de que a ira do homem é posta para louvar a Deus.

E certo supor que **Moisés (10)** foi criado como príncipe egípcio e recebeu a melhor educação possível para um jovem daqueles dias. O nome, **Moisés**, era lembrança constante de sua origem, pois o significado hebraico é “tirado para fora” e o significado egípcio é “salvo da água” (VBB, nota de rodapé). Pelo que deduzimos, as primeiras palavras da mãe produziram fruto que se manteve vivo no coração do rapaz. Em seu interior se desenvolveu um senso de justiça e um ódio da injustiça que acabaram brotando em suas ações posteriores.

b) *As ações prematuras de Moisés (2.11-15)*. As injustiças que os israelitas sofriam deram a Moisés um senso de missão. Quando tinha idade para agir por conta própria, examinou pessoalmente a carga que seus irmãos suportavam. Quando **viu que um varão egípcio feria a um varão hebreu** (11), seu desejo de ajudar o povo veio à tona. Percebeu que tinha razão em punir o malfeitor, ainda que soubesse que tal ação seria perigosa. **Feriu ao egípcio** (12), matando-o, depois de se certificar de que ninguém estava olhando. Moisés não tinha autoridade do Egito para corrigir estes males, e Deus ainda não o comissionara. Agindo por conta própria, entrou em dificuldades.

No dia seguinte, quando tentou resolver uma diferença entre dois hebreus, Moisés ficou sabendo que o assassinato do **egípcio** fora **descoberto** (14). Também ficou sabendo que havia injustiça entre seus irmãos. O povo que não apoiava o homem que queria ajudá-lo ainda não estava preparado para ter um libertador. E um autodesignado **maioral** (ou “príncipe”, ARA) e **juiz** também não estava preparado para ser o libertador. Moisés teve de esperar o tempo de Deus para receber mais instruções de uma Autoridade superior. O rei logo

tomou conhecimento do que Moisés fizera, mas antes de Faraó agir, Moisés **fugiu** para a terra de Midiã (15; ver Mapa 3), onde quarenta anos depois (At 7.30) seria comissionado.

c) *Moisés em Midiã (2.16-25)*. Os midianitas eram descendentes de

Quetura e Abraão (Gn **25.1-4**). Habitavam pelas redondezas do monte Sinai, na península do Sinai a leste do Egito, do outro lado do mar Vermelho. Esta montanha também era conhecida por “Horebe” **(3.1)**.¹³ **O sacerdote de Midiã (16)** chamava-se **Reuel (18)**, que significa “amigo de Deus”.¹⁴ Em outros pontos do texto, é conhecido por Jetro (e.g., **3.1; 4.12**). Tinha sete filhas que apascentavam as ovelhas do pai, mas que passavam maus momentos com os pastores que maltratavam as moças. Moisés, sempre pronto a ajudar os desvalidos, levantou-se para socorrê-las. O texto não fala como conseguiu lidar sozinho com o grupo de pastores, mas conseguiu mantê-los afastados enquanto as moças davam de beber ao **rebanho (17)**. Em consequência desta bondade, Moisés achou uma casa e uma esposa **(21)**. Aqui se tornou pai do primeiro filho **em terra estranha (22)**. O nome Gérson “não sugere apenas ‘estranho’, mas indica exílio, banimento” (VBB, nota de rodapé).

Durante o tempo da permanência de Moisés em Midiã, o povo oprimido no Egito sentiu mais intensamente o peso esmagador da escravidão **(23)**. Os líderes do Egito tinham recorrido à **servidão** cruel para manter os hebreus em sujeição, descontinuando a política de matar os recém-nascidos do sexo masculino.

Mas Deus estava cuidando dos seus. Ele ouviu o **gemido** do povo e se lembrou do **concerto (24)**. Deus adiou a libertação de Israel até que Moisés e Israel estivessem prontos. Moisés precisava das disciplinas do deserto, e o desejo de Israel por liberdade precisava aumentar. A escravidão continuada no Egito uniu o povo de Israel no desejo por liberdade e na fé de que só Deus podia livrá-lo. Deus ouve os clamores do seu povo, mas espera até “a plenitude do tempo” para dar a vitória. **Conheceu-os Deus (25)** significa “Deus se preocupava com eles” (VBB).

2. O Chamado e a Comissão de Moisés (3.1—4.17)

a) *Asarça ardente* (3.1-6). De acordo com Estêvão (At 7.23), Moisés tinha quarenta anos quando matou o egípcio, e, depois de outros quarenta anos, ele encontrou o Senhor na sarça ardente (At 7.30). Depois deste período no deserto, Deus viu que seu povo e Moisés

estavam prontos para o milagre de libertação. Aqui, o sogro de Moisés recebe o nome **Jetro** (1), embora seja possível que Jetro fosse o filho de Reuel e, portanto, cunhado de Moisés.¹⁵ Ainda pastor, Moisés estava nas proximidades de **Horebe**, o **monte de Deus** (1), também chamado Sinai (ver Mapa 3). É provável que **Horebe** fosse o nome dado à cadeia de montanhas, ao passo que Sinai dissesse respeito a um grupo menor ou a um único cume.¹⁶

Os estudiosos da Bíblia consideram que o **anjo do SENHOR** (2) na sarça ardente seja Cristo pré-encarnado,¹⁷ embora o Novo Testamento nunca use essa expressão para se referir a ele. Na Bíblia, uma chama de fogo simboliza a presença de Deus (Hb **12.29**). Este fato despertou a curiosidade de Moisés, momento em que Deus falou com ele. Então, **encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus** (6). Ele não podia ficar em pé levianamente na presença de Deus, e aprendeu que a presença divina santifica o lugar onde Ele aparece (5).

Nos versículos 1 a 6, vemos o tema “O Servo de Deus”. 1) O emprego no qual se engajou, 1; 2) A visão que testemunhou, 2; 3) A resolução que fez, 3; 4) A proibição que recebeu, 5; 5) O anúncio que ouviu, 6.¹⁸

b) *O plano divino (3.7-10)*. Deus se envolveu na situação difícil do seu povo. Ele disse: **Tenho visto atentamente, tenho ouvido e conheci** (7). Pode ter esperado muitos anos, mas sabia o tempo todo. Estas palavras garantem que Deus ouve atentamente os clamores de tristeza e conhece os apuros humanos.

Deus sempre está agindo no mundo, “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17.28). Interfere na história em ocasiões especiais para se revelar e realizar sua vontade. Ele disse a Moisés que desceu para livrar seu povo do Egito (8). Havia um lugar preparado para eles numa terra **boa, larga e que mana leite e mel**. Esta descrição não significa que Canaã era mais fértil que o Egito, mas que era uma terra boa, frutífera e suficientemente espaçosa para Israel. Tratava-se de uma terra identificada pelos nomes dos povos cuja iniquidade estava cheia, tendo de renunciar a terra a favor dos escolhidos de Deus (Gn 15.16-21).¹⁹

Embora Deus pudesse ter livrado Israel diretamente por uma palavra, preferiu fazer sua obra por seu servo. Disse Deus a Moisés: **Eu te enviarei a Faraó (10)**. Este homem, outrora autodesignado libertador, tinha de ir à presença do orgulhoso rei e tirar Israel do Egito sob a direção de Deus.

Identificamos “O Envolvimento de Deus com o seu Povo” em cinco declarações: 1) **Tenho visto atentamente, 7**; 2) **Tenho ouvido, 7**; 3) **Conheci, 7**; 4) **Desci, 8**; 5) **Eu te enviarei, 10**.

c) *As instruções divinas* (3.11-22). A princípio, Moisés contestou o plano de Deus usá-lo. Viu: a) sua incapacidade: **Quem sou eu?**; e b) a impossibilidade da tarefa: **E tire do Egito os filhos de Israel?** (11). O príncipe que há quarenta anos era confiante em si mesmo agora temia a tarefa. Era mais sábio no que concerne à capacidade humana de ocasionar a libertação, mas ainda tinha de aprender o poder de Deus. Como é freqüente hesitarmos quando olhamos para nós mesmos — ato que devemos fazer —; mas não precisamos ter medo quando olhamos para Deus!

Certamente eu serei contigo (12) sugere que quando Deus escolhe um mensageiro, Ele não se baseia na habilidade do indivíduo, mas na submissão deste à vontade de Deus. Deus assegurou a Moisés que ele e o povo serviriam **a Deus neste monte** depois que Israel fosse libertado do Egito. A expressão: **Isto te será por sinal**, está corretamente traduzida.

Moisés percebeu que, como porta-voz de Deus, ele tinha de convencer o povo. As pessoas perguntariam: **Quem é este Deus que está te enviando? Qual é o seu nome? (13)**. Os deuses egípcios tinham nomes, e as pessoas iam querer saber o nome do Deus delas.

Aqui em Horebe, Deus disse: **EU SOU O QUE SOU** (14). O original hebraico é uma forma da palavra *Yahweh* (Jeová). O tempo é indefinido, podendo significar igualmente o passado, o presente ou o futuro.²⁰ Deus “se revelou a Moisés não como o Criador — o Deus de poder — Elohim, mas como o Deus pessoal de Salvação, e tudo o que contém o ‘eu sou’ será manifestado pelos séculos por vir”.²¹ Este nome

também revelou sua eternidade — Ele era **o Deus de vossos pais** e este seria seu **nome etemamente**: Seu **memorial de geração em geração** (15). Mais tarde, este Ser divino disse que seria ele aquele “que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso” (Ap 1.8). É evidente por Gênesis 4.26 (onde *Yahweh* é traduzido por “o SENHOR”) que aqui Moisés recebeu uma explicação de um nome há muito conhecido (cf. tb. 6.3 e os comentários feitos ali).

Moisés foi comissionado a reunir **os anciãos de Israel** (16), informá-los quem era Deus e que Ele ouvira os clamores do povo. Elealaria que Deus prometeu libertar os israelitas do Egito e lhes dar por herança a **terra** de Canaã (17; cf. CBB, vol. II). Deus disse a Moisés que o povo lhe daria ouvidos (18). As pessoas concordariam em levar a petição ao rei.

Pedir uma viagem **de três dias** para sacrificar ao **SENHOR** (18) era um teste da disposição de Faraó em cooperar com Deus. “É indubitável que havia reticência [retenção de informação] aqui, mas não falsidade.”²² Deus deu a Faraó todas as chances para cooperar com Ele. Mas Ele sabia que o rei não concordaria, nem mesmo **por uma mão forte** (19). Deus sabe tudo, até o que Ele não faz por decreto.

Deus prometeu fazer grandes **maravilhas** no Egito, para que, no fim, Israel tivesse permissão de sair (20). Quando saíssem, **cada mulher** deveria pedir haveres dos egípcios (22), que mostrariam **graça** a estas pessoas (21) dando dos seus tesouros. Considerando que estavam escravizados por longo tempo, os israelitas tinham direitos a esta remuneração. Desta forma, Israel despojaria o Egito (22).

Nos versículos 14 a 22, há uma revelação de “O Deus Eterno”: 1) Ele revela seu nome, 14-16; 2) Ele mostra seu plano, 17,18; 3) Ele assegura seu poder, 19-22.

d) *Os sinais divinos* (4.1-9). Moisés era muito humano, e sua fé ainda estava fraca. Ele disse acerca dos hebreus: **Eis que me não crerão (1)**. Deus então pacientemente lhe deu mais garantias. Usando o cajado comum de pastor, Deus deu provas do seu

poder sobrenatural (2,3) transformando a **vara** em **cobra**.

O segundo sinal para Moisés foi a **mão** que ficou **leprosa** (6,7). Se as pessoas não cressem no primeiro nem no segundo sinal, creriam no terceiro: a transformação das **águas do rio** em **sangue** quando fossem despejadas em **terra seca** (9).

Além do caráter miraculoso, estes sinais ensinavam lições importantes. **Avara**, símbolo do pastor ou trabalhador comum, quando entregue a Deus se torna maravilha e poder. A lepra, símbolo do pecado e corrupção no Egito, pode ser curada imediatamente pelo poder de Deus. O sangue, sinal de guerra e julgamento, garantia vingança pela maldade dos egípcios.²³

e) *O método divino* (4.10-17). Depois de receber estes sinais, Moisés tinha todos os motivos para aceitar a tarefa de Deus e crer em sua palavra. Mas ainda não estava propenso a obedecer, dando mais uma desculpa: **Sou pesado de boca e pesado de língua** (10). Moisés não sentiu mudança alguma embora tivesse falado com Deus; ainda se sentia **pesado de boca**. Mas Deus lhe assegurou que a vitória seria dada por meio de Moisés (11,12), mesmo quando prometeu vencer o problema da incredulidade do povo. Moisés, porém, não estava convencido; a verdade é que ele não queria ir para o Egito. O significado do versículo 13 é: “Ah! Senhor! Envia outra pessoa” (cf. ARA).

Por causa disso, **se acendeu a ira do SENHOR contra Moisés** (14). Mas, o único castigo dado a Moisés foi o compartilhamento de liderança com Arão, seu irmão. Arão seria a **boca** (16), ou o porta-voz, e Moisés seria **Deus**, ou o profeta. Moisés parece que concordou com este arranjo, pois suas objeções cessaram. Deus respondeu a todos os receios deste homem. Mas o arranjo foi secundário em termos de qualidade e perfeição. Arão mostrou-se ser muito mais um obstáculo que uma ajuda (e.g., 32.1-25; Nm 12.1,2).

O segredo do sucesso de Moisés foi levar **esta vara na mão** (17). Neste capítulo, levar “A Vara de Deus” significa: 1) A rendição completa de si mesmo a Deus, 2-4; 2) O meio pelo qual as pessoas

reconheceriam a presença de Deus, 5; 3) O canal pelo qual Deus mostraria seu poder, 17.

3. *A Volta de Moisés para o Egito* (4.18-31)

a) *A prestação de contas* (4.18-20). **Moisés**, agora submisso ao plano de Deus, primeiramente foi obter permissão de Jetro para ir embora e voltar ao **Egito** (18). Não lhe apresentou todas as razões para a mudança, mas o motivo que deu foi suficiente para obter aprovação. Seus **irmãos** eram as pessoas de sua nação, os israelitas. Jetro disse: **Vai em paz**. Deu liberdade a Moisés e, assim, não pôs impedimento ao plano de Deus.

Deus garantiu que as pessoas que procuravam a vida de Moisés estavam mortas (19). Moisés começou a viagem com sua **mulher** e dois **filhos** (20; cf. 18.3,4), embora pareça que depois do episódio da circuncisão (24-26), ele os tenha mandado de volta a Jetro (18.2) e prosseguido sozinho com Arão (29). E lógico que as palavras **tornou à terra do Egito** (20) é uma declaração geral que teve cumprimento no versículo 29. Pode ser traduzida por: “Pôs-se a voltar para a terra do Egito”.²⁴

b) *A repetição da mensagem* (4.21-23). Deus instruiu Moisés mais uma vez que, quando chegasse ao **Egito**, executasse as maravilhas **diante de Faraó**. Deus também lhe disse que endureceria o **coração** de Faraó para que o rei não deixasse **o povo** ir (21; ver comentários em 7.13 acerca do endurecimento do coração de Faraó). A vitória de Deus sobre este tirano não seria rápida, mas a vitória final seria do Senhor (cf. 3.20). Deus deu todas as oportunidades para Faraó obedecer. Logo o Senhor lhe avisaria que, visto que Israel era o **primogênito** (22) de Deus, a recusa em obedecer significaria morte aos primogênitos do rei (23). Pouco a pouco ficaria claro para Faraó que ele estava oprimindo o povo de Deus e a recusa era rebelião contra o Deus Todo-poderoso.

c) *A disciplina para Moisés* (4.24-26). Estes três versículos são difíceis de interpretar. Embora Moisés estivesse obedecendo a Deus ao voltar para o Egito, algo estava errado. Deus instituiu o rito da

circuncisão para todos os filhos de Israel. Parece que Moisés se circuncidou e executou o rito em seu primeiro filho. A reação de **Zípora (25,26)** indica forte desaprovação do ato e sugere que Moisés havia concordado em não circuncidar o segundo filho a fim de agradar a esposa. Mas Deus exigia obediência, e forçou Zípora a aceitar o que parece ter sido extrema aflição para o marido **(24)**. A obediência trouxe cura para Moisés **(26)**, mas o incidente ocasionou a volta de Zípora para a casa do pai **(18.2)**.

d) *O relato a Arão* (4.27,28). O Senhor instruiu Arão para que fosse **ao encontro de Moisés, ao deserto** (27). Deus fez o trabalho preparatório em ambos os irmãos. Talvez tenham se encontrado no monte Sinai depois da volta de Zípora para casa.

Moisés contou a Arão tudo que Deus lhe dissera, e também lhe falou sobre os **sinais** (28). O relato é breve, mas obviamente Arão aceitou a revelação que Deus dera a Moisés sem colocar nada em dúvida.

e) *O relato para o povo* (4.29-31). Os dois irmãos voltaram para o Egito e conclamaram uma reunião com os **anciãos** (os homens de liderança) dos **filhos de Israel** (29). Tendo Moisés contado a Arão as palavras de Deus no encontro que tiveram (28), foi **Arão que falou todas as palavras e fez os sinais perante os olhos do povo** (30). Como Deus prometera (3.18), **o povo creu** nas palavras e nos sinais (31). Era ocasião de alegria, quando estes hebreus oprimidos ficaram sabendo que Deus ouvira seus clamores e estava pronto para agir; eles **inclinaram-se e adoraram**.

C. O Prelúdio para a Libertação, 5.1—7.13

1. *A Primeira Visita a Faraó* (5.1-23)

Chegou o momento da prova. Moisés e Arão estavam equipados e instruídos. O povo estava informado e parecia preparado para seguir a Deus. Estava na hora de confrontar o tirano.

a) *A recusa do rei* (5.1-5). Ao homem que mantinha Israel em seu poder, Moisés e Arão proferiram a palavra de Deus: **Deixa ir o meu**

povo (1). Não há que duvidar que Faraó ficou surpreso, porque ele considerava que Israel era seu povo. Fazia mais de quatro séculos que os hebreus estavam no Egito. Como alguém poderia pedir a lealdade destes escravos e exigir que fizessem uma festa de sacrifício?

Além disso, **Faraó** não reconhecia autoridade senão a si próprio. Ele perguntou: **Quem é o SENHOR, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? (2)**. Havia muitos deuses no Egito, e este rei conhecia todos. Para ele, as pessoas tinham de manipular os deuses e não lhes obedecer. Seu ultimato foi: **Não conheço o SENHOR, nem tampouco deixarei ir Israel**.

Moisés e Arão mantiveram-se firmes na petição. Disseram ao rei: **O Deus dos hebreus nos encontrou (3)**. Pediram permissão para fazer uma viagem **de três dias** a fim de sacrificar ao Deus que serviam. No único tipo de linguagem que Faraó entendia, avisaram que, caso o pedido fosse negado, o Senhor o julgaria: **E ele não venha sobre nós com pestilência ou com espada**. Mas o rei recusou assim mesmo.

Faraó os acusou de preguiçosos, indivíduos que procuram fugir da responsabilidade apelando para a religião. **Por que fazeis cessar o povo das suas obras? (4)**. Para ele, tratava-se de preguiça e afronta. Em outras palavras: “Por que afastar as pessoas do trabalho?” Os déspotas sempre acham difícil acreditar que os súditos tenham uma causa justa.

b) *O aumento de trabalho* (5.6-14). O rei, furioso, ordenou imediatamente que os **exatores do povo** e os **oficiais** (6)²⁵ israelitas aumentassem o trabalho dos escravos. Em vez de fornecer a palha dos campos já cortadas e prontas para uso, os **exatores do povo** exigiram que as pessoas mesmas colhessem **palha para si** (7). A **palha** era misturada com barro para deixar mais forte os tijolos secos ao sol. O restolho era a parte inferior do talo das gramíneas. Embora houvesse o trabalho extra de juntar a palha, **a conta** (o número) dos tijolos fabricados devia permanecer a mesma (8). Este tirano, insensível ao bom senso, estava determinado a minar a vontade do povo. Nem se dava conta de que não podia ir contra Deus.

Ele poderia ser cruel com o povo de Deus, mas as palavras que ouvira não eram **palavras de mentira** (9).

Os exatores do povo e seus oficiais executaram as ordens de Faraó (10,11). Os escravos se espalharam **por toda a terra do Egito a colher** restolho (12). Os **exatores**

(13) , com medo de perderem o emprego, pressionavam duramente os oficiais hebreus. Quando a cota de tijolos não foi atingida, açoitaram **os oficiais dos filhos de Israel**

(14) . Os esforços de Moisés e Arão tiveram efeito oposto ao esperado.

c) *Os três apelos* (5.15-23). **Os oficiais dos filhos de Israel** (15) achavam que tinham feito algo de errado. É lógico que Faraó não exigiria que estes escravos cumprissem tarefas descabidas. Foram diretamente à presença do rei para pedir explicações: **Por que fazes assim a teus servos?** Pensaram que a falha estava no povo do rei (16). Mas estes oficiais hebreus ficaram sabendo da verdade. Fora o próprio rei que fizera a exigência. Ele afirmou que os hebreus eram ociosos (“preguiçosos”), porque queriam sacrificar ao **SENHOR** (17). Desumanamente renovou a demanda do trabalho (18).

O segundo apelo foi feito pelos oficiais a **Moisés e Arão** (20). Viram que, com Faraó, a porta estava fechada e que estavam em situação ruim. **Em aflição** (19) significa “em extrema dificuldade”. Botaram a culpa em **Moisés e Arão** (20), afirmando que eles tornaram os israelitas (não **o nosso cheiro**, mas simplesmente “nos”, ABA) repelentes **diante de Faraó e diante de seus servos** e deram a eles **a espada nas mãos** (21), ou seja, puseram em perigo a vida dos hebreus.

As vezes, a fé iniciante é fraca. No princípio, estes homens tinham crido em Moisés, mas esta prova severa levou-os a duvidar. Moisés logicamente estava errado! Como Deus poderia estar em ação quando as coisas ficaram piores? Ainda tinham de aprender que fica mais escuro justamente antes do raiar do dia, que todas as coisas devem ser contadas como perda (Fp 3.8) para que Deus se tome tudo e que Deus

liberta quando a pessoa chega ao fim de si mesma.

O terceiro apelo foi feito por Moisés ao **SENHOR (22)**. Em vez de dar uma resposta aos oficiais, ele foi diretamente a Deus. Muitas vezes é fútil fazer o contrário, sobretudo quando a mente está confusa. Era nitidamente claro que a situação piorara. Não havia sinal externo de que Deus começara uma libertação. Moisés perguntou: **Por que me enviaste? (22)**.

O Senhor se agrada quando vamos à sua presença com nossos “por quês?” e “para quês?” Quando a fé está em crescimento sempre há retrocessos. Deus freqüentemente nos humilha antes de mostrar seu braço forte. Muitos santos clamaram: “Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador?” (Ap 6.10), mas Deus cuida de cada movimento dos seus filhos sofredores.

2. A Renovação da Promessa e da Ordem (6.1-13)

Deus não deixou Moisés na mão. A demora na libertação não significava renúncia da promessa. Deus estava trabalhando em seus propósitos. Smith-Goodspeed traduz o versículo 1 assim: “Agora verás o que farei a Faraó; forçado por um grandioso poder ele não só os deixará ir, mas os expulsará da terra”. Outras dificuldades tinham de vir sobre Israel (5.19), mas a promessa de Deus ainda era certa.

O valor da promessa estava no fato de Deus endossá-la: **Eu sou o SENHOR (2)**. Os antepassados de Israel conheciam o **Deus Todo-poderoso (3)**, o Deus de poder e “força dominante”. “Aqui a idéia primária de Jeová concentra-se, pelo contrário, em sua existência absoluta, eterna, incondicional e independente.”²⁶ Ambos os nomes eram muito antigos e amplamente conhecidos (Gn 4.26; 12.8; 17.1; 28.3), mas Deus se manifestou principalmente pelo nome de El Shaddai, **Deus Todo-poderoso**. Para este grande livramento, o próprio Deus revelou o pleno significado de *Yahweh*, “o Senhor”. Esta não é outra narrativa do chamado de Moisés, diferente da anterior, como advogam muitos estudiosos liberais,²⁷ mas trata-se de uma renovação das promessas a Moisés com maior destaque a um povo desanimado.²⁸

A nova revelação neste nome retratava que Deus se ligara com seu povo por **concerto (4)**. Este **concerto** começou com os patriarcas e incluía a promessa da **terra de Canaã**, por onde, durante muitos anos, vaguearam como **peregrinos** e estrangeiros (Gn 15.18). Deus se lembrou do **concerto** quando ouviu o **gemido dos filhos de Israel** por causa da escravidão (5). Ele não esqueceu; somente esperara até que os filhos estivessem prontos para cumprir sua parte no concerto.

Deus ordenou que Moisés renovasse a confiança dos israelitas. Ele tinha de lhes dizer que seriam libertos da **servidão** egípcia, que Deus os resgataria **com braço estendido** (“ação especial e vigorosa”, ATA) e **com juízos grandes** (6) sobre os opressores. Israel seria o **povo** especial de Deus e lhe daria a **terra** da promessa **por herança** (7,8). Estas palavras tranquilizadoras foram apoiadas pela declaração: **Eu, o SENHOR**.

Embora a promessa fosse feita com firmeza, os líderes de Israel **não ouviram a Moisés, por causa da ânsia do espírito e da dura servidão** (9). Embora tivessem crido antes (4.31), o aumento da crueldade os abatera tanto que meras palavras de promessa não bastariam. As vezes Deus tem de operar para que creiamos em suas promessas. Mais tarde, nos lembraremos das palavras da promessa.

Quando **Moisés** (10) não pôde convencer Israel, duvidou que pudesse convencer **Faraó** (11), a quem agora Deus o dirigia. Se Israel não lhe dava ouvidos, por que Faraó escutaria? **Incircunciso de lábios** (12), de acordo com a expressão idiomática em hebraico, seria um defeito que interfere com a eficiência.²⁹ O ouvido incircunciso era um ouvido que não ouvia (Jr 6.10), e o coração incircunciso era um coração que não entendia. A boca de Moisés não podia falar com clareza. Mas a despeito da debilidade humana, Deus falaria. Ele daria **mandamento para os filhos de Israel e para Faraó**, e o assunto seria resolvido (13).

Encontramos em 5.22 a 6.13, certos “Problemas para a Fé”: 1) A demora de Deus em agir, 22,23; 2) Espíritos desanimados e abatidos, 9; 3) Pessoas indiferentes, 12; 4) Enfermidades físicas, 9.

Nos versículos 1 a 8, temos estas “Garantias para a Fé”: 1) O poder de Deus, 1; 2) O nome de Deus, 3; 3) A resposta de Deus, 5; 4) O relacionamento de Deus, 7; 5) A promessa de Deus, 8.

3. *A Genealogia de Arão e Moisés (6.14-27)*

Neste ponto, o autor de Êxodo chegou ao fim de uma narrativa preliminar sobre a libertação dos israelitas da terra do Egito. O drama da vitória estava a ponto de começar. Seu desejo, como também o de Deus, era manter o relato nitidamente relacionado com a história, e sobretudo com a história do povo de Deus. A tarefa de Moisés e Arão era tirar esse povo da terra do Egito (13). O autor escrevia sobre estes dois homens (26,27) e seus nomes achavam-se na genealogia oficial. Por esta razão, o autor inclui essa porção da genealogia aqui.

A lista começa com **Rúben** (14) e **Simeão** (15), os dois irmãos mais velhos de Levi. Estes dois personagens e seus descendentes foram, primeiramente, mencionados para mostrar onde Levi se encaixava na lista e, também, para indicar que é freqüente a escolha de Deus deixar de lado o primogênito.³⁰ Estes eram chefes de famílias, ou “clãs”, e além dos nomes da primeira geração nenhum outro é dado para os filhos destes dois irmãos mais velhos.

A preocupação primária aqui era o relato da família de Levi, da qual descendiam Moisés e Arão. As idades de **Levi** (16), **Coate** (18) e **Anrão** (20) não são dadas por razões cronológicas, mas para mostrar a boa providência de Deus revelada a esta família antes mesmo que a tribo fosse escolhida para prestar serviços sacerdotais.³¹ Pela primeira vez, a genealogia da tribo de Levi é apresentada em detalhes (cf. Gn 46.9-11; Nm 3.18-33).

O Anrão do versículo 18 não pode ser o mesmo do versículo 20, porque várias gerações se interpõem entre eles. Este método de registro genealógico não era incomum para os hebreus.³² O autor deu os descendentes dos parentes de Moisés e Arão (19,21,22,24), mas seu interesse primário fixava-se nestes dois líderes. Corá (24), primo de Moisés, é mencionado mesmo que depois seja narrada sua morte; ele é incluído porque seus filhos sobreviveram (ver Nm 16.1; 26.11).

Joquebede (20, mãe de Moisés) era tia de **Anrão**, sendo provavelmente da mesma idade. Esse tipo de casamento não era raro antes da lei (Lv 18.12).³³ Aqui, o autor não menciona os descendentes de Moisés, mas relaciona o filho e o neto de Arão, respectivamente, **Eleazar** (23) e **Finéias** (25). O nome da esposa de Arão, **Eliseba** (23), é mais conhecido em sua forma grega “Elisabete”.

O autor quer que os leitores saibam quem eram Moisés e Arão. Ninguém deveria se equivocar com a identidade desses servos de Deus. **Estes são Arão e Moisés** (26) que receberam as palavras de Deus e as **falaram a Faraó, rei do Egito** (27). **Segundo os seus exércitos** (26) não significa necessariamente exércitos de homens armados; diz respeito à organização sistemática por tribos e famílias quando Israel se punha em ordem para marchar.

4. *A Segunda Visita a Faraó* (6.28—7.13)

a) *A mensagem para Faraó* (6.28—7.7). Os versículos 28 e 29 repetem a ordem de Deus para que estes dois líderes fossem à presença de Faraó. Moisés ainda relutava, por causa do seu defeito de fala (30; cf. v. 12 e comentários ali), dando outra vez destaque ao plano de Deus usar Arão. Mas o lugar de Moisés era de importância vital. Ele era como **Deus sobre Faraó** (1). É freqüente Deus colocar seu povo como deus sobre os filhos e vizinhos, em posições de autoridade e cargos de responsabilidade não buscados por eles. Nestas funções, como é importante falarmos todas as suas palavras (2)!

Embora estivesse claro que o coração de **Faraó** seria endurecido e ele não ouviria (4), eles tinham de falar assim mesmo (ver comentários em 7.13 sobre o endurecimento do coração de Faraó). Junto com o endurecimento do coração do rei haveria multiplicidade de **sinais e maravilhas** (3) e viriam **grandes juízos** (4). Quanto à expressão **os meus exércitos** consulte os comentários encontrados em 6.26. Deus estava prestes a punir o Egito e mostrar misericórdia ao seu povo. Ele estava pronto a exercer estas duas ações de certo modo a fazer com que **os egípcios** soubessem **que eu sou o SENHOR** (5).

As atividades de Deus não deveriam ser feitas em segredo; eles tinham de mostrar o poder e a glória divina. Ele esteve trabalhando

por trás das cenas com Moisés e Arão, e anteriormente com seus pais, em segredo. Ele abriu o coração dos anciãos quando foram informados sobre os movimentos de Deus. Mas o Deus que esperou com paciência por tantos anos agora estava pronto para se mostrar abertamente à vista de todos. Com a garantia dessa palavra, **Moisés e Arão** (6) agiram. As idades exatas destes servos do Senhor são apresentadas como data para estes tremendos acontecimentos (7).

b) *O primeiro milagre diante de Faraó* (7.8-12). **Quando Faraó** pedisse confirmação na forma de **milagre**, Moisés e Arão tinham de estar preparados com a **vara** de Deus que Moisés agora confiara a **Arão** (9). O propósito do milagre era provar as afirmações que os servos de Deus faziam sobre a orientação sobrenatural. Quando Arão lançou a **vara diante de Faraó**, ela **tomou-se em serpente** (10). Faraó chamou os **sábios e encantadores** (11), e estes **magos** (“feiticeiros e ilusionistas”, ATA) do Egito também transformaram suas varas em serpentes mediante **seus encantamentos**. “A magia era amplamente praticada no Egito e consistia principalmente na composição e emprego de feitiços, os quais acreditava-se que exercesse poderoso efeito sobre os homens e os animais irracionais.”³⁴ Não está claro se as ações praticadas por estes mágicos eram resultado inteiramente de manipulação humana ou se havia o poder sobrenatural de espíritos malignos.³⁵ Em todo caso, o ato tendia a desacreditar o milagre da vara de Arão. Este intento foi compensado quando **a vara de Arão tragou as varas** (12) dos outros. Qualquer que seja o poder que Deus permita os inimigos possuírem, sua força sempre é maior. Contudo, parece que Deus permite a presença de bastante engano junto com seus milagres para que os corações duros, que escolheram endurecer, fiquem ainda mais endurecidos (13; cf. 22).

c) *O coração de Faraó endureceu* (7.13). Há um problema concernente ao endurecimento do coração de Faraó. O versículo 13 é corretamente traduzido por: **O coração de Faraó se endureceu**, mas no versículo 3 Deus diz claramente: **Endurecerei o coração de Faraó**. Também está escrito que Faraó endureceria o próprio coração (8.15). É possível que nesta situação tenhamos três estágios. Primeiro,

a pessoa endurece o coração conscientemente (8.15,32; 9.34). Faraó decidiu resistir e se opor à vontade de Deus e, assim, tornou o próprio coração mais inflexível. Segundo, em consequência disso, o coração se endurece pela ação das leis psicológicas (7.14,22; 9.7,35). Terceiro, quando Deus viu que Faraó estava determinado a resistir, Ele mesmo endureceu o coração do monarca ¹7.3; 9.12; 10.1,20,27; 14.4,8). Tratava-se de julgamento divino sobre o indivíduo (9.11,12), o qual enquanto tivesse vida, coragem física e poder humano continuaria resistindo a Deus.³⁶

Certamente não devemos dizer que Deus leva o homem a ser mau. Faraó era responsável por sua má escolha e por afastar seu coração de Deus. Porém, quando a pessoa fixa sua vontade contra Deus, então Deus a entrega aos desejos ignóbeis que existe em seu coração (Rm 1.24); “como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso” (Rm 1.28). Deus mostra misericórdia a quem se entrega a Ele e endurece a quem o resiste (Rm 9.18). Talvez o julgamento de Deus coloque alguns que se afastam da luz em certo lugar onde eles não podem mais se voltar para Ele (Hb 10.26-30). Deus concedeu vida e habilidade para a resistência de Faraó a fim de fazer maior demonstração de seu poder e glória.³⁷ Deus só endurece o coração de quem primeiro endurece o próprio coração. Ele ocasiona este endurecimento mediante intervenção extraordinária ou pelas respostas comuns às experiências da vida.³⁸

D. As Pragas do Egito, 7.14—11.10

1. As Aguas se Tomam em Sangue (7.14-25)

a) *O anúncio do sinal a Moisés* (7.14-19). Deus estava pronto a desafiar a resistência de Faraó. Para isso, deu ordens para Moisés ir à presença do rei quando este fosse **às águas** (15). Esta ida ao rio Nilo **pela manhã** era provavelmente para adorar.³⁹ **Põe-te em frente dele** significa “para encontrá-lo” (VBB; cf. ARA). Enquanto resistia ao Senhor, Faraó ainda confiava em seus deuses. Esta primeira praga era um ataque direto a um objeto egípcio de adoração. Para este sinal,

Moisés estava de posse da **vara**.

Moisés devia avisar o rei acerca do que Deus estava a ponto de fazer e por que o faria **(16-18)**. Faraó via claramente que estas coisas foram feitas segundo a palavra dos servos de Deus. Moisés deveria lhe dizer que este **Deus dos hebreus** o tinha **enviado (16)** e que este julgamento era para que o monarca soubesse que Jeová era Deus — **eu sou o SENHOR (17)**.⁴⁰

b) *A execução do sinal diante de Faraó (7.20-25)*. **Moisés** passou a palavra de Deus para **Arão**, que **feriu as águas que estavam no rio (20)**. A ordem incluía as águas que havia nas **correntes, rios, tanques e ajuntamentos (19)**. Provavelmente as águas, transformadas em sangue, entraram nos lugares secundários em resultado da praga no rio Nilo, a principal fonte do sistema hidrográfico.⁴¹ A mudança na água foi tamanha que matou os **peixes (21)**, tomando-a imprópria para consumo humano. Os egípcios foram forçados a cavar poços para terem **água (24)** de beber.

Mais uma vez os **magos (22)** conseguiram falsificar o milagre. O texto não diz onde acharam água para fazer seus **encantamentos**. Talvez tenham se servido da pequena provisão de água dos poços recentemente abertos. A fraude que implementaram foi suficiente para fazer com que o coração de Faraó ficasse mais endurecido. Ele recusou dar ouvidos a Moisés e Arão, **como o SENHOR tinha dito**. Deus predisse este endurecimento, porque sabia que Faraó endureceria o coração e também porque sabia que a primeira praga não o mudaria. Deus sabe até as coisas que Ele não determina. Por fazer Israel sofrer, Faraó e sua gente estavam sentindo o peso da mão de Deus. O rei egípcio sabia que era verdade, mas **nem ainda nisto pôs seu coração**, ou seja, “não se preocupou nem mesmo com isso” (23, Smith-Goodspeed).

A praga continuou por **sete dias (25)**, período que poderia ter sido encurtado se Faraó tivesse se rendido. Mas ele provavelmente tinha água dos poços para uso próprio, por isso não se importou com a aflição do povo egípcio.⁴²

Os versículos 14 a 25 revelam “O Servo Fiel de Deus”. 1) Ele ouve as instruções de Deus, 15-19; 2) Ele faz precisamente o que Deus diz, 20; 3) Ele testemunha o grandioso poder de Deus, 21-25.

2. A Praga das Rãs (8.1-15)

a) *As instruções de Moisés e Arão* (8.1-5). Deus manda Moisés novamente à presença de Faraó para exigir: **Deixa ir o meu povo** (1). Talvez a repetição fosse monótona, mas neste caso era necessária para manter a questão clara. Deus pedia somente uma coisa de Faraó, e isto Moisés devia repetir até que se tornasse uma ordem nunca esquecida: **Deixa ir o meu povo**.

Faraó suportou a praga de sangue por sete dias. A continuação da recusa resultaria agora em **rãs** (2). A questão estava clara, pois Deus disse: **Se recusares... eis que ferirei**. Era aviso misericordioso para que o rei pudesse ter evitado a praga. Mas corações endurecidos desafiam os avisos de Deus.

As **rãs** surgiriam do **rio** (3) Nilo e de outros volumes de água (5). A palavra original em hebraico indica que as rãs vieram do lodo dos pântanos, dos quais as águas minguaram.⁴³ Estas criaturas repugnantes, embora não perigosas, tomariam a vida miserável. A praga afetaria o quarto e a **cama** onde os egípcios eram especialmente limpos. Os **fornos** (buracos abertos no chão) e as **amassadeiras** (gamelas, tigelas) ficaram cheios de rãs, tornando quase impossível fazer assaduras. A praga afetaria o rei e seus **servos** (oficiais) bem como o **povo** (4) comum.

b) *A reação de Faraó* (8.6-15). Levando-se em conta que o rio Nilo era considerado sagrado pelos egípcios, para eles esta praga, como as outras, era uma competição entre deuses. Até as rãs eram objetos de adoração,⁴⁴ e por isso não deveriam ser mortas. Podemos imaginar a angústia do egípcio piedoso quando, ao andar ou abrir a porta, esmagava essas criaturas.

Ainda desta vez os **magos** egípcios puderam falsificar o ato de Arão (7). O melhor que fizeram foi aumentar umas poucas **rãs** às multidões

que Deus já trouxera (6). Parece que estes magos não conseguiram fazer com que as rãs sumissem.

Pela primeira vez, a obstinação de Faraó fraquejou; chamou Moisés e Arão para pedir ajuda. No caso das águas transformadas em sangue, ele se servia dos poços, ainda que seu povo sofresse, mas não havia alívio destas rãs. Não conseguia dormir ou comer, por isso pediu clemência. Mostrava-se convencido de que Deus enviara as rãs e que só Ele poderia acabar com elas. Quer tivesse sido sincero ou não, prometeu deixar **o povo** (8) ir.

Moisés estava disposto a ouvir Faraó e lhe conceder o pedido. As palavras: **Tu tenhas glórias sobre mim** (9), são difíceis de traduzir do original hebraico; devem ter sido uma expressão idiomática egípcia não usada em hebraico. O possível significado era: “Submeto-me à tua vontade”, ou: “Estou feliz por cumprir tua ordem”. Era provavelmente expressão de cortesia de um inferior para um superior.⁴⁵ Moffatt e a Versão Bíblica de Berkeley sugerem a idéia: “Tu podes ter a honra de dizer quando” (cf. ARA).

Em vez de pedir abvio imediato, o rei disse: **Amanhã** (10). Havia a esperança subjacente de que até lá as rãs acabassem por meios naturais. Mas Moisés era destemido. Seguiu à risca o pedido do rei para que Faraó soubesse **que ninguém há como o SENHOR, nosso Deus**, que tanto traz julgamento quanto mostra misericórdia. Nesta altura dos acontecimentos, Moisés estava muito mais confiante no propósito e no poder de Deus.

Quando saiu da presença de Faraó, **Moisés clamou ao SENHOR (12)** para que acabasse com as rãs. Embora soubesse que Deus o faria, precisava interceder. E do agrado de Deus que peçamos com fervor mesmo quando Ele já prometeu fazer. Deus respondeu a oração matando as rãs **(13)**, em vez de fazer com que voltassem para o rio, como indicava a promessa **(11)**. Dessa forma, o Senhor deixou com os egípcios uma lembrança do julgamento divino sobre eles **(14)**.

E interessante notar que, quando Deus falou, Moisés e Arão obedeceram (5,6). Quando Faraó fez o pedido a Moisés, ele o atendeu

(8,9). Quando Moisés clamou a Deus, o Senhor fez como Moisés pediu (12,13). A única interrupção neste círculo foi a falta de sinceridade por parte de Faraó.

Vemos a pouca profundidade do arrependimento de Faraó no fato de ele ter endurecido o **coração** quando o julgamento foi retirado (**15**; cf. **7.13** e comentários ali). A palavra **descanso** significa literalmente “espaço aberto”. “Assim que ‘teve fôlego’ ele endureceu o coração novamente.”⁴⁶ Como muitos, este homem se mostrava flexível ao ser afligido, mas não entregava sua vontade a Deus. Quando a dificuldade passava, ele era a mesma pessoa obstinada que antes, ou pior.

Vemos nos versículos 1 a 15 “O Julgamento e a Misericórdia de Deus”.

1) As provações vêm para que sejamos levados ao arrependimento, 1-6; 2) Durante as provações, o arrependimento pode ser temporário, 8,15; 3) Deus mostra sua misericórdia ao pecador mais orgulhoso, 12,13; 4) O servo de Deus deve ser útil às almas penitentes, 9-11.⁴⁷

3. *A Praga dos Piolhos* (8.16-19)

Desta vez sem aviso ou oportunidade de rendição, Deus mandou que **Moisés** dissesse a **Arão** para ferir o **pó**, que se tornaria em **piolhos** (16, ou “mosquitos”, segundo Moffatt e Smith-Goodspeed). Estes insetos atingiram os **homens** e o **gado** (17). Atacavam a pele, o nariz, os ouvidos e os olhos, causando muita irritação e até morte.⁴⁸ Com tantos piolhos — **todo o pó da terra** — não havia meio de encontrar alívio.

Pela primeira vez, os **magos**, com sua magia, não conseguiram imitar o feito (18). Primeiramente, porque, neste caso, não receberam aviso prévio sobre o que esperar. Depois, a situação chegou a um ponto em que era claramente obra de Deus. Deus permite que os ímpios cheguem longe, mas há um limite onde são detidos. A confissão: **Isto é o dedo de Deus** (19), não era necessariamente reconhecimento da superioridade de Jeová tanto quanto era reconhecimento do fim da magia humana. Desta feita, não havia meio de produzirem uma duplicação enganosa. Seus encantamentos acabaram.

A mentira e desobediência de Faraó (8,15) deixaram seu coração tão duro que esta confissão sequer o amedrontou; ele **não os ouvia** — nem a seus servos, nem a Moisés.

4. *Os Enxames de Moscas* (8.20-32)

a) *O aviso e a praga* (8.20-24). Uma vez mais Deus manda Moisés confrontar Faraó **pela manhã cedo**, quando o monarca está a caminho das **águas**, provavelmente para comparecer a uma cerimônia religiosa (20; cf. 7.15). O servo de Deus tinha de repetir a ordem: **Deixa ir o meu povo**, e avisar Faraó que se ele recusasse o pedido haveria uma praga de **moscas (21)**. No hebraico não está claro que tipo de inseto era: se mosca, “mosquito” (Moffatt), besouro ou uma mistura de insetos.⁴⁹ A Versão Bíblica de Berkeley diz que eram “moscas-da-madeira” (inseto também conhecido por moscardo, tavão, moscão). **O** que quer que sejam, eram **grandes enxames** e a **terra foi corrompida (24)**, ou seja, foi destruída por eles.

Os egípcios também consideravam estes insetos sagrados, sendo errado matá-los. Poderiam entrar nas casas, arruinar a mobília decorativa e tornar a vida insuportável para as pessoas. Não havia poder humano que os vencesse.

Algo diferente aconteceu com esta praga. Com as outras pragas, os israelitas na **terra de Gósen** sofreram juntamente com os egípcios, mas nesta Deus separou o seu povo dos egípcios (22). Ele salvaguardou seu povo do julgamento. Este ato anuncia claramente que o Senhor destas pragas era o Deus dos hebreus. O povo de Deus, por causa da humanidade comum, pode sofrer alguns julgamentos enviados sobre os ímpios, mas até certo ponto, quando, então, é poupado do pior.

b) *A reação e a contraproposta de Faraó* (8.25-32). A reação de Faraó a esta praga foi imediata. Ele fez uma contraproposta: **Ide e sacrificai ao vosso Deus nesta terra (25)**. Mas Moisés tinha a resposta na ponta da língua. Não conviria aos israelitas sacrificarem no Egito, porque o sacrifício de animais sagrados aos **egípcios** lhes seria uma **abominação (26)**, levando-os provavelmente a apedrejar os

israelitas. Moisés manteve seu pedido de **caminho de três dias ao deserto** (27). Quando Deus ordena, não há lugar para barganhas com homens perversos.

Faraó reconheceu que Moisés tinha razão. Ele concordou em deixar Israel ir, mas somente a curta distância deserto adentro (28). Moisés acreditou no que Faraó disse (quem sabe entendendo as palavras **não vades longe** como referência aos três dias de viagem) e prometeu rogar **ao SENHOR** (29). Mas advertiu: **Somente que Faraó não mais me engane**. Deus, **conforme a palavra de Moisés**, retirou as **moscas** e **não ficou uma só** (31). A completa suspensão desta praga fez com que o rei ficasse mais inflexível e **não deixou ir o povo** (32). Em face de tão grande apresentação da verdade, o próprio Faraó endureceu ainda mais o coração (cf. comentários em 7.13). Sua vontade estava cada vez mais renitente contra Deus e seu povo.

Os versículos 20 a 32 mostram “O Coração Rebelde”. 1) Sofre no julgamento, 20-24; 2) Sugere uma contraproposta, 25,26; 3) Faz fraudulentamente uma concessão, 28; 4) Recebe sinais da misericórdia de Deus, 29-31; 5) Recusa petulantemente o plano de Deus, 32.

5. A Morte do Gado (9.1-7)

Deus pacientemente continuou exigindo de **Faraó (1)** a liberação dos israelitas — o povo do concerto. Avisou que se o rei continuasse recusando **deixá-los ir (2)**, viria outra praga. Deus poderia ter destruído Faraó em um instante e tirado seu povo do Egito, mas preferiu recorrer à vontade deste tirano perverso. **O gado** do Egito tornou-se o alvo desta quinta praga **(3)**. Pela primeira vez a Bíblia faz menção a **cavalos**. Desconhece-se a natureza desta **pestilência gravíssima**, mas era fatal para o gado **(6)**.

Os aspectos milagrosos desta praga são: a ocorrência no **gado, que está no campo** 13), afastado do contato com animais infetados; a isenção do **gado dos israelitas** (4); e o tempo exato do acontecimento (5).

Não devemos entender em sentido absoluto a declaração **todo o gado dos egípcios morreu** (6). Em hebraico, o termo **todo** designa grande número em vez de completude, totalidade.⁵⁰ Ainda havia gado que sofreu com a sétima praga (20,21). Esta doença afetou o gado que estava **no campo** (3). Além disso, o gado que morreu era do Egito, dando destaque ao fato de que o gado de Israel não morreu (4), e este pode ser o significado do versículo 6.

O coração de Faraó se endureceu de novo quando descobriu que o gado de Israel não foi atingido (7; cf. 7.13 e comentários ali). Ele permitiu que o ciúme e o ódio gerassem mais obstinação contra Deus. É possível que pensou em requisitar o gado de Israel para substituir o que perdera.

6. *A Sarna e as Úlceras* (9.8-12)

Na sexta praga, como na terceira, não houve repetição da exigência a Faraó e nenhum aviso foi dado. Moisés estava perante o rei, pegou **cinzas do forno** (o forno de olaria onde se fabricavam tijolos) e as lançou no ar. As **cinzas** se tornaram “em tumores que se arrebentavam em úlceras nos homens e nos animais” (11, ARA). O milagre estava nas cinzas que se tornaram **em pó miúdo (9)** e se espalharam por todo o Egito, produzindo sarna ou furúnculos. Presumimos que Israel também escapou desta praga.

O texto menciona **os magos (11)**, mas desta vez eles estão aflitos com a sarna, incapazes de competir com o poder de Deus ou de permanecer na presença de Moisés. Nada mais ficamos sabendo sobre esses magos por este registro bíblico.

Aqui, pela primeira vez, é mencionado que o **SENHOR endureceu o coração de Faraó** (12), cujo ato foi previsto em 7.3. O julgamento de Deus começara sobre este homem perverso, tornando seu coração ainda mais duro. Quando os homens persistem na desobediência, chega o momento em que Deus envia “a operação do erro, para que creiam a mentira” (2 Ts 2.11). Sobre o endurecimento do coração de Faraó ver comentários em 7.13.

7. *O Granizo e o Fogo (9.13-35)*

a) *O pedido a Faraó (9.13-17)*. Esta praga foi prefaciada pela exigência e aviso freqüentemente repetidos (13,14). Entrementes, Faraó esperava seus visitantes indesejáveis **pela manhã cedo**. Ele não conseguia se livrar destes homens que eram agouros do mal.

Embora as pragas não seguissem umas às outras com aumento de intensidade, havia um aumento global de perigo de vida. Moisés deveria dizer a Faraó: **Esta vez enviarei todas as minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo** (14). A competição se aproximaria mais do rei ímpio e o impacto seria de maior intensidade. O propósito de Deus era claro: **Para que saibas que não há outro como eu em toda a terra** (14).

Esta praga continha várias características inéditas: “1) É prenunciada com uma mensagem invulgarmente longa e excessivamente medonha (w. 13-19). [...] 2) É a primeira praga que ataca a vida humana; e o faz em grande escala: todos os homens e animais expostos a esta calamidade perecem (v. 19). 3) É a mais destrutiva às propriedades que todas as outras anteriores. [...] (v. 31). 4) É acompanhada com demonstrações terríveis. [...] (v. 23). 5) É feita para testar o grau de fé ao qual os egípcios atingiram. [...] (v. 20)”.⁵¹ Granizo e trovão, ou até chuva, eram raros no Egito, e tais fenômenos climáticos que acompanhavam estas tempestades eram desconhecidos pelos egípcios.

As palavras: **Agora tenho estendido a mão (15)**, são mais bem traduzidas por: “Já eu poderia ter estendido a mão” (ARA). O original hebraico transmite a possibilidade do passado. Deus estava dizendo que poderia ter dado um fim rápido a Faraó e seu povo. Só não o fizera porque queria mostrar o seu **poder** e dar glória ao seu **nome** (16). Deus alongara a vida de Faraó e permitira que ele continuasse resistindo para que Deus revelasse os grandiosos poderes de que dispunha a favor do povo que clamara a Ele. Por estes atos poderosos seu nome seria **anunciado em toda a terra**. É provável que não haja acontecimento na história que seja mais amplamente conhecido que a libertação de Israel do Egito. O versículo 17 é um desafio na forma de pergunta a Faraó: **Tu ainda te levantas contra o meu**

povo, para não os deixar ir? Um rei que se exaltou contra o poder divino tornou-se meio de maior glória para Deus.

b) *O aviso e a promessa* (9.18-21). O aviso (18) dado aos egípcios, que até agora desconheciam o confronto que havia entre Faraó e Moisés, foi a oportunidade de se proteger e ao seu gado. Eles tinham de levar para casa os homens e os animais a fim de se protegerem (19). Alguns egípcios temeram a **palavra do SENHOR** (20) e tomaram medidas urgentes para se resguardar. Outros, porém, não deram atenção à **palavra do SENHOR** (21) e nada fizeram. Estes fatos nos fazem lembrar dos tempos do Novo Testamento. Quando Jesus falava, alguns criam em sua palavra, ao passo que outros não.

c) *A intensidade da praga* (9.22-26). Os fenômenos climáticos de **trovões, saraiva e fogo** devem ter sido terríveis (23-25). As pedras eram tão grandes que mataram **homens e animais** e quebraram **as árvores** (25). **Nunca houve** algo assim **na terra do Egito** (24). As colheitas de cevada e linho estavam suficientemente germinadas para serem destruídas, enquanto que o trigo e o centeio (*holius sorghum*, não o centeio no sentido comum)⁵² ainda estavam por germinar, por isso permaneceram incólumes (31,32). A mão protetora de Deus estava sobre os israelitas, que escaparam da tempestade **na terra de Gósen** (26).

d) *A reação de Faraó* (9.27-35). Desta vez, Faraó ficou tremendamente amedrontado. Confessou: **Pequei; o SENHOR é justo** (27). Pediu clemência e prometeu: **Eu vos deixarei ir** (28). Moisés atendeu o pedido de Faraó para que este soubesse **que a terra é do SENHOR** (29). Mas a esta altura Moisés sabia que o rei e seu povo ainda não temeriam **diante do SENHOR Deus** (30). É fácil para o indivíduo cujo coração é duro se endurecer ainda mais quando a adversidade passa (34; cf. 7.13 e comentários ali). Muitos confessam os pecados, fazem promessas e parecem arrependidos sob julgamento, mas acabam revelando o verdadeiro eu quando a dificuldade diminui. A profundidade da mudança é conhecida quando as circunstâncias externas mudam. No versículo 31: **O linho, na cana** significa “O linho estava em botão” (Moffatt).

Os versículos 27 a 30 retratam “O Falso Arrependimento”. 1) Possui a característica de confissão, 27; 2) Reconhece a justiça de Deus, 27; 3) Admite a incapacidade pessoal e busca a ajuda de Deus, 28; 4) Promete melhorias, 28; 5) Carece do temor de Deus, 30.⁶³

8. *A Praga dos Gafanhotos* (10.1-20)

a) *Razões para o endurecimento do coração de Faraó* (10.1,2). Deus deu a Moisés duas razões para ele endurecer o coração de Faraó e de seus servos. A primeira, é que Ele queria **fazer estes** seus **sinais no meio deles** (1). Tivesse Faraó se rendido antes, as últimas e maiores maravilhas não teriam sido feitas. Em semelhante situação, os egípcios não teriam ficado convencidos das ações divinas. Deus prolongou a agonia até que todos vissem sua glória.

A segunda razão é que Deus queria que as gerações futuras do seu povo, Israel, soubessem e recontassem esta libertação maravilhosa vezes sem conta (2). O aumento da intensidade dos sinais e sua multiplicação causaram profunda impressão nos israelitas e os convenceu incontestavelmente de que Deus era o **SENHOR**. As palavras: **As coisas que fiz no Egito**, são mais corretas por: “Como zombei dos egípcios” (ARA). Havia ironia divina no fato de a obstinação de Faraó ter levado a maiores manifestações da glória e do poder de Deus.⁵⁴ Estas garantias repetidas a Moisés o prepararam para a teimosia de Faraó, visto que lhe foi dito muitas vezes que Deus tinha uma mão no estado emocional do monarca (cf. 7.4,5 e comentários ali).

b) *O anúncio a Faraó* (10.3-6). Moisés foi a Faraó e lhe deu a nova mensagem de forma clara e às pressas. O prolongamento destas aflições era por causa do orgulho de Faraó: **Até quando recusas humilhar-te diante de mim?** (3). Desta feita, Deus traria **gafanhotos** (4) para a terra. Eles cobririam a **face da terra** (5) e comeriam tudo que restou das outras pragas. Estes gafanhotos entrariam nas **casas** e constituiriam tremenda ameaça jamais vista no Egito (6).^K Depois deste anúncio, Moisés e Arão saíram apressados da presença do rei.

c) *A tentativa de acordo* (10.7-11). **Os servos de Faraó** (7), os funcionários da corte mais próximos ao rei, começaram a argumentar. Primeiro, os magos ficaram impressionados com o poder de Deus (8.19). Segundo, alguns egípcios creram o suficiente para retirar o gado e os escravos do campo quando a praga foi anunciada (9.20). Agora altos funcionários egípcios criam que aconteceria o que Moisés dizia. Suplicaram a Faraó que não permitisse mais que este Moisés lhes fosse **por laço** (7; ou “cilada”, ARA). A única salvação para o Egito era ceder e deixar o povo israelita ir. A palavra **homens** aqui (7) se refere a todo o povo. Os **servos** sabiam, melhor que Faraó, que o Egito estava quase arruinado.

Por esta razão, **Moisés e Arão** (8) foram levados outra vez à presença do rei. Pela primeira vez, Faraó cedeu antes do início da praga. Deu permissão para os israelitas partirem, mas tentou fazer outro acordo. Ele permitiria a ida dos homens se deixassem suas famílias e rebanhos. Seu objetivo era destruir a totalidade da proposição opondo-se aos detalhes. Moisés deixou claro que todos iriam — os **meninos**, os **velhos**, os **filhos**, as **filhas**, as **ovelhas** e os **bois** (9). Sempre é bom saber perfeitamente os próprios planos ao lidar com um oponente da verdade. O versículo 10 é mais bem traduzido por um tipo de juramento: “Esteja o Senhor convosco, se algum dia eu vos deixar ir com seus pequeninos! Vede que tendes algum propósito mau em mente” (ATA). O rei considerava a concessão plena do pedido como se fosse uma blasfêmia: “Tão improvável quanto vos deixarei ir com vossos filhos é tão improvável que vós ides em vossa viagem, sendo igualmente tão improvável que Jeová estará convosco”.⁶⁶ Faraó ficou enfurecido ao sentir a pressão e ver a firmeza de Moisés. Ele poderia chegar a um acordo, mas nunca ceder completamente.

- [Faraó admitiu o que sabia desde o princípio. Este](#)
- [O CONCERTO NO MONTE SINAI](#)
- [A INSTITUIÇÃO DA ADORAÇÃO A DEUS](#)
- [Quando Moisés chegou ao arraial e viu pessoalmente](#)
- [43/0.](#)

Ameaça à Existência de Israel (1.15-22)

2

O escritor de Exodo está compondo o cenário para o nascimento e proteção milagro

3

sa de Moisés. A reação dos israelitas confundiu o maldoso rei do Egito e seus conselhei

4

ros, que tiveram de recorrer a métodos mais severos para debilitar Israel.

Faraó admitiu o que sabia desde o princípio. Este povo queria a liberdade. Acusou essas pessoas de serem mal-intencionadas (10). Teria a garantia do retorno dessa gente ao Egito retendo os **filhos**. Os **varões** (cf. 7) poderiam ir (11); Faraó insinuou que desde o início era isso mesmo que eles queriam. Sentia-se exasperado e imediatamente expulsou Moisés e Arão da sua presença.

d) *A invasão dos gafanhotos* (10.12-15). Sem mais avisos, Deus enviou os **gafanhotos** (12). Vemos o aspecto milagroso no fato de os insetos surgirem quando **estendeu Moisés sua vara** (13). O vento soprou por 24 horas, trazendo gafanhotos de muito longe. Não era comum que eles estivessem **sobre toda a terra do Egito** (14). Nunca houve nem haverá tamanha infestação de gafanhotos.

Quando o registro bíblico diz que eles **cobriram a face de toda a terra** (15), significa a terra do Egito, exceto, presumimos, a terra de Gósen onde Israel habitava. Se os israelitas tivessem sofrido com esta praga, depois de terem sido isentos das outras, teria sido pior para eles do que para os egípcios, pois teriam mais a perder. Entendemos que a divisão de Deus entre Israel e o Egito continuou valendo para todas as pragas depois das moscas (8.22). Não está claro se cobrir a **face de toda a terra** significava uma camada espessa de gafanhotos no chão ou nuvens grossas no ar. Provavelmente a primeira opção⁷ é a correta.⁵⁸

e) *O abrandamento de Faraó* (10.16-20). Sob a pressão deste julgamento, Faraó pediu a Moisés que trouxesse alívio. E habitual homens obstinados sejam movidos mais por emoções momentâneas do que pela razão. Desta vez, Faraó admitiu ter pecado **contra o SENHOR** e contra Moisés (16). Pediu perdão pelo pecado e queria alívio desta **morte**, a praga (17). Superficialmente, parecia muito sincero.

Quando Moisés **orou ao SENHOR** (18), Deus enviou **um vento ocidental fortíssimo** (provavelmente vento noroeste vindo do mar Mediterrâneo) que varreu os gafanhotos para o **mar Vermelho**. Nenhum gafanhoto permaneceu na terra. Ninguém em são juízo

duvidaria do fato de a mão de Deus estar nesta praga e em sua remoção. Mas nem as emoções do medo e preocupação ou as faculdades racionais da mente mudariam o coração de Faraó. Seu coração estava tão firme contra Deus que ele não se renderia. Agora Deus o tornara escravo da teimosia e o dirigia a um triste fim (cf. 7.13 e comentários ali). Visto que se aferrava em sua resistência a Deus, Faraó se tornaria exemplo de maldade de coração perverso e, por conseguinte, do poder do Deus Todo-poderoso.

9. As *Trevas* (10.21-29)

Não houve anúncio para esta nona praga. Sob as ordens de Deus, **Moisés estendeu a sua mão para o céu, e houve trevas espessas em toda a terra do Egito por três dias** (22), trevas que podiam ser apalpadas (21).

A maioria dos estudiosos concorda que foi o *hamsin*, uma tempestade de areia tão :emida no Oriente, que ocasionou estas trevas.⁵⁹ O milagre estava em que veio segundo a palavra de Deus (21) e não ocorreu onde o povo de Deus habitava (23). As trevas eram tão densas que os homens não se viam uns aos outros. Não é necessário supor a inexistência de luz artificial ou o fato de as pessoas não se movimentarem em seus lares.⁶⁰ Toda a atividade comercial e empresarial cessou e a população egípcia ficou em casa.

Agora Faraó estava pronto para outra contraproposta. Depois de chamá-lo, disse a Moisés: **Ide, servi ao SENHOR; somente fiquem vossas ovelhas e vossas vacas** (24). Igual a Satanás! Cede quando é forçado, mas busca uma pequena concessão. Muitas pessoas sucumbem às sugestões malignas e aceitam a proposta. Mas Moisés não! Ele declarou: **Nem uma unha ficará** (26). Moisés sabia qual era a ordem de Deus, embora ainda não dispusesse de todas as razões. Esperava mais instruções conforme o desdobrar dos acontecimentos.

Os cristãos nunca conseguirão plena vitória enquanto derem lugar ao diabo. Há quem insista que um pequeno pecado não faz mal, ou que sempre fica algum mal no coração. Mas a Palavra de Deus é clara: “Que [...] vos despojeis do velho homem” (Ef 4.22); “Despojai-

vos também de tudo” (Cl 3.8); “Não deis lugar ao diabo” (Ef 4.27). Nenhum acordo com Satanás jamais resultará em vitória total ou liberdade completa para o filho de Deus.

O Senhor ainda tinha algo a tratar com Faraó. Deus desejava mostrar o que Ele faz com quem lhe resiste tão cabalmente. Em vez de Faraó permitir a saída de Israel, Deus endureceu ainda mais o coração do monarca (27; cf. comentários sobre 7.13). A raiva deflagrou-se furiosamente sobre Moisés, quando Faraó ordenou que o servo de Deus se afastasse para sempre, ameaçando-o de morte se o visse novamente (28). Pelo menos por uma vez Moisés ouviu a voz da verdade em Faraó, e respondeu: **Bem disseste; eu nunca mais verei o teu rosto** (29). Faltava pouco para Deus terminar com Faraó. Não havia muita coisa que este tirano pudesse fazer, preso como estava nos laços do seu coração arrogante.

Nos capítulos 8 a 10, vemos “Os Perigos das Concessões ao Pecado”. 1) Permanecendo perto do mundo: **Sacrificai... nesta terra**, 8.25,28; 2) Negligenciando a religião em família: Deixai os **varões** irem, 10.8-11; 3) Retendo os bens materiais: Deixai as **ovelhas** e as **vacas** ficarem, 10.24; 4) Vencendo por total compromisso: **Nem uma unha ficará**, 10.26.

10. *O Anúncio da Última Praga* (11.1-10)

a) *Deus fala com Moisés* (11.1-3). Talvez estes versículos sejam parentéticos, porque os versículos 4 a 8 são continuação da narrativa da última visita de Moisés a Faraó. Alguns estudiosos advogam que a tradução deveria ser: **O SENHOR** tinha dito **a Moisés** (1).⁶¹ O pensamento é que Deus já dissera essas coisas a Moisés (ver 3.21,22), que inseriu as palavras neste momento oportuno. Outros duvidam da validade desta tradução e asseveram que Deus deu estas palavras a Moisés quando este estava na presença de Faraó.⁶² Em qualquer caso, a mensagem não deixava dúvida. Ainda haveria mais uma praga e, depois, Faraó lançaria Israel para fora do Egito.

Quando esse momento chegasse, os filhos de Israel, homens e mulheres, deveriam pedir aos egípcios jóias **de prata e de ouro** (2). A

idéia era arrancar dos egípcios tesouros de valor. Como exército conquistador, os israelitas deveriam despojar os egípcios (3.22).

Por receberem **graça... aos olhos dos egípcios** (3), as provisões com as quais Israel seria lançado para fora do país aumentariam. O versículo 3 dá um vislumbre por trás dos bastidores do Egito, enquanto ocorria a franca competição entre Faraó e Moisés. No cenário do palco público, parecia que Moisés estava fracassando, com Faraó recusando-lhe os pedidos e acusando-o de más intenções e insubordinação. Mas o povo comum estava impressionado com o Deus de Israel e começava a honrar o servo e o povo do Senhor.

Com a nona praga, os egípcios passaram a considerar os israelitas como povo de Deus e a lhes desejar o bem. A razão para estas boas graças deve-se em grande parte ao líder, Moisés, que a esta altura era “grandemente estimado na terra do Egito” (3, Smith-Goodspeed). A competição com Faraó e as resultantes vitórias haviam elevado Moisés aos olhos dos egípcios e lhe colocado no mesmo nível que Faraó, o qual era venerado como deus na terra.⁶³

b) *Moisés fala com Faraó* (11.4-8). No versículo 4, a conversa com Faraó é continuação de 10.29. O rei poderia ter evitado esta catástrofe final se tivesse agido com prudência e sensatez, mas seu coração era excessivamente duro.

A **meia-noite** (4) da calamidade indicava a hora do dia, mas não de qual dia. Neste julgamento, Deus agiu diretamente sem ação por parte de Moisés. O **primogênito** sempre se referia a homens, e era o orgulho e alegria dos egípcios. O filho mais velho “era a esperança, o esteio e o sustento da casa, o companheiro do pai, a alegria da mãe, o objeto de reverência do irmão e da irmã”. Era o “príncipe hereditário da coroa” e o sucessor do pai. “Ninguém concebia maior angústia, exceto a matança geral do povo, do que a morte súbita em cada família daquele em torno de quem se construíam os mais sublimes sonhos e as mais profundas esperanças.”⁶⁴ Nesta noite morreriam os primogênitos, desde o primogênito do palácio do rei até ao primogênito da choupana da mais simples criada (5). **A serva que está detrás da mó** pode ser “a escrava atrás do moinho manual”

(VBB).

Este desastre geraria um **grande clamor** (6), que ressoaria **em toda a terra do Egito**. Quem viaja para o Oriente sabe como são estridentes os gritos que os enlutados dão.⁶⁰ Este seria o maior clamor jamais ouvido antes ou depois desta desgraça. Neste julgamento, Deus protegeria o seu povo (7). Nem mesmo um **cão** latiria entre os israelitas — ninguém morreria. Foi Deus que estabeleceu a diferença entre o seu povo e os egípcios.

Moisés previu a urgência dos **servos** de Faraó. Eles se curvariam diante de Moisés e insistiriam que ele e o povo partissem (8). Neste momento, Moisés prometeu: **Eu sairei**. Neste ponto, Moisés deu sua última palavra a Faraó; ele nunca mais o veria. Este rei perverso selou sua destruição e estava pronto para o julgamento final de Deus. Moisés saiu da presença de Faraó **em ardor de ira**, mas não por estar frustrado. Ele sentia a justa indignação de Deus por causa deste homem que pensava ser bastante forte para desafiar Deus e que por sua obstinação trouxera destruição entre os egípcios. Nada mais restava a Faraó, senão a punição final de Deus. Ele desperdiçou o dia da oportunidade.

c) *Resumo geral* (11.9-10). Estes dois últimos versículos do capítulo 11 são um resumo geral dos encontros com Faraó. As recusas do rei resultaram nos atos poderosos de Deus. Estas coisas foram preditas (9) e se realizariam (10). Apesar do tirano de coração duro, o Deus Todo-poderoso cumpriria seu propósito e o faria com mão poderosa.

“O Povo de Deus” no capítulo 11 é: 1) Honrado e respeitado pelos inimigos, 2,3; 2) Protegido por Deus das devastações do julgamento, 4-7; 3) Liberto da escravidão pela poderosa mão de Deus, 1,8-10.

Seção II

LIBERTAÇÃO E VITÓRIAS

Êxodo 12.1—18.27

A. A Páscoa, 12.1-36

A libertação de Israel do Egito foi acontecimento extraordinário que sempre seria lembrado por Israel. O termo *páscoa* tem vários sentidos. O acontecimento em si era a passagem de Deus sobre os filhos de Israel quando o destruidor matasse os primogênitos egípcios (23,27). A festa na época do acontecimento chamava-se **a Páscoa do SENHOR** (11). Israel celebraria esta festa todos os anos **por memória** (14). A palavra *páscoa* é usada para descrever todas estas três situações.

1. *As Instruções de Moisés acerca da Primeira Festa da Páscoa* (12.1-13)

Deus instituiu um ano novo para Israel. O ano se iniciava costumeiramente no outono com o mês de tisri. Mas agora, **o primeiro dos meses do ano** religioso seria **abibe** (13.4), seis meses antes do começo do ano civil.¹ Depois do exílio, o mês de abibe tornou-se conhecido por *nisã*.¹

Moisés tinha de instruir os israelitas a tomar **um cordeiro** para cada casa (3) **aos dez deste mês** de abibe. O versículo 3 fica mais claro assim: “Cada homem arranjará um cordeiro para sua família paterna, um cordeiro para cada casa” (VBB). Se o cordeiro fosse muito para uma só família, os vizinhos deviam se reunir de acordo com a quantidade de pessoas para que um cordeiro fosse comido (4). A escolha do cordeiro quatro dias antes da festa (cf. v. 6) era para observar o animal. O animal não devia apresentar **mácula** (5) e tinha de ter menos de um ano de idade. O animal mais novo indicava inocência. Este **cordeiro** (*seh*) podia ser uma ovelha ou cabrito, embora na prática só se usassem ovelhas.²

No **décimo quarto dia**, o cordeiro seria morto **à tarde** (6, lit., “entre as tardes”). Podia significar entre o pôr-do-sol e o cair da noite ou entre o declínio do sol e o pôr-do-sol. Lange acreditava que era no começo da tarde, pois assim haveria mais tempo para as atividades pascais.³ Moffatt traduz: “Todo membro da comunidade de Israel matará o cordeiro entre o pôr-do-sol e o cair da noite”. O povo

colocaria o **sangue** do cordeiro **em ambas as ombreiras e na verga da porta** (7), ou seja, “nos batentes dos lados e de cima das portas das casas” (NTLH). Podia ser uma janela guarnecida de treliça que ficava em cima da porta.⁴ Os israelitas comeriam a **carne** à noite, depois de tê-la **assada ao fogo** (8). O texto não identifica as **ervas amargas**, mas eram tradicionalmente endívia (tipo de chicória), agrião, pepino, rábano, alface e salsa. O cordeiro era assado inteiro com a **cabeça**, os **pés** e a **fressura** (9) ou as entranhas. “Os comentaristas judeus dizem que os intestinos eram tirados, lavados e limpos, e depois colocados de volta no lugar; assavam o cordeiro em um tipo de forno”.⁴ Nada ficava do cordeiro **até pela manhã** seguinte; o que não era comido deveria ser queimado (10).

Podemos entender os detalhes dos versículos 5 a 10 como um tipo de “Cristo, o Cordeiro de Deus”. 1) Era puro e imaculado, 5; 2) Morreu no final da tarde, 6; 3) Aplica seu sangue no coração dos crentes, 7; 4) Torna-se o Substituto para o portador da ira de Deus, 8,9; 5) Tem de ser recebido totalmente pelo crente, 10. Deve ser recebido sem o fermento do pecado e em tristeza de arrependimento segundo Deus, 8.

Enquanto comiam, os israelitas deviam estar prontos para a viagem, com as longas vestes reunidas e presas nos **lombos** com cinta (11).⁵ Deviam estar com os **sapatos nos pés** e o **cajado na mão**, enquanto comiam às pressas — ação pelo menos em parte simbólica da prontidão do cristão pela volta de Cristo. Durante a noite, Deus feriria os egípcios e executaria **juízos em todos os deuses do Egito** (12). Os egípcios reputariam a morte de todos os animais primogênitos do Egito como julgamento sobre seus deuses.⁶

O sangue vos será por sinal que Deus veria e não feriria quem estivesse na casa onde o sangue fora aspergido (13). ¹²

A importante lição desta festa era a completa separação do **fermento**. Não deveria haver fermento no pão e nem mesmo nas **casas** (18,19). Toda pessoa que comesse fermento (de forma persistente e consciente) seria **cortada da congregação de Israel**, quer dizer, perderia os

privilégios e direitos de israelita.^{3 7 4 5 6 8 9 10} Esta ordem se aplicava ao israelita de nascença — o **natural da terra** — e ao **estrangeiro** que se juntava ao povo de Israel por escolha. Para os israelitas, o pão não levedado era sinal de que entraram numa nova vida com Deus, livres dos males do Egito. O fermento é tipo de corrupção causada por fermentação.^{11 12} Simboliza a velha vida de pecado e a natureza pecaminosa no homem. Paulo escreveu: “Alimpai-vos, pois, do fermento velho. [...] Pelo que façamos festa, não com [...] o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Co 5.7,8). Tanto no Antigo quanto no Novo Testamento é claro o ensino de limpeza total de todo o pecado.

3. *As Instruções para os Anciãos* (12.21-28)

Agora Moisés estava pronto para comunicar o que Deus lhe dissera. Como é necessário o homem de Deus saber em primeira mão qual é mensagem a entregar! Deviam usar **um molho de hissopo** para aplicar o **sangue** do cordeiro **na verga da porta, e em ambas as ombreiras** (22). Esta planta era muito “apropriada para aspergir sangue” e “por seu uso freqüente para este propósito veio a ser símbolo de purificação espiritual” (cf. SI 51.7).¹³ A ordem era para que os israelitas esperassem **até à manhã** para saírem da casa onde o sangue fora aspergido (22).

Moisés assegurou aos **anciãos** que o Senhor passaria sobre Israel quando fosse ferir os egípcios com o **destruidor** (23). O primogênito não seria atingido **quando** Deus visse o **sangue**. Era necessário providenciar o sangue e que este fosse aspergido — fato significativo para nossos dias em referência à expiação de Cristo (1 Pe 1.18,19). **Este culto** (25, a atividade da noite) seria renovado anualmente como lembrança, ou lição prática, para os filhos (24-27). Quando os israelitas se inteiraram dos planos de Deus, inclinaram-se e adoraram (27). A promessa de Deus de favorecê-los com exclusividade os fez humildes e despertou neles emoções santas. Tendo encontrado Deus na adoração, **foram os filhos de Israel e fizeram... como o SENHOR ordenara** (28).

Não só Faraó e seus servos, mas todos os **egípcios apertavam ao povo** israelita para que fossem logo embora. “Os egípcios pressionavam o povo para que se apressasse em sair do país” (NVI). Temiam que **todos** fossem **mortos** (33). A tradução de Moffatt do versículo 34 indica a pressa com que o povo de Israel saiu: “Assim o povo agarrou apressadamente a massa, antes mesmo de levedar, e embrulhou as amassadeiras nas roupas, levando-as nos ombros”. Já haviam pedido jóias dos egípcios em tamanha quantidade que os egípcios ficaram empobrecidos (35,36). Temos a impressão que muitos ajudaram Israel a se aprontar antes mesmo da Páscoa. Agora insistiam que fossem depressa. Foi assim que Israel fugiu da escravidão egípcia depois de espantosa noite de vitória. O verbo hebraico *sha’el* (“pediram”, 35) pode ser traduzido igualmente por “pediram” ou “exigiram”. Os hebreus tinham a receber quantia considerável em salários pelo trabalho involuntário e não pago.

A vitória de Deus para Israel trouxe “A Grande Salvação” observada nos versículos 26 a 36. 1) O pré-requisito: **Os filhos de Israel** fizeram como o **SENHOR ordenara**, 26-28; 2) A proteção: **O SENHOR** passou sobre as **casas dos filhos de Israel**, 27,29,30 (cf. ARA); 3) A provisão: **O SENHOR deu graça ao povo**, 31-36.

B. O Êxodo, 12.37—15.21

1. A Partida do Egito (12.37-42)

a) *O número dos que se puseram em marcha* (12.37-39). No dia seguinte à noite da morte dos primogênitos dos egípcios, **partiram os filhos de Israel** para **Sucote** (37). Não sabemos a localização certa deste lugar, embora fosse viagem curta de um dia **de Ramessés** para o leste em direção ao mar Vermelho (ver Mapa 3). Deve ter sido tarefa custosa levar este grande grupo a um ponto central; talvez tivessem feito um planejamento para quando o momento da vitória chegasse.

Muita controvérsia gira em torno da questão do número de israelitas que saiu do Egito. Os estudiosos liberais, pouco propensos a

considerar providência milagrosa, recusam-se a aceitar um número alto como implica o montante de **seiscentos mil** homens.¹⁵

Contestam a possibilidade de a população israelita aumentar tanto levando em conta o tempo decorrido e as condições adversas descritas. Também rejeitam a possibilidade de tantas pessoas sobreviverem no deserto. Existe a indicação de que a palavra hebraica que se refere a **mil** (*elep*) “possa ser traduzida por ‘clã’ ou ‘família’, como ocorre em outros lugares da Bíblia (*e.g.*, Jz 6.15)”.¹⁶ Neste caso, o número total de 600 clãs seria bem menos.

Mas considerando a bênção especial de Deus, aceitamos que Israel crescera a uma população estimada de quase três milhões de pessoas.¹⁷ Sob o poder especial de Deus, as provisões no deserto teriam sido adequadas.

A **mistura de gente** (38) que partiu com Israel eram egípcios que se ligaram a Israel e sua religião; também eram escravos estrangeiros que, por esse meio, buscavam liberdade, e pessoas que tinham se casado com os hebreus. Mais tarde, essa gente se tornou tropeço para Israel (Nm 11.4). É interessante observar que Israel possuía **ovelhas** e **vacas**. Estes rebanhos já eram deles antes das pragas e foram protegidos da destruição (9.4). O registro bíblico não explica como os israelitas poderiam possuir tanto gado no Egito. Conjeturamos que as bênçãos de Deus estavam sobre Israel durante a escravidão. Chadwick sugere que pode ter havido uma revolta antes desta época, a qual concedeu certos privilégios para estes escravos no Egito.¹⁸ Em todo caso, Deus lhes abastecera com **grande multidão de gado**.

A partida súbita do Egito pegou os israelitas até certo ponto desprevenidos, pois não haviam preparado **comida** (39) para a viagem. Só comeram **bolos asmos**. Este era o tipo de alimento que deveriam comer por sete dias durante a festa comemorativa (15).

b) A data da partida (12.40-42). O tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos (40). O autor não especifica se toda essa estadia foi só no Egito, ou também incluía o tempo na Palestina. Paulo (G1 3.17) dá a entender que a lei

foi dada **430** anos depois de Abraão. Mas Estêvão (At **7.6**) disse que Israel ficou na escravidão em terra estrangeira por **400** anos. O número redondo **400** concorda com o número que aparece em Gênesis **15.13**, cuja passagem também indica que estes anos foram passados em aflição. É seguro presumir que o autor quis se referir aos anos passados na terra do Egito.¹⁹ Na realidade, o tempo foi datado no relógio de Deus com uma exatidão que comprovava a Palavra divina (**41**).

Que noite inesquecível! “Essa foi a noite em que o SENHOR ficou vigiando” (NTLH); manteve seus filhos sob observação cuidadosa (**42**). No futuro, todas as gerações de israelitas a celebrariam como “noite da vigília”. Para Israel, foi como o dia em que nasceram de novo; os cristãos o celebram como o dia feliz em que seus pecados foram lavados pelo sangue de Jesus!

2. A Lei da Páscoa (12.43—13.2)

Moisés recebeu mais instruções pertinentes à celebração da Festa da Páscoa: 1) O **filho de estrangeiro** não deveria comer a Páscoa (**43**); 2) estrangeiros e servos, depois de circuncidados, tornavam-se israelitas e poderiam comer a Páscoa (**44,48**); 3) deviam comer o cordeiro **numa casa** e nada dele poderia ser levado para fora da casa (**46**); 4) não podiam quebrar **osso** algum do cordeiro (**46**); 5) a mesma lei se aplicava ao **natural** e ao **estrangeiro** (**49**).

Os últimos três pontos enfatizam a unidade na comunhão. Não devia haver divisão na congregação de Israel — o cordeiro era um e o povo era um. Assim, em Cristo todos são um; as divisões não têm lugar em seu corpo (1 Co 1—3).

A resposta dos israelitas foi imediata (**50**). A recente vitória tornou seus corações obedientes. Quando Deus trabalha, a vitória é completa. **Exércitos (51)**, melhor “turmas” (NVI) ou “tribos” (NTLH). Mas as bênçãos de Deus dadas a um povo trazem responsabilidades. Visto que o Senhor poupou **homens** e **animais**, agora estes deveriam ser consagrados a Ele (**2**). Deus pediu a estes homens que lhe dessem o que lhe era devido. O verbo *santificar* conforme é usado aqui e ao

longo do Antigo Testamento tem o significado de “consagrar ou separar” para propriedade especial de Deus, tendo paralelo no significado do Novo Testamento que inclui pureza moral (Ef 5.25-27; Hb 9.13,14). Neste sentido mais amplo do Antigo Testamento, o termo *santificar* é usado para se referir a pessoas e coisas.

3. *O Discurso de Moisés (13.3-16)*

a) *O dia da recordação (13.3-10)*. **Moisés** tinha de relatar ao **povo** as instruções que Deus lhe dera. Os versículos 3 a 7 repetem grande parte do que aparece em 12.14-20 (ver comentários ali). No versículo 5, Moisés nomeou cinco das sete nações cuja terra Israel herdaria. As outras duas eram os ferezeus e os girgaseus que provavelmente eram menos importantes (cf. CBB, vol. II).

A importância de lembrar este **mesmo dia** (3) devia ser passada para os filhos (8). O **sinal sobre tua mão** e a **lembrança entre teus olhos** (9) não seriam os escritos físicos ou “filactérios” (cf. Dt 6.4-8).²⁰ O que devia ser lembrado era a festa e as palavras da boca que vêm do coração.²¹ Em certa medida, os objetos físicos ajudam a lembrar os atos graciosos de Deus, mas o meio mais eficaz de transmissão é a **lei do SENHOR... em tua boca** (9) — o coração transbordante de louvor e testemunho passado para os filhos. Deus sabe que os homens o esquecem com facilidade, por isso ordenou: **Tu guardarás este estatuto a seu tempo** [“no dia certo”, ARA] **de ano em ano (10)**.

b) *A consagração dos primogênitos (13.11-16)*. Outra lembrança constante era a entrega dos primogênitos a Deus (**2,12**) e as respostas às perguntas dos filhos (**14**) a respeito das cerimônias. Todos os primogênitos machos do gado pertenciam a Deus (12) e deveriam ser oferecidos em sacrifício ao **SENHOR (15)**. **Tudo o que abre a madre (15)** diz respeito a “todos os machos que abrem a madre” (ARA). O vocábulo **tudo** aqui deve ser considerado alusão a animais limpos.²² Os animais imundos, como os jumentos (**13**), tinham de ser resgatados pela substituição de um cordeiro ou cabrito. Se não fossem resgatados, os animais imundos deveriam ser mortos. O jumento é mencionado porque foi o único animal de carga levado do Egito.

Para os meninos havia um arranjo especial. Considerando que não podiam ser sacrificados como oferta, tinham de ser resgatados (15). Mais tarde, a obrigação do serviço a Deus foi transferida para os levitas, e o preço da substituição pelo primogênito macho foi fixado em cinco siclos (Nm 3.47).²³ Este pagamento servia como reconhecimento do direito de Deus sobre os primogênitos.

A razão para esta exigência é clara. Deus tirou Israel do Egito matando **os primogênitos** (15) egípcios. Portanto, os israelitas deveriam contar a história repetidamente a todos os filhos, sobretudo ao primogênito. Este ato redentor e sacrificial deveria ser uma lembrança — **por sinal sobre tua mão e por frontais entre os teus olhos** 116; ver comentários sobre o v. 9).

4. *A Coluna de Nuvem e a Coluna de Fogo* (13.17-22)

A rota direta e norte entre o Egito e a Palestina (ver Mapas 2 e 3) tinha aproximadamente 320 quilômetros e podia ser percorrida em cerca de duas semanas. Quando Deus tirou os israelitas do Egito, Ele os levou por um percurso mais longo a fim de evitar o encontro com os **filisteus** (17) bélicos. Os filhos de Israel não eram treinados para a batalha e a fé em Deus ainda era fraca. Eles poderiam se arrepender quando vissem a **guerra** e voltar para o **Egito**. O Senhor conhecia a força limitada do seu povo e o protegeu de tentações inadequadas (ver 1 Co 10.13). Por vezes, os caminhos de Deus não são os mais simples e diretos. Ele guiou Israel **pelo caminho do deserto perto do mar Vermelho** (18; ver comentários sobre o mar Vermelho em 14.2).

A palavra **armados** (18), embora termo militar no original hebraico, deve ser referência à maneira organizada da marcha. Moffatt diz: “Os israelitas saíram do Egito em formação metódica”. Esta organização pode ter sido planejada durante o período de disputa com Faraó.²⁴

Atendendo ao pedido de **José** quando estava morrendo (Gn 50.25), **Moisés** levou os **ossos** (19) deste patriarca. Pode-se afirmar que Moisés sabia de tudo sobre este antigo líder e que se fortaleceu na fé pela firme esperança que havia em José. No devido tempo, Israel

enterrou respeitosamente os ossos de José na terra de Canaã (Js 24.32).

A próxima parada de Israel depois de **Sucote** foi **Etã**, à **entrada do deserto** (20; ver Mapa 3). A localização destes lugares é incerta, em grande parte por que não sabemos o ponto exato da travessia do mar Vermelho.²⁵ Mas onde quer que tenha sido o local, Deus era o Líder. Ele aparecia diante de Israel na forma de uma **coluna de nuvem** (21, provavelmente de fumaça) **de dia**, e uma **coluna de fogo**, à **noite**. A coluna ficou bastante tempo com Israel servindo de guia nas viagens. Simbolizava o Espírito Santo, um Fogo (Mt 3.11), que guia o cristão no andar cotidiano.

Vemos “ALuz Guia de Deus” nos versículos 17 a 22.1) Conduz os filhos de Deus para longe dos caminhos de maior perigo, 17; 2) Leva, às vezes, por caminhos circulares passando por lugares indesejáveis, 18a; 3) Dirige de forma ordeira e obediente, 18b; 4) Lidera com provas incontestáveis de que Ele está com eles, 21,22.

5. A Travessia do Mar Vermelho (14.1-31)

a) *Um lugar arriscado* (14.1-4). Visto que o texto bíblico não anuncia o local preciso onde ocorreu a travessia, é melhor presumir que os filhos de Israel iniciaram a jornada da terra de Gósen (ver Mapa 3) rumo à fronteira do Egito, onde cruzaram para entrar no deserto. Em seguida, Deus lhes ordena que **voltem** (2; “retrocedam”, ARA) e **acampem** junto ao **mar**. Não há como definir se viraram para o norte, em direção ao lago Manzalé,²⁶ ou para o sul, em direção aos lagos Amargos.²⁷ O que está claro é que havia um volume de água diante deles como obstáculo ao cruzamento.

Faraó começou a reavaliar a libertação dos escravos. Talvez soube da jornada aparentemente a esmo, e supôs que estivessem **embaraçados na terra** (3) e que o **deserto os** encerrara. Para ele, o Deus dos israelitas, embora poderoso no Egito, era impotente no deserto. Pensou que estavam irremediavelmente perdidos. Lógico que Israel teria sido destruído se não fosse a intervenção do Deus Todo-poderoso. Por vezes, Ele nos coloca em situações de aperto para nos

livrar e nos mostrar que Ele é o **SENHOR** (4).

b) *A perseguição de Faraó* (14.5-9). Irritados pela recente derrota e frustração causada pela perda de tantos trabalhadores (5), **Faraó e seus servos** (os conselheiros) mudaram de idéia. Pensando que Israel estava praticamente encurralado no deserto, o rei **aprontou o seu carro e tomou consigo o seu povo** (6; “exército”, NVI).

Também tinha **seiscentos carros escolhidos** (7) e muitos outros que conseguira reunir sem demora (pensamento subentendido na expressão **todos os carros**).²⁸ Com esta força militar humana, Faraó saiu apressadamente em perseguição dos israelitas. Seu coração duro ficou mais duro ainda, porque, para ele, estes escravos tinham saído **com alta mão** < 8; “afoitamente”, ARA; “triunfantemente”, NVI).

Contraste esta condição com o grande medo que logo sentiriam (10). Foi a toda velocidade ao local onde estavam acampados **junto ao mar** (9; ver Mapa 3). **Pi-Hairote** significa “lugar de juncos, no lado egípcio do mar Vermelho” (VBB, nota de rodapé).

c) *O medo do povo* (14.10-12). Vendo o exército de Faraó se aproximando, o coração dos israelitas se derreteu, levando-os a clamar ao SENHOR (10). Foi um clamor desesperado, porque viam nada mais que a morte diante de si; só restava repreender **Moisés** por tê-los tirado do Egito para morrerem no **deserto** (11). Para eles, a escravidão era melhor que a morte, e Moisés deveria tê-los deixado em paz no Egito (12). Em termos de um *slogan* dos dias atuais, eles sentiam que seria melhor sofrer e estar vivo do que não sofrer e estar morto.

Estes israelitas, como tantos novos-convertidos, embora libertos da escravidão do trabalho forçado, ainda possuíam “um coração mau e infiel”. Estavam com muito medo e cheios de dúvida, logo esquecendo os atos poderosos de Deus feitos a seu favor. Tinham concordado com os líderes, mas agora, diante da iminente catástrofe, a falta de compromisso sério se revelou.

d) *O propósito de Deus* (14.13-18). Como é freqüente a fé fraquejar justamente quando Deus está pronto para fazer sua maior obra! Mas Deus tinha seu homem de fé. O texto não diz o quanto Moisés tremia

por dentro, nem é perceptível que ele já soubesse o que Deus ia fazer. Mas os encontros que teve com Deus lhe deram a certeza de que Deus estava no controle. Não havia nada que as pessoas poderiam fazer, exceto aquietar os temores, ficar quietas e ver o **livramento do SENHOR** (13). Deus disse a **Moisés** (4) que ocorreria outra vitória, e ele creu na palavra de Deus. Ele pôde declarar: **O SENHOR pelejará por vós, e vos calareis** (14). “Tão-somente acalmem-se” (14b, NVI).

Não havia necessidade de mais clamores a Deus. Chegara o momento de marchar. Tratava-se de uma marcha de fé, pois diante deles só havia águas traiçoeiras; mas a ordem de Deus era clara: **Marchem** (15). Em nosso andar espiritual, chegamos a um ponto em que as orações medrosas cessam e o passo de fé deve ser dado.

Todas as vezes que os filhos de Israel temeram o desamparo de Deus, Ele estava trabalhando em seus propósitos. A barreira de água à frente deles se dividiria quando a **mão** de **Moisés** se estendesse com a **vara** (16). O coração duro de Faraó o levaria a se apoiar demasiadamente na bondade Deus e seguir Israel, mas o plano de Deus era destruir o exército egípcio para, assim, obter glória e honra para si (17). Seria tarde demais para **Faraó e seus cavaleiros** (18), mas o restante dos egípcios saberia quem é **o SENHOR**.

No versículo 15, observamos o desafio de Deus ao seu povo: “Marchem!” 1) A história os impulsionava para frente, 1.13,14; 2) O presente os empurrava para frente, 14.9,10; 3) O futuro os estimulava para frente, 3.8; 14.13,14 (G. B. Williamson).

e) *A coluna de proteção* (14.19,20). O **Anjo de Deus** (19), chamado “o anjo do SENHOR” em 3.2, que estava na frente de Israel, passou agora para trás do acampamento. O movimento invisível de Deus foi verificado no movimento visível da **coluna da nuvem**, que **se retirou de diante** dos israelitas e **se pôs atrás deles**. Esta coluna ficou entre os dois acampamentos, impedindo os egípcios de chegar perto de Israel **toda a noite (20)**. A coluna trouxe **escuridade** para os egípcios, enquanto que Israel tinha luz no acampamento.²⁹

Vemos nos versículos 10 a 20, o processo de “Como Vencer o Medo”. 1) Ficamos amedrontados ao ver o poder de Satanás, 10; 2) Expressamos nossa angústia pelas providências de Deus, 11,12; 3) Sentimos alívio quando a palavra de Deus é dada com clareza, 13-18; 4) Aquietamo-nos completamente quando a presença de Deus se manifesta, 19,20.

f) *O caminho pelo mar* (14.21-25). Naquela noite, quando **Moisés estendeu a sua mão sobre o mar... as águas foram partidas** (21). Um **forte vento oriental** fez o

mar se tornar **em seco**, talvez para secar o leito de onde as águas recuaram. Devemos ser cautelosos em não forçar a linguagem poética (15.8; SI 78.13) em rígida expressão literal e concluir que as águas desafiaram a gravidade ou se congelaram em bloco sólido.³⁰ A palavra **muro** (22) se refere à barreira de água que ficou em ambos os lados de Israel enquanto atravessavam em marcha.³¹

O registro bíblico não determina a distância do cruzamento pelo mar e a largura da passagem. A área era suficiente para que quase três milhões de pessoas atravessassem em uma noite e bastante ampla para que todos os exércitos de Faraó ficassem no **meio do mar** (23). Ou **os egípcios** consideraram a abertura no mar uma ocorrência natural ou então, na sua dureza, se apoiaram na misericórdia de Deus quando marcharam pela abertura. O texto não diz se Faraó entrou com o exército, mas **todos** os seus **cavalos, carros e cavaleiros** (23) entraram (o v. 9 não registra a entrada do “exército”).

Na **vigília daquela manhã** (24), entre duas e seis da manhã,³² Deus **alvorouçou** os **egípcios**. Pode ser que a coluna diante dos egípcios tenha começado a lampear, talvez com raios. Os egípcios ficaram com medo e passaram a ter problemas com **as rodas** dos **carros** (25), que emperravam (ARA) ou atolavam (NTLH), de forma que transitavam **dificultosamente**. Pelo visto, o leito seco do mar estava afundando com o peso dos cavalos e carros. Disseram: **Fujamos... porque o SENHOR por eles peleja contra os egípcios**. Mais uma vez, estes ímpios reconheceram o poder de Deus. A confusão dos egípcios deu tempo para Israel completar a travessia e para todos

os egípcios ficarem no leito do mar.

g) *A morte dos egípcios* (14.26-31). Deus inverteu a ação e as águas voltaram ao lugar (26). O texto não declara se houve uma reversão do vento (ver 15.10). O retorno das águas foi tão súbito e forte que alcançou **os egípcios** quando tentavam fugir e os matou (27,28). As mesmas águas que serviram de **muro** para o povo de Deus (29) tornou-se meio de destruição para os egípcios.

Esta última disputa entre Deus e Faraó, resultando em vitória final e completa para o Senhor, impressionou fortemente os israelitas. A situação parecia desesperadora na noite anterior. Agora **Israel viu os egípcios mortos na praia do mar** (30). As águas turbulentas, ou a maré, levaram os corpos à praia. O Senhor salvara os israelitas; toda a prova necessária estava diante dos olhos deles.

Quando **viu Israel a grande (31) obra, temeu o povo ao SENHOR e creu**. Este ato poderoso expulsou o medo que os atormentara (10) e implantou um verdadeiro temor de Deus — um temor que conduziu a uma fé viva. Com esta manifestação, “os israelitas distinguiriam o Libertador misericordioso do Juiz santo dos descrentes, a fim de que crescessem no temor de Deus e na fé que já haviam mostrado”.³³ A palavra hebraica traduzida por **creu (31)** significa “confiou” (ARA); este tipo de fé toma conta da pessoa. O povo podia entregar os problemas a Deus e acreditar em **Moisés, seu servo**, porque a fé se tornou mais personalizada.

Nos versículos 10 a 31, vemos “A Libertação Poderosa de Deus”. 1) A favor de um povo temente, 10-15; 2) Com poder sobre os obstáculos da natureza, 16,19-24; 3) Dos inimigos rebeldes de Deus, 17,18,25-28; 4) Na criação de um povo crente, 29-31.

6. *Os Cânticos de Libertação* (15.1-21)

a) *O cântico de Moisés* (15.1-19). O que é mais natural que cantar canções de louvor quando Deus concede tremendas libertações? Depois de um período de forte opressão e uma noite escura de desespero, dar-se conta de que a vitória de repente veio é fato que traz

ondas de alegria ao coração. A Bíblia registra este cântico de Moisés, o qual se tornará o título da canção dos remidos no último dia (Ap 15.3).

Os críticos afirmam que este cântico, ou certos trechos, foi composto muito depois dos dias de Moisés e inserido aqui por editores.³⁴

Baseiam suas opiniões principalmente em idéias encontradas nos versículos **13** e **17**, que falam sobre a **habitação da tua santidade** e o lugar da habitação de Deus, o **santuário**. O argumento pressupõe que Moisés não poderia ter sabido destes conceitos que ainda estavam no futuro de Israel. Mas quem aceita o fato da inspiração divina para homens como Moisés não vê problemas nisso. O uso do passado ou presente proféticos (como no v. **13**) não é incomum no Antigo Testamento (e.g., Is 9.6). A simplicidade do poema e seu poder de descrição “indicam que os dias de Moisés foi o tempo da composição do poema”.³⁵

(1) *Deus é o Herói* (15.1-3). Deus é grande, pois Ele **lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro** (1). **O SENHOR**, que é a **força** e o **cântico**, também é a **salvação** (2) do

cantor, bem como **o Deus** de seu **pai** (seu antepassado). A frase **lhe farei uma habitação** é mais bem traduzida por “eu o louvarei” (ARA). Sua vitória sobre os egípcios provou que Deus era **varão de guerra** (3), antropomorfismo que descreve seu poder na batalha. Este tipo de linguagem para se referir a Deus em termos humanos encontra-se por todo o Antigo Testamento. Seu nome é *Yahweh*, traduzido por **o SENHOR**, ainda que Faraó não o reconhecesse.

(2) *O Senhor, supremo sobre todos* (15.4-12). **Adestra** (6) ou mão direita do Senhor, outro antropomorfismo, destruiu os inimigos afundando-os no mar, os quais **desceram às profundezas como pedra** (5). Sob o olhar de Israel, os capitães armados foram submersos pela inundação que voltava. Deus, que é excelente em majestade, derrotou os adversários e em **furor** os **consumiu como restolho** (7). O texto descreve que o vento que moveu as águas foi como o **sopro** dos **narizes** de Deus (8). A linguagem poética usa analogias humanas para descrever a atividade de Deus sem se prender a literalismo rígido. Quando Deus se moveu, **as águas**

ficaram **como um montão, e os abismos coalharam-se no coração do mar**. Estas palavras podem ser referência às águas que

se amontoaram como muros em cada lado de Israel,³⁶ ou diz respeito ao fechamento das fontes de onde as águas vinham.³⁷

O versículo 9 mostra a atitude desafiante do inimigo. Vemos a soberba de sua autoconfiança e desejo (**alma**). Mas quando Deus soprou com o seu **vento**, eles foram submersos (10). Aqui há a sugestão de um fato novo: o vento também foi usado para fazer as águas do mar retrocederem. Deus é maior que todos **os deuses** (11); nada se iguala à sua glória, **santidade** e poder. Esta é a primeira menção explícita da santidade de Deus no Antigo Testamento (cf. 3.5). Ele estendeu a **mão direita** e a **terra os tragou** (12). O mar é considerado parte da **terra**.

(3) *O Senhor é o Rei de Israel* (15.13-19). Deus guiou e salvou seu **povo** (13); Ele os >s guiou (está guiando-os).³⁸ A **habitação da tua santidade** é alusão certa à Terra Prometida. Conforme o autor antevia o movimento rumo à Palestina (o termo *palestina* provém do nome do inimigo, Filístia), ele via a preocupação e o medo tomarem conta **dos habitantes**, por causa do poder de Deus (14). **Edom, os moabitas e Canaã** (15) sentiram um medo terrível. **Espanto e pavor**, causados pela **grandeza do braço** de Deus (16), imobilizaram os inimigos até que Israel cruzasse a fronteira. O assentamento final em Canaã era certo. O poema fala com tanta certeza do assentamento na terra e o levantamento do **santuário**, realizações que ainda estavam no futuro, como se já fossem fatos (17). O Senhor reina **eterna e perpetuamente** (18), enquanto o exército de Faraó foi destruído e o povo de Israel, poupado (19). O escritor do cântico transbordava de alegria por causa deste tremendo acontecimento.

b) *O Cântico de Miriã* (15.20,21). Pelo visto, **Miriã, a irmã de Arão** (20), tinha a posição igual a Arão, mas não igual a Moisés. Era **profetisa**, a primeira mencionada na Bíblia. O **tamboril** era um pandeiro. “Danças solenes como expressão de adoração, embora apropriadas no tempo de Moisés e dos salmistas, são sujeitas a abuso

e nunca encontraram boa receptividade no culto de adoração da igreja cristã.”³⁹

Supomos que quando **Miriã lhes respondia** (21; cf. v. 1), ela e as mulheres cantavam as palavras deste refrão em resposta a cada uma das partes do Cântico de Moisés. Tocavam instrumentos e se movimentavam com graça entre as cantoras numa “dança imponente e solene”.⁴⁰

C. A Viagem para o Monte Sinai, 15.22—18.27

1. *Em Mara e em Elim* (15.22-27)

Os israelitas **andaram três dias no deserto** (a leste do mar Vermelho) e **não acharam água** (22). A fé do povo precisava de mais provas. Uma grande vitória como a travessia do mar Vermelho proporcionou uma visão maravilhosa da onipotência de Deus; mas não treinou a fé para os problemas cotidianos. A necessidade diária de comida e bebida prova a fé do povo mais que os obstáculos maiores. Mas Deus estava treinando seu povo em todos os aspectos da vida, por isso os levou às águas **amargas** de **Mara** (23; ver Mapa 3). Imagine a comovente decepção de pessoas sedentas encontrando água e verificando que era impotável.

Viajantes nesta região do **deserto de Sur** (ou de Etã, Nm 33.8) confirmam que as fontes são extremamente amargas, que o lugar é “destituído de árvores, água e, exceto no começo de primavera, pastagens”.⁴¹

O povo murmurou contra Moisés (24). A liderança é cara, porque a culpa pela adversidade recai nos líderes. Estas pessoas sabiam que Moisés era homem de Deus; por isso, o pecado também era contra Deus. Grandes experiências com Deus não curam necessariamente o coração mau e queixoso. A murmuração cessa apenas quando crucificamos o eu e entronizamos Cristo somente (Ef 4.31,32).

A única coisa que Moisés poderia fazer era clamar **ao SENHOR (25)**. Não há dúvida de que Deus teria fornecido água potável em resposta

à fé paciente de Israel, se tivessem permanecido firmes. O Senhor às vezes satisfaz nossos caprichos em detrimento da fé. Aqui, **as águas se tornaram doces**, quando Moisés lançou **um lenho** nelas, mas a fé de Israel continuou fraca. Desconhecemos método natural que explique este milagre.

Deus usou esta ocasião para ensinar uma lição a Israel, dando-lhes **estatutos e uma ordenação** (25). Se as pessoas ouvissem a Deus e obedecessem inteiramente à sua palavra, elas seriam curadas de todas as enfermidades que Deus tinha posto **sobre o Egito** (26). Assim como Deus curou as águas amargas de Mara, assim Ele curaria Israel satisfazendo-lhes as necessidades físicas e, mais importante que tudo, curando o povo de sua natureza corrompida. Deus queria tirar o espírito de murmuração do meio do povo e lhe dar uma fé forte.

Nem todas as experiências da vida são amargas. O próximo acampamento de Israel foi em **Elim**, oásis com **doze fontes de água** (uma para cada tribo) e **setenta palmeiras** (27). Tivesse Israel suportado a amargura das águas de Mara, logo estaria festejando em Elim. A pouca paciência de muitos crentes embota o fio aguçado da vitória alegre quando esta ocorre. **Elim** era um lugar bonito para acampar, mas não era o destino dos israelitas.

2. O Maná e as Codornizes (16.1-36)

a) *Outra murmuração de Israel* (16.1-3). Israel deveria ter aceitado os “estatutos” de Deus e crido em sua “ordenação” (15.25). O fato de não terem agido assim resultou em mais reclamações. Tinham deixado para trás um deserto (**Sur**) e entrado em outro (**Sim**) a caminho do monte **Sinai** e já fazia um mês que viajavam (1). Pelo visto, o suprimento de comida estava diminuindo e não havia evidência externa de novas provisões. Deus permitiu que o problema surgisse como prova para a fé de Israel. Mas o povo **murmurou contra Moisés e contra Arão** (2), desejando ter morrido no **Egito** com os estômagos cheios em vez de morrer de fome no **deserto** (3). Parece que comiam bem no Egito, e agora as coisas estavam piores. Claro que o alimento é necessário para a vida física, mas Deus não esquecera do povo. Ele teria suprido as necessidades de maneira

mais satisfatória se Israel tivesse permanecido pacientemente firme na fé.

b) *A promessa de pão e carne* (16.4-12). Não há que duvidar que o tempo todo Deus sabia como alimentaria os israelitas no deserto. Quando murmuraram, o Senhor revelou seu plano de fornecer **pão dos céus** (4) para colherem **a porção para cada dia** — “a ração para cada dia” (Smith-Goodspeed). Até no fornecimento de pão Deus faria uma pro-

va: Queria ver se o povo andaria em sua **lei ou não**. No **sexto dia**, as pessoas achariam quantidade suficiente de pão para durar dois dias, em cumprimento da lei do sábado (5).

Deus queria que estes israelitas soubessem que aquele que os tirou do Egito ainda estava com eles. **A tarde sabereis** (6) e **amanhã vereis** (7). A **glória** mencionada no versículo 7 diz respeito à realização da mão de Deus no suprimento do pão, ao passo que a **glória** referida no versículo 10 era a manifestação especial de Deus na nuvem.

Moisés repreendeu os israelitas por murmurarem contra ele e Arão, pois nada significavam — era Deus quem os conduzia (7). Quando Deus lhes desse **carne e pão** para comer, eles saberiam que o Senhor ouvira as **murmurações** feitas **contra ele** (8). De certo modo, fornecer comida desta maneira era uma repreensão. Deus não forneceu comida só porque reclamaram; Ele queria que soubessem que Ele era o Senhor e que não estava contra seus servos, mas contra quem murmurava.

Os filhos de Israel seriam humilhados diante de Deus. Arão os reuniu, dizendo: **Chegai-vos para diante do SENHOR, porque ouviu as vossas murmurações** (9). Quando se aproximaram e olharam **para o deserto**, de repente **a glória do SENHOR apareceu na nuvem** (10). “A prova inconfundível da presença de Deus na coluna de fogo autenticou as palavras de Moisés e preparou o povo para a glória mais encoberta do milagre que ocorreria.”⁴² A glória do Senhor deu a estes fracos seguidores de Deus a oportunidade de ver o mal dos seus corações quando contemplassem a fidelidade de Deus para com eles.

Com a realização do milagre da **carne** e do **pão**, eles saberiam que o **SENHOR** era o seu **Deus (12)**. Ele teve paciência com estes crentes fracos, cuja fé necessitava de crescimento; em outra época, depois de terem tempo para amadurecer (Nm 14.11,12), eles foram punidos por causa da permanência na incredulidade.

c) *Deus envia codornizes e pão (16.13-21)*. As **codornizes**, que **subiram e cobriram o arraial (13)**, faziam seu trajeto habitual de migração “pelo mar Vermelho, em grande quantidade nesta época do ano, e, cansadas pelo voo longo, [...] podiam ser capturadas facilmente perto do chão”.⁴³

Na manhã seguinte, houve um **orvalho ao redor do acampamento (13)**. Quando o **orvalho** se secou, encontraram “uma coisa fina e semelhante a escamas, fina como a geada sobre a terra” (14, ARA). Quando viram, as pessoas perguntaram: **Que é isto? (15)**. Moisés respondeu: **Este é o pão que o SENHOR vos deu para comer**. “O nome *maná* é proveniente da pergunta [**Que é isto?**], ou a semelhança no som tem relação com as duas palavras originais [*man hu*].”⁴⁴

Há quem procure identificar o maná bíblico com as substâncias naturais encontradas nesta região. Embora semelhantes em certos aspectos, estas substâncias naturais não se ajustam à narrativa bíblica. Não surgem em grande quantidade, nem podem ser o principal alimento. Ocorrem somente durante curto período do ano. O maná da Bíblia: 1) Foi o principal alimento nutritivo para Israel por quarenta anos; 2) Era fornecido em quantidades grandes; 3) Ocorria ao longo do ano inteiro; 4) Aparecia somente em seis dos sete dias da semana; e 5) Criava bichos se fosse guardado por dois dias, exceto no sábado.⁴⁵ Obviamente este maná era um milagre de Deus, sendo um tipo do Cristo que desceu do céu (Jo 6.32-40).

As instruções para colher o maná eram inequívocas. Cada família tinha de colher quantidade suficiente para o consumo de um dia: **um gômer por cabeça (16)**, cerca de

1,3 litro, e **segundo o número** de pessoas da família. Pelo milagre do

aumento ou da diminuição de acordo com a necessidade vigente,⁴⁶ **não sobejava** para quem colhesse muito, **nem faltava** para quem colhesse pouco (18).

Moisés foi claro em dizer que nada do maná deveria ser deixado para o dia seguinte (19). Alguns israelitas, que ainda precisavam aprender acerca da obediência explícita, guardaram uma provisão de maná até o dia seguinte, mas **criou bichos e cheirava mal** (20). Considerando que o maná guardado para o sábado não estragava (24), ficou evidente a desobediência dos ofensores, os quais foram punidos com a deterioração do alimento.

Neste episódio, a lição de Deus para Israel, como também para os cristãos, é que os crentes têm de depender de Deus dia após dia. A vida de Cristo no cristão é preservada a cada momento por sua permanência em Deus. A obediência diária e cuidadosa resulta em provisão regular; o descuido traz perturbação e julgamento. Israel aprendeu a colher o maná pela **manhã**, antes que o **sol** o derretesse (21); o alimento espiritual colhido de manhã cedo suporta o calor do dia.

d) *A observância do sábado* (16.22-31). No **sexto dia**, quando alguns israelitas colhiam quantidades duplas de maná, **todos os príncipes da congregação** (22) não entenderam. Moisés repetiu a regra sem deixar dúvidas: Não haveria maná no **sábado** (25). No sexto dia, eles tinham de **cozer no fogo** (assar) ou **cozer em água** (ferver; usado como pão ou mingau) o que precisavam e guardar para o dia seguinte (23). Aprenderam que o maná guardado para o sétimo dia não se estragava (24).

Estes versículos indicam um conhecimento do sábado anterior ao recebimento dos Dez Mandamentos (20.8-11). Deus estabeleceu um dia de descanso na criação do mundo (Gn 2.2,3); este fato era provavelmente conhecido por Abraão, visto que em certo sentido era observado pelos babilônios. Mas nem os primitivos hebreus nem os egípcios conheciam uma semana de sete dias.⁴⁷ Levando em conta que depois da criação o sábado é mencionado somente neste momento, podemos supor que esta é uma renovação da observância sabática.

Durante a opressão egípcia, a observância teria sido impossível; portanto, para estas pessoas as palavras de Moisés eram novidade.⁴⁸

Embora Moisés tivesse deixado claro que não haveria pão no dia de **sábado (26)**, mesmo assim **alguns do povo saíram para colher (27)**. Sempre há quem não acredita na palavra de Deus, desta forma recusando **guardar** seus **mandamentos e leis (28)**. A ordem tornou-se mais explícita: **Ninguém** deveria sair **do seu lugar no sétimo dia (29)**. Ninguém deveria sair do acampamento; as pessoas tinham de descansar **no sétimo dia (30)**. Ver mais comentários sobre o sábado em **20.8-11**.

O maná **era como semente de coentro (31)**, “uma semente pequena e cinzento-branca, com sabor picante e agradável, usada amplamente como tempero para cozinhar”.⁴⁹ Tinha gosto de **bolos** feitos de farinha de trigo, óleo e **mel**. O alimento que Deus dava era agradável ao paladar.

e) *O maná comemorativo (16.32-36)*. Moisés, sob ordens divinas, ordenou que fosse colocado **diante do SENHOR um vaso** contendo **um gômer cheio de maná (33)**, na casa de Deus, **diante do Testemunho (34)**. Este recipiente seria guardado para as **gerações (32)** futuras. O escritor aos Hebreus mencionou a existência de “um vaso de ouro” de “maná” no “Santo dos Santos” (Hb **9.3,4**). O texto bíblico não informa se a ordem de Deus foi dada neste momento ou mais tarde quando a arca do concerto foi construída. Presumimos que, perto do fim da vida, Moisés adicionou esta seção **(32-36)** ao Livro de Êxodo.⁵⁰ O **Testemunho (34)** diz respeito aos Dez Mandamentos que também foram depositados na arca do concerto.

Para ficar registrado, Moisés afirmou que os filhos de Israel **comeram maná até que chegaram aos termos da terra de Canaã**. Esta afirmação não significa que não tinham outro tipo de comida no caminho, mas que sempre havia a provisão do maná. Josué registrou a cessação deste milagre depois de chegarem à terra da promessa (Js 5.10-12). O **gômer** e o **efa (36)** eram medidas de capacidade usadas no Egito, e esta nota era necessária porque

somente o **efa** continuou sendo usado como medida em Israel.⁵¹ Um **efa** correspondia a cerca de 37 litros. O **gômer** seria, então, de aproximadamente 3,7 litros.

No capítulo 16, o alimento de Deus para Israel aponta para o Pão Vivo do Novo Testamento, “Cristo, o Nosso Maná”. 1) É dado aos famintos e perturbados, 1-3; 2) Torna-se a manifestação da glória de Deus, 4-12; 3) Satisfaz plenamente quem o colhe, 13-18; 4) É eficiente pela obediência cotidiana, 19-30; 5) Trata-se de experiência comemorada para sempre, 31-34.

3. A Pedra em Refidim (17.1-7)

Israel prosseguiu a viagem **do deserto de Sim**, “fazendo suas paradas” (1, ARA), ou seja, em etapas, até chegar a **Refidim** (ver Mapa 3), provavelmente Refaídi, vale não muito distante de **Horebe** (6). Este nome identifica a cadeia de montanhas que inclui o Sinai.⁵² A palavra **Refidim** quer dizer “descansos ou lugares para descansar”.⁵³ O povo estava sedento e esperava achar água neste lugar, mas não acharam nada. Sob qualquer aspecto, Deus não estava tornando as coisas fáceis.

Mais uma vez, o **povo** contendeu com **Moisés**, exigindo **água (2)**. O fato de Moisés conhecer esta região pode ter levado os israelitas a pensar que ele deveria saber onde havia água. Mas não foi Moisés que escolheu conduzir Israel por este caminho. Ele era apenas o representante de Deus. Esta situação era para tentar (ou “testar”) **ao Senhor**. Deus não se mostrou satisfatório em todas as ocasiões? Não dava para confiar que Ele daria água? Moisés estava descobrindo que este povo era uma provação para sua paciência.

Sem ajuda divina, havia base segura para sentirem-se alarmados. A menos que encontrassem **água**, eles morreriam, como também os **filhos** e o **gado** (3). Não podemos culpá-los pela preocupação, mas onde estava a fé? Não tinham eles visto muitas manifestações do poder de Deus, suficientes para terem a certeza de que Ele não os decepcionaria? Alguns ainda estavam, no mínimo, hesitantes e logo poderiam provocar tumulto e influenciar toda a multidão. Era fácil

tornarem-se perigosos.

Clamou Moisés ao SENHOR (4). Não havia atitude mais sábia a tomar que esta; as pessoas estavam prestes a apedrejá-lo. Moisés e, quem sabe, outros estavam dispostos a esperar o tempo de Deus, sabendo que o Senhor não os abandonaria. O Senhor pode demorar para, assim, fazer uma maior maravilha, como fez com Lázaro quando Jesus se deteve até o amigo morrer (Jo 11.20-23). Mas o que Moisés poderia fazer com estes indivíduos revoltosos? Eles não estavam mais dispostos a esperar por Deus.

Misericordiosamente, Deus o instruiu sobre o que fazer. Ele tinha de passar adiante do povo com alguns **anciãos** (líderes nomeados) **de Israel** e com a vara de Deus na **mão** (5). Que consolo esta vara deve ter sido para Moisés! Com ela, ele realizou maravilhas.

Deus prometeu estar diante de Moisés **sobre a rocha, em Horebe** (6), provavelmente na mesma cadeia de montanhas do Sinai (ver nota 52 para inteirar-se de outra explicação). Quando o esforço humano fracassou, Deus estava pronto para exercer seu poder. Moisés tinha de ferir a **rocha** da qual saíria água. O ato produziu água suficiente para satisfazer as necessidades deste grande exército de pessoas e animais. Deus sabia onde havia água e tinha o poder de fazer brotar fontes no deserto. Os anciãos foram testemunhas deste grande milagre.

Moisés chamou o lugar **Massá e Meribá**, “provação” e “contenção”, porque o povo estava em necessidade e forçou Deus a se manifestar (7). Nomes mais bonitos seriam dados a essas experiências, se o povo, sem censura e incredulidade, tivesse esperado pacientemente o tempo de Deus e o deixado agir!

Cristo é a Água que extingue a sede espiritual do homem (Jo 7.37). Ele é a “pedra espiritual” da qual emana a “bebida espiritual” (1 Co 10.4). Essa “pedra” foi ferida para que a graça fluísse e alcançasse toda a humanidade (ver G1 3.1).

Nos versículos 1 a 7, vemos “Deus, Nossa Pedra”. 1) A Pedra é pedra de tropeço para os descrentes, 1-4; 2) A Pedra tem de ser ferida para

que a graça flua, 5,6; 3) A Pedra satisfaz a sede de quem dela bebe, 6b; 4) A Pedra simboliza a cruz, emblema de vergonha, 7.

4. *A Derrota dos Amalequitas (17.8-16)*

a) *A batalha* (17.8-13). Enquanto ocorria o milagre da pedra, os amalequitas investiram contra os filhos de Israel (8), atacando os “fracos” da retaguarda que estavam abatidos e cansados (Dt 25.18). Considerando que o ataque aconteceu **em Refidim** (cf. 1), envolveu quem ainda não tinha chegado ao acampamento. **Amaleque** era descendente de Esaú (Gn 36.12,16), embora não fizesse parte de Edom como nação.⁵⁴ A desconsideração dos amalequitas para com Deus e o ataque ao seu povo colocou-os sob o julgamento de Deus.

Josué (9), mencionado aqui pela primeira vez, era conhecido por Oséias (Nm 13.16), mas Moisés o chamou “Jeosué” (contraído para **Josué**), que significa “Jeová é Salvação”.⁵⁶ Moisés incumbiu este seu ajudante (24.13, “seu servidor”) a formar um exército para lutar contra o inimigo. Este exército munuiu-se com o armamento dos egípcios mortos (14.30,31), e Josué liderou o exército no confronto com o inimigo (10).

A batalha ocorreu no vale, porque Moisés subiu **ao cume do outeiro** com **a vara de Deus** (9), levando consigo **Arão e Hur** (10). **Hur**, que ajudou Arão quando Moisés subiu ao monte (24.14), era avô de **Bezalel** (31.2), o artesão habilitado para construir o Tabernáculo. De acordo com Josefo, a tradição judaica identifica Bezalel como o marido de Miriã.⁶⁶

Quando Moisés levantava a sua mão (11), com a vara estendida (9), **Israel prevalecia**, mas quando o braço ficava cansado, **Amaleque prevalecia. Arão e Hur sustentaram as** (12) mãos de Moisés, colocando **uma pedra** para ele se sentar e seguran-

do-lhe os braços até o fim do dia. Então Josué, sob as ordens de Deus, “desbaratou a Amaleque” (ARA) e seus exércitos com a **espada** (13).

A vara de Deus indica nitidamente a importância da oração e da fé. A

vitória na batalha contra Satanás ocorre quando a oração é eficaz. O povo de Deus, quando ora a Deus com fé, derrota as forças invisíveis de Satanás. O apoio de outras pessoas na oração ajuda a obter esta vitória. Os líderes responsáveis na obra de Deus não seriam bem-sucedidos sem o sustento da oração dos crentes.

“A Oração”: 1) É necessária quando o inimigo ataca, 8; 2) Torna-se poderosa no monte de Deus, 9,10; 3) Precisa do sustento de outras pessoas, 11,12; 4) Prevalece na vitória eficaz, 13.

Nos versículos 8 a 16, temos o tema “A Oração Traz Vitória”. 1) A obra de Deus prospera pela oração, 8-11; 2) Há necessidade de união na oração, 12,13; 3) Os altares testificam para as gerações futuras que Deus responde a oração (G. B. Williamson).

b) *O memorial (17.14-16)*. A batalha com os amalequitas não terminara, pois haveria uma vitória final. A expressão **num livro (14; “no livro”, ATA)** indica que os livros de Moisés já estavam em curso de composição.⁵⁷ O sucessor de Moisés também tinha de conhecer o plano de Deus, por isso Deus ordenou que Moisés “o lesse em voz alta para Josué” (14, Moffatt). No fim, **Amaleque** seria aniquilado.

Moisés edificou um altar (15), e o chamou: O SENHOR é minha bandeira (JEOVÁ-Nissi). Este seria um sinal de que os amalequitas, que tinham posto “uma mão na bandeira do Senhor” (16, RSV), estariam sob julgamento de Deus até serem destruídos.

O povo de Deus fora atacado por um inimigo de Deus; portanto, guerra ininterrupta seria a sentença dessa gente. O rei Saul foi punido porque não executou a ordem de Deus para destruir os amalequitas (1 Sm 15). A total aniquilação deste povo ocorreu nos dias de Ezequias (1 Cr 4.41-43). Na presciência de Deus, vemos a impenitência contínua deste povo violento e bélico. A rivalidade das nações resulta em julgamento feito pelo Único que redonda em seu louvor a ira do homem (SI 76.10). Repetidas vezes nas Escrituras, verificamos que o pecado — quer pessoal ou nacional — é autodestrutivo.

5. A Visita de Jetro (18.1-27)

a) A chegada de Jetro (18.1-5). Jetro, sacerdote de Midiã, sogro de Moisés (1:

ver comentários em 2.18), ficou sabendo por meios indiretos o que Deus fizera a Israel. **Zípora, a mulher de Moisés** (2), tinha voltado para a casa dos pais depois do começo da viagem ao Egito (4.18-26) e lá permaneceu até que Israel chegou a Horebe. Os **dois filhos** (3) de Moisés nasceram quando ele morava com o sogro em Midiã (2.22; 4.25) e haviam ficado com a mãe. O primeiro filho tinha o nome de **Gérson**, porque Moisés era **peregrino em terra estranha**. O segundo filho foi chamado **Eliezer** (4), porque Moisés ficou livre **da espada de Faraó** (2.15). Não se sabe de que idade eram nesta ocasião: talvez fossem bastante jovens ou tivessem quase quarenta anos, visto que Moisés permaneceu em Midiã por 40 anos (ver At 7.23,30).

Pelo visto, Jetro chegou justamente quando Israel se aproximava da vizinhança do monte Sinai, chamado o **monte de Deus** (5; cf. 3.1; 17.6; e 19.1), pouco depois da derrota dos amalequitas, mas antes de chegarem ao monte Sinai.

b) *O relato de Moisés a Jetro* (18.6-8). O versículo 6, em vez de ser um discurso de •Jetro feito diretamente a Moisés, foi provavelmente uma mensagem enviada a Moisés ou uma informação prestada por terceiros acerca da chegada de Jetro (cf. ARA). Ao ser informado, **saiu Moisés ao encontro de seu sogro** (7). De acordo com o costume oriental, Moisés **inclinou-se** (“curvou-se em sinal de respeito”, NTLH) e beijou seu sogro. A relação entre estes homens sempre foi de alto respeito. Sempre procuravam o bem um do outro em tudo.

Moisés relatou a Jetro **todas as coisas que o SENHOR tinha feito** por Israel e como o Senhor dera vitória sobre **Faraó** e os **egípcios** (8). Foi cuidadoso em dar a Deus toda a glória e não tomar nada para si. Também contou sobre as adversidades que lhes ocorrera ao longo do caminho e como o **SENHOR os livrara**.

c) *O elogio de Jetro (18.9-12)*. Para um homem como **Jetro** alegrar-se ao ficar sabendo dessas ocorrências indica coração aberto diante do **SENHOR (9)**. As nações são reputadas inimigas de Deus, e mais tarde os midianitas o foram (Nm 35). Deus não considerava os egípcios, os amalequitas ou os outros povos seus inimigos apenas porque não eram israelitas; uma nação era má porque as pessoas que a compunham eram más. Porém, é freqüente Deus ter filhos vivendo entre povos que são maus. Quando Deus encontrava um justo como Jetro Ele o honrava (cf. Melquisedeque, Gn 14.18-20; Abimeleque, Gn 20.6; e Jó, Jó 1.1,8).

Desconhecemos o quanto Jetro sabia sobre o Deus de Israel antes desta ocasião. Seus antepassados eram descendentes de Abraão. Ele era “sacerdote” (cf. v. 1) e, por conseguinte, religioso. Moisés vivera com ele 40 anos, mas isto foi antes da experiência da sarça ardente. Pelo menos o coração de Jetro era sincero. Quando ficou sabendo das ações do Senhor, disse: **Bendito seja o SENHOR (10, Yahweh)**, e, assim, identificou o Deus da vitória de Israel. É verdade que disse que o Senhor era maior que todos os deuses (11), em vez de dizer que era o único Deus. Contudo, esta linguagem é semelhante à que Salomão expressou na dedicação do Templo (2 Cr 2.5) e à que o salmista usou para louvar (SI 135.5). A concepção que Jetro tinha dos outros deuses era a oposição que faziam ao Senhor (11). Portanto, eram espíritos malignos. A última parte do versículo 11 tem também esta tradução: “[O SENHOR] livrou este povo de debaixo da mão dos egípcios, quando agiram arrogantemente contra o povo” (ARA). As palavras **agora sei** indicam que Jetro inteirou-se de algo novo e significam que neste momento ele se converteu a Jeová.⁰⁸

A devoção religiosa de Jetro o moveu a fazer **holocausto e sacrifícios para Deus (12)**. **Arão e os anciãos de Israel** uniram-se na ocasião e comungaram com Jetro. Uniram-se na adoração do mesmo Deus, a despeito da diferença de nacionalidade e cultura. Jetro não se tornou israelita, mas tornou-se um com Israel em seu amor por Jeová.

d) *O conselho de Jetro (18.13-23)*. No dia seguinte, Jetro observou

Moisés **julgar o povo** (13). Moisés exercia a plena função de juiz para estes dois milhões ou mais de pessoas, sem dividir a responsabilidade com os outros. Jetro questionou a sabedoria de Moisés em servir só (14) e manter as pessoas esperando o dia todo para terem seus casos resolvidos.

Moisés apresentou suas razões (15,16) para fazer o trabalho assim: 1) Ele buscava a vontade de Deus para resolver as questões, e 2) aproveitava a ocasião para ensinar ao

povo **os estatutos de Deus e as suas leis**. Considerando que ele era o único com quem Deus dava sua palavra, ele achava necessário agir diretamente com as pessoas em relação a todos os problemas.

Mas Jetro não ficou satisfeito com estas explicações. O que Moisés estava fazendo não era **bom** (17). Mesmo um homem de sua força não podia esquecer que era humano e se cansaria (18) com este tipo de procedimento. Jetro disse: **Tu só não o podes fazer**. Moisés deveria saber acerca disso, mas ele, como tantos outros, precisava de um amigo para lhe mostrar. Este método não só era trabalhoso em si, mas também causava dificuldades para as pessoas que eram forçadas a esperar na fila.

Não podemos deixar de admirar a cortesia e coragem de Jetro. Quem teria a ousadia de corrigir um homem que, sob a direção de Deus, trouxera pragas ao Egito, abrira o mar, arranjava água e pão no deserto e liderava mais de dois milhões de pessoas? Moisés, que recebia ordens diretamente de Deus, agora tinha de **ouvir** uma mensagem de Deus para ele. Jetro não negou a posição de Moisés como porta-voz de Deus; ele ainda estaria **pelo povo diante de Deus** (19), quer dizer, representaria o povo perante Deus (ARAj. Também continuaria sendo tarefa de Moisés ensinar **os estatutos e as leis** (20) e dirigir o povo no **caminho** em que deveriam **andar** e no que deveriam **fazer**.

Contudo, para cumprir sabiamente os propósitos de Deus, Moisés deveria escolher **homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza**, e colocá-los sobre o povo por

maiorais de mil, de cem, de cinqüenta e de dez (21). Talvez estes números se refiram a famílias e não a pessoas.⁵⁹ Os homens serviriam na função de juizes de tribunal inferior e tribunal superior, cada líder de grupo menor responsável a quem estava acima dele. Quem não estivesse satisfeito com uma sentença de instância inferior poderia apelar para um tribunal superior. Isto significaria que inumeráveis sentenças não chegariam a Moisés (22).

Ficamos imaginando por que Moisés não implementara esse processo antes ou usara um plano semelhante. Ele já tinha anciãos e príncipes que representavam o povo em diversas ocasiões. Os conceitos eram famosos no Egito e Jetro conhecia este tipo de organização.⁶⁰ As qualificações para estes juizes eram sensatas; tinham “de se preocupar somente com a aprovação de Deus e não com a dos homens, ser imparciais nos veredictos e refratários a subornos” (21).⁶¹

Jetro teve o cuidado de reconhecer a autoridade do homem com quem falava. Seu desejo era que fosse resolução de Moisés: **Se isto fizeres** (23). Também não desconsiderava o fato de que Moisés agia sob autoridade divina: **E Deus to mandar**. Se Moisés visse o bom senso neste método e Deus o dirigisse em sua execução, então ele suportaria o cargo e o **povo** teria **paz**.

e) *A implementação do novo plano* (18.24-27). **Moisés** percebeu a praticabilidade e sensatez do plano sugerido por Jetro **e fez tudo quanto tinha dito** (24). Supomos que Moisés buscou e obteve a permissão de Deus para praticar este método. Escolheu os homens necessários e **os pôs por cabeças sobre o povo** (25). Estes homens eram **maiorais** e julgavam **o povo em todo tempo** (26). Os assuntos mais difíceis **traziam a Moisés**, mas cuidavam das questões menores.

Em Deuteronômio 1.9-18, Moisés narrou detalhadamente a nomeação destes juizes, ali chamados “capitães” e “governadores”. Foram nomeados na ocasião em que Israeí

estava a ponto de deixar o monte Sinai após o recebimento da lei.

Naquele texto, temos a impressão de que as pessoas tinham voz ativa na escolha dos capitães e governadores (Dt 1.13). Esta informação pode significar que, embora Jetro desse o conselho antes do monte Sinai e do recebimento da lei, a organização só foi implementada em sua totalidade quando Israel estava pronto para prosseguir viagem.⁶²

O ministério de Jetro estava concluído. Moisés o **despediu** para **sua terra** (27). Pelo visto, Zípora e seus filhos ficaram com Moisés.

Encontramos nos versículos 13 a 23 “As Qualificações para Líderes”.

1) Humildade no aconselhamento, 13-17; 2) Reconhecimento da fraqueza humana, 18; 3) Preocupação pelo melhor de Deus, 19,20,23; 4) Integridade de caráter, 21,22; 5) Boa vontade em obedecer, 24-26.

1

As Festas da Comemoração (12.14-20)

2

Este dia, o décimo quarto do mês de abibe, foi separado por Deus como **estatuto perpétuo** (14) para Israel. Era uma lembrança anual da grande libertação do Egito. Tinha de ser celebrada para sempre. Só em Cristo esta ordenação foi verdadeiramente cumprida eternamente. Os cristãos celebram a Ceia do Senhor, o memorial pelo Cordeiro de Deus que foi morto. Esta prática continuará até que seja observada de novo no Reino de Deus (Mt 26.29).

A Festa da Páscoa ocorria imediatamente antes da **Festa dos Pães Asmos** (17). Não é preciso considerar que os versículos 15 a 20 foram acrescentados em instituição posterior desta festa.⁸ A estreita ligação com a Páscoa tornou esta festa parte essencial da primeira ocorrência. Os israelitas não tinham pão fermentado na Páscoa, e por causa da pressa em partir não tiveram tempo para prepará-lo. Também deixaram o fermento, símbolo do Egito.⁹

A Festa dos Pães Asmos durava **sete dias**, começando no dia seguinte à Páscoa. No primeiro e no último dia da festa haveria **santa**

convocação (ajuntamento sagrado), nos quais não se trabalhava (16). Estes dois dias não eram sábados no sentido exato da palavra, mas dias de adoração. A festa era uma lembrança do êxodo, a saída do Egito. **Exércitos** (17), melhor “hostes” (ARA).

[3](#)

Morte no Egito (12.29-36)

[4](#)

meia-noite (29). Em vez de “serva” (11.5), que foi mencionada como a condição social

[5](#)

mais baixa na profecia, agora diz o **cativo que estava no cárcere**. Talvez houvesse

[6](#)

pouca diferença em termos de posição social entre eles.

[7](#)

Como Deus predissera, **todos os primogênitos na terra do Egito** foram feridos à

[8](#)

Faraó deve ter sabido que ocorreria esta praga, porque Moisés lhe falara (11.4,5),

[9](#)

mas seu coração duro o cegou para as coisas sobre as quais não deveria ter dúvida.

[10](#)

Porém, quando se deu a calamidade, não houve escusa da verdade — os primogênitos

[11](#)

estavam mortos. Ocorreu um **grande clamor**; em toda casa havia um filho morto (30).

[12](#)

Enquanto ainda era noite, Faraó **chamou a Moisés e a Arão** e ordenou — não só lhes

O CONCERTO NO MONTE SINAI

Êxodo 19.1—24.18

Os israelitas chegaram ao lugar onde Deus queria fazer deles uma comunidade religiosa peculiarmente sua. Os meses “no monte Sinai realizaram duas coisas: 1) Israel recebeu a lei de Deus e instruções sobre o caminho de Deus; e 2) a multidão que saiu do Egito unificou-se no início de uma nação”.¹ Este período é de grande importância para compreendermos a vontade de Deus revelada no cerne da lei.

As teorias críticas do século XIX, que negavam a existência do Tabernáculo e tornavam a maioria destas leis mero reflexo de costumes vigentes em séculos posteriores, foram amplamente abandonadas nos últimos anos. Hoje em dia, a maioria dos estudiosos admite que o âmago destas leis foi dado no monte Sinai por Moisés. Quem advoga que a lei é a revelação de Deus aceita que sua forma atual é substancialmente o teor recebido por Moisés. Mesmo quando os críticos negam esta idéia, não conseguem entrar em consenso sobre quais leis são mais recentes.²

A. O Concerto Proposto por Deus, 19.1-25

1. A Apresentação do Concerto no Monte Sinai (19.1-8)

No **terceiro mês** depois da saída do Egito, os **filhos de Israel** chegaram **ao deserto do Sinai** (1; ver Mapa 3). A tradição judaica afirma que o dia foi o Pentecostes e que a Festa de Pentecostes comemorava o recebimento da lei. Porém, a expressão hebraica **no mesmo dia** não é suficientemente específica para indicar um dia exato.³

O relato da rápida resposta de Samuel ao que ele julgou ser a voz de Eli, e o reconhecimento de Eli de que Deus falava com o rapaz, é uma das histórias favoritas do Antigo Testamento. **Samuel ainda não conhecia o Senhor** (7) - em hebraico, *yada*, “conhecer”, significa mais que o conhecimento intelectual (cf. comentário sobre 2.11).

Implica em conhecimento pessoal. Até agora, Deus não tinha aparecido a Samuel com visões proféticas, embora o Senhor o preparasse para o lugar que deveria ocupar.

Em resposta às palavras de Samuel, **Fala, Senhor, porque o teu servo ouve** (910), ao quarto chamado do Senhor, Deus disse as suas primeiras palavras proféticas ao jovem. A esta altura nós podemos perceber a disposição para ouvir como uma condição para as palavras posteriores de Deus (cf. At 26.14-18). Aparentemente, houve algum tipo de aparição visual, pois o texto afirma, **veio o Senhor, e ali esteve** (10) - em hebraico, *yatsab*, “esteve”, tipicamente quer dizer “apresentar-se perante”⁸. A mensagem era similar àquela trazida pelo homem de Deus, sem referência de nome, em 2.27-36, exceto que anunciava a proximidade da época do julgamento na casa de Eli. **Vou eu a fazer** (11) significa literalmente: “Eu estou fazendo”. Os acontecimentos já naquela ocasião modelavam aquilo que proporcionaria o cumprimento das predições feitas previamente. Inúmeras traduções posteriores trazem “Eu irei fazer”. **Tinirão ambas as orelhas** (11) era uma expressão comum que significava ouvir com horror e medo (cf. 2 Rs 21.12; Jr 19.3).

“Ouvindo o Chamado de Deus” é o tema dos versículos 1-10. As principais verdades são: (1) Deus está em silêncio quando a Sua Palavra não é conhecida, 1; (2) O chamado de Deus pode ser confundido, 2-7; (3) A Palavra de Deus é transmitida quando os seus servos ouvem, 8-10.

Como havia sido anunciado previamente, Eli deve compartilhar do destino dos seus filhos pecadores, embora ele mesmo tenha sido um homem virtuoso. O seu pecado foi não usar a sua autoridade para interromper ou pelo menos conter a conduta sacrílega dos dois, apesar de saber o que eles faziam de errado (13). **Fazendo-se... execráveis** - a Septuaginta diz “blasfemaram Deus”. O problema tinha ultrapassado o “ponto sem retorno”, isto é, já era irreversível, e nem **sacrifício nem oferta de manjares** (14) poderiam repará-lo. A repetição das palavras **para sempre** (13-14) indica a terrível certeza das ações poderosas de Deus. Parece que o primeiro aviso

(2.27-36), embora expresso em um futuro absoluto, tinha o objetivo de ocasionar uma mudança na atitude de Eli com relação aos seus filhos (cf. o aviso de Jonas a Nínive, 3.4, e os seus resultados, 3:10, 4.12). Mas existe um fim definitivo para a rebelião impenitente, e um pecado para a morte, e para esse não há oração (1 Jo 5.16).

Somente com o firme pedido de Eli na manhã seguinte Samuel revelou-lhe a natureza da mensagem que o Senhor tinha dado. Existe algo de patético e ainda assim nobre na maneira humilde como o sumo sacerdote aceita as tristes notícias de Samuel (18)⁹.

O crescente reconhecimento, entre o povo de Israel, de que o Senhor estava com Samuel e fazia dele o Seu porta-voz, está indicado em 19-21. **Cair em terra** (19), isto é, “deixar de ocorrer, ou ser provada errada”. **Desde Dã até Berseba** (20) é a típica maneira de descrever “a extensão e a amplitude da terra” (cf. Jz 20.1). Dã estava no extremo norte, Berseba era o ponto mais ao sul.

Profeta do Senhor (20). O registro de Atos 3.24: “E todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias”, indica que Samuel foi o primeiro de uma nova ordem ou linhagem de profetas. A palavra *nabi* (provavelmente de compromisso, mas as promessas podem ser sinceras e nos lembrarão da responsabilidade assumida. Se as pessoas tomarem decisões sem este temor religioso, seguirão o caminho da incredulidade.

Emoção religiosa não é coerção. Estas pessoas eram livres para aceitar ou rejeitar as propostas de Deus. O Senhor não força os homens a fazer um concerto com Ele, mas cria a atmosfera que possibilita a escolha favorável. Sem haver primeiro o trabalho de Deus, o homem nunca reage favoravelmente.

2. A Santificação do Povo (19.9-15)

O povo precisava se aprontar para desfrutar a maior experiência da vida humana — ouvir a voz de Deus. O Senhor disse a Moisés três coisas: **Eis que eu virei a ti numa nuvem espessa; o povo** ouvirá,

falando eu contigo; e te crerá eternamente (9). Alguns israelitas recusaram reconhecer Moisés como porta-voz de Deus; quando passavam por dificuldades, muitos em Israel hesitavam em confiar no servo de Deus. Apesar de tudo que Moisés dissera e fizera, os descrentes ainda afirmavam que era só a voz dele e que ele fazia mágicas. Mas agora estas pessoas “veriam” Deus na **nuvem espessa** e ouviriam a voz de Deus sem intermediários. Assim, Deus autenticaria as palavras de Moisés.

De muitas formas é mesmo impossível acreditar que as palavras que uma pessoa fala são as palavras de Deus até ouvirmos pessoalmente Deus nos falar sem rodeios. Pelo que entendemos, os israelitas ouviam um som que não era a voz de Moisés, através do qual eles reconheciam Deus falando com eles (20.1; ver Dt 4.11,12). Para a maioria dos cristãos, a voz de Deus é ouvida pela voz do Espírito Santo no coração (Rm 8.16). Quando sua voz é ouvida, então a palavra de Deus através do homem, audível ou escrita, torna-se meio de fé. Ainda vigora a promessa relativa às pessoas que crêem em Moisés **eternamente**, visto que cristãos e judeus consideram Moisés o porta-voz de Deus.

Para que Israel estivesse preparado para ouvir Deus diretamente, Moisés tinha de santificá-los **hoje e amanhã** (10). Esta santificação exterior, símbolo da pureza interior que só Deus dá (cf. comentários em 13.2), levaria dois dias inteiros. A limpeza externa abrangeria: 1) Lavar o corpo, 2) lavar as roupas e 3) abster-se de relações sexuais.¹ Mesmo depois desta santificação, o povo tinha de ficar separado do monte por **limites** (12), ou cercas, para que nenhum homem ou animal tocasse o monte. Se tocasse, seria morto imediatamente. Se pessoa ou animal transpusesse a cerca, ninguém deveria tocar nessa pessoa ou nesse animal (13; cf. NTLH), pois fazer isso significaria toque direto no monte. Tal ofensor deveria ser morto a pedradas ou flechadas.

Todos estes regulamentos tinham a função de ensinar ao povo a necessidade de santidade, a qualidade impressionante de Deus, e a exigência de absoluta obediência a Deus. A desatenção era intolerável;

até um animal inocente teria de morrer se o dono não o mantivesse afastado do monte. Deus desceria **diante dos olhos** (11) do **povo**, mas este não deveria presumir intimidade com Ele. O caminho ainda não estava aberto para as pessoas irem à presença de Deus com ousadia (Hb 4.16).

Embora no versículo 12 haja a proibição de subir o monte, algumas pessoas tinham a permissão de subir quando a **buzina** (13) soasse **longamente**. Pelo que deduzimos, as pessoas mencionadas no versículo 13 pertencem a um grupo especial; em outro momento, Moisés, os sacerdotes e os setenta anciãos (24.1,2) tiveram permissão de subir.¹¹ Mesmo assim, deveriam subir depois de ouvirem a **buzina**. O versículo alude ao ajuntamento de pessoas quando Deus estava prestes a falar,¹² embora o original hebraico signifique mais que isso. O sentido dos versículos 16 e 17 favorece a opinião de que a buzina chamava Israel do acampamento para o pé do monte. Por isso, **Moisés... santificou o povo** (14; cf. comentários em 13.2).

3. Deus no Monte Sinai (19.16-25)

Com todas essas preparações e avisos, o povo **estremeceu** (16) quando Deus manifestou sua presença. Chegara o momento de verem Deus, assim os israelitas **puseram-se ao pé do monte** (17). A experiência tinha o propósito de criar um verdadeiro temor de Deus nas pessoas e prepará-las para respeitar a lei de Deus.

Além dos **trovões e relâmpagos** (16) e do **sonido de buzina mui forte**, a montanha estava em chamas; subia **fumaça** do fogo, **como fumaça de um forno**, e **todo o monte tremia grandemente** (18). **Fumegava** é melhor “estava coberto de fumaça” (NVI). Até Moisés tremeu de medo com a visão (Hb 12.21). Apesar de todo esse medo, com o clangor cada vez mais longo e forte da buzina, **Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta** (19). A mesma voz que ele ouvira na sarça ardente agora falava do monte em som claro e apavorante que todos ouviam.

Chamou o SENHOR a Moisés (20) para subir ao **monte**, ação proibida para os outros, e **Moisés subiu**. Quase imediatamente, Deus

mandou Moisés de volta para reforçar o aviso para o povo não traspassar os limites do monte santo (21). Os **sacerdotes, que se chegam ao SENHOR** (22), receberam uma mensagem especial. Quanto a **santificar**, ver os comentários no versículo 10 e em 13.2. Estas pessoas não eram os levitas, que ainda não tinham sido separados; eram provavelmente os primogênitos que exerciam funções sacerdotais (ver 24.5).¹³ Talvez conjecturaram que tinham tanto direito quanto Moisés de subir ao monte. Deus conhecia suas intenções, por isso ordenou que Moisés voltasse para evitar uma catástrofe. **O SENHOR** lançar-se **sobre eles** seria na forma de praga, ou com fogo ou morte direta, como no caso de Uzá (2 Sm 6.7,8).

Moisés, desconhecedor das possíveis intenções do povo, lembrou Deus que todas as precauções foram tomadas e que ninguém subiria involuntariamente o **monte Sinai** (23). Mas Deus sabia mais que Moisés; o servo do Senhor tinha de falar novamente para o povo que somente ele e **Arão** (24) poderiam subir. Aqui Deus está deixando claro que Ele escolhe quem quer, e que outros têm de permanecer em sua vontade. Também é importante discernir a voz de Deus e segui-la, mesmo quando achamos que não há perigo. Deus conhece os corações dos homens e as pessoas não. Quanto a **santifica-o** (23), ver comentários em 13.2. **Moisés** (25) obedeceu, evitando assim uma tragédia.

“A Santidade de Deus”, revelada no capítulo 19: 1) Requer santidade em quem se aproxima de Deus, 5,6,10,11; 2) Separa Deus de todas as suas criaturas, 12,13; 3) Manifesta a presença de Deus em majestade aterrorizante, 16-20; 4) Comunica-se com os pecadores, 7-9,21-25.

B. Os Dez Mandamentos, 20.1-17

Deus falou (1) com o povo do monte em chamadas. O texto em Deuterônomo declara nitidamente que Deus “no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com grande voz” (Dt 5.22) deu estes mandamentos para a assembléia. Não sabemos como Deus falou em voz audível, mas Israel entendia que a voz que ouviam era de Deus. Esta era “uma voz audível e terrível, a voz de Jeová, soando como trombeta pela multidão (19.16: 20.18)”.¹⁴ Este modo de descrever o

evento não indica que Deus tenha cordas vocais como o homem, mas assevera que Deus criou um som audível que, de forma inteligível, enunciava suas palavras para o homem. Depois que ouviram aquela voz, preferiram que **Moisés** (19) lhes falasse.

E importante saber que era **o SENHOR, teu Deus (2)**, que estava falando. Nos dias de hoje, quando se fala em “nova moralidade” e quando há teólogos que anunciam que “Deus está morto”, precisamos saber onde está a autoridade divina. Estas palavras foram ditas por Deus ao povo como normas orientadoras para toda a humanidade. Não basta afirmar que são pertinentes apenas para a época em que foram dadas. “Deus queria que os israelitas entendessem claramente que fora Ele mesmo que lhes dera os mandamentos.”¹⁵

Além disso, as pessoas ouviram **todas estas palavras (1)**. No original hebraico, os Dez Mandamentos são chamados “dez palavras” (34.28; Dt 4.13; 10.4; daí o título Decálogo. lit., “dez palavras”). Estes dizeres não foram copiados do Egito ou de outras nações, como alguns suspeitam. “As declarações do monte Sinai são nobres e inteiramente diferentes de qualquer coisa encontrada em todo o conjunto da literatura egípcia.”¹⁶

Deus deu estas palavras não como meio de salvação, porque este povo já estava salvo do Egito, mas como norma de conduta. Levando em conta que a obediência era uma cláusula para a continuação do concerto (19.5), estas palavras se tornaram a base de perseverança na qualidade de povo de Deus. Paulo deixou claro que a observância da lei não é meio de salvação pessoal, pois a justificação é pela fé em Cristo (G1 2.16). A lei conduz a Cristo, mas não salva (G1 3.24). “Se não é verdade que podemos cumprir a lei para ganhar o céu, é igualmente falso que podemos quebrá-la sem sermos punidos ou sentirmos remorso.”¹⁷ Deduzimos que esta lei moral foi dada como fundamento providencial para a fé do povo de Deus. Quem o ama observa sua lei.

Dividir a lei em lei moral, lei cerimonial e lei civil é, por um lado, útil,

e, por outro, enganoso. Lógico que a lei moral do Decálogo é básica e expressa a responsabilidade de todos os homens. Mas as outras leis dadas a Israel também eram igualmente obrigatórias. As leis de Deus eram demonstração de sua justiça por meio de símbolos e forneciam uma disciplina pela qual os israelitas poderiam ser conformados à santidade de Deus." As leis sociais e cerimoniais mudam, mas as relações fundamentais entre Deus e o homem, e entre os homens, conforme exaradas no Decálogo, são eternas.

A divisão dos Dez Mandamentos é entendida de modos variados. Seguindo Agostinho, a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Luterana consideram os versículos 2 a 6 o primeiro mandamento e dividem o versículo 17, que trata da cobiça, em dois mandamentos. O judaísmo hodierno reputa que o versículo 2 ordena a crença em Deus e é a primeira palavra; e combina os versículos 3 a 6 na segunda. A divisão aceita nos primórdios da igreja torna o versículo 3 o primeiro mandamento e os versículos 4 a 6 o segundo. Esta posição foi “apoiada por unanimidade pela igreja primitiva, e é mantida hoje pela Igreja Ortodoxa Oriental e pela maioria das igrejas protestantes”.¹⁹

Os primeiros quatro mandamentos compõem a primeira tábua do Decálogo e mostram a relação apropriada do homem com Deus. Têm seu cumprimento no primeiro grande mandamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mt 22.37). Os últimos seis mandamentos lidam com as relações humanas e cumprem-se no amor ao próximo como a si mesmo.

1. *O Primeiro Mandamento: Não Ter Outros Deuses (20.3)*

O versículo 2 é a introdução do primeiro mandamento. **Deus** identifica quem tirou os filhos de Israel da servidão egípcia: **O SENHOR**. Visto que ele os libertara e provara que era supremo, eles tinham de torná-lo seu Deus. Não havia lugar para competidores. Todos os outros deuses eram falsos.

Diante de mim (3) significa “lado a lado comigo ou além de mim”.²⁰ Deus não esperava que Israel o abandonasse; Ele sabia que o perigo

estava na tendência de prestar submissão igual a outros deuses. Este mandamento destaca o monoteísmo do judaísmo e do cristianismo.

“O primeiro mandamento proíbe todo tipo de idolatria *mental* e todo afeto imoderado a coisas *terrenas* e *que podem ser percebidas com os sentidos*.”²¹ Não existe verdadeira felicidade sem Deus, porque Ele é a Fonte de toda a alegria. Quem busca alegria em outros lugares quebra o primeiro mandamento e acaba na penúria e em meio a acontecimentos trágicos.

2. *O Segundo Mandamento: Não Fazer Imagens* (20.4-6)

“Como o primeiro mandamento afirma a unidade de Deus e é um protesto contra o politeísmo, assim o segundo afirma sua espiritualidade e é um protesto contra a idolatria e o materialismo.”²² Embora certas formas de idolatria não sejam materiais — por exemplo, a avareza (Cl 3.5) ou a sensualidade (Fp 3.19) —, o segundo mandamento condena primariamente a fabricação de imagens (4) na função de objetos de adoração. Este tipo de idolatria sempre existiu entre os povos pagãos mais simplórios do mundo. A história de Israel comprova que esta tentação é traiçoeira.

Estas imagens pagãs eram feitas na forma de coisas vistas no céu, na terra e nas águas. Estas imagens não deveriam se tornar objetos de adoração: **Não te encurvarás a elas** (5). Os versículos 4 e 5 devem ser considerados juntos. Não há condenação para a confecção de imagens, contanto que não se tornem objetos de veneração. No Tabernáculo (25.31-34) e no primeiro Templo (1 Rs 6.18,29) havia obras esculpidas. A idolatria consiste em transformar uma imagem em objeto de adoração e atribuir a ela poderes do deus que representa. Se considerarmos que gravuras ou imagens de pessoas possuam poderes divinos e que sejam adorados, então elas se tornam ídolos.

Deus apresentou os motivos para esta proibição. Ele é **Deus zeloso**, no sentido de que não permite que o respeito e a reverência devidos a Ele sejam dados a outrem. Deus não regateia o sucesso ou a felicidade para as pessoas, como faziam os deuses gregos. E para o bem dos filhos de Deus que eles devem consagrar e reverenciar o nome

divino.²³

Deus pune a desobediência (5) e recompensa a obediência (6). Muitos questionam o julgamento nos filhos de pais ofensores, mas tais julgamentos são temporários (ver Ez 18.14-17) e aplicam-se às conseqüências, como, por exemplo, doenças, que naturalmente seguem as más ações. O medo de prejudicar os filhos deveria exercer coibição salutar na conduta dos pais. As perdas que os filhos sofrem por causa da desobediência parental podem levar os pais ao arrependimento. Na pior das hipóteses, a pena vai **até à terceira e quarta geração**, ao passo que a **misericórdia** é mostrada a mil gerações quando há amor e obediência.

3. *O Terceiro Mandamento: Não Tomar o Nome de Deus em Vão* (20.7)

Tomar **o nome do SENHOR, teu Deus, em vão** é “recorrer ao irrealismo, ou seja. servir-se do nome de Deus para apelar ao que não é expressão do caráter divino”.²⁴ Tal uso profano do nome de Deus ocorre no perjúrio, na prática da magia e na invocação dos mortos. A proibição é contra o falso juramento e também inclui juramentos levianos e a blasfêmia tão comum em nossos dias. “Este mandamento não obsta o uso do nome de Deus em juramentos verdadeiros e solenes.”²⁶

Deus odeia a desonestidade, e é pecado sério alguém usar o nome divino para encobrir um coração mau, ou para se fazer melhor do que se é. A pessoa que procura disfarçar uma vida pecaminosa, ao mesmo tempo em que professa o nome de Cristo, quebra este terceiro mandamento. Tais indivíduos são culpados diante de Deus (7) e só recebem misericórdia depois de se arrependerem. Os justos veneram o nome de Deus por ser santo e sagrado.

4. *O Quarto Mandamento: Santificar o Sábado* (20.8-11)

O uso do verbo **lembra-te** (8) insinua que é fácil negligenciar o dia santo de Deus. Tinha de ser mantido em ininterrupta consciência e santificado, ou seja, “retirado do emprego comum e dedicado a Deus”

(ATA). Todo o trabalho comum seria feito em **seis dias (9)**, ao passo que **o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus (10)**. Era um dia dedicado, separado, a ser dado inteiramente a Deus.

Ninguém deveria trabalhar neste **sétimo dia**. O senhor não deveria fazer seus servos trabalharem. Até os animais tinham de descansar do trabalho cotidiano. Havia proibições específicas, como a ordem de não colher maná (16.26), não acender fogo (35.3), não apanhar lenha (Nm 15.32-36). Embora o foco seja negativo, a lei permitia o trabalho necessário, como o trabalho de sacerdotes e levitas no Templo, o atendimento a doentes e o salvamento de animais (cf. Mt 12.5,11).

A razão para observar o sábado é que Deus fez a terra **em seis dias e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR o dia do sábado e o santificou (11c)** As Escrituras não fazem uma lista de coisas que se deve fazer no sábado. A inferência inequívoca é que o dia é de descanso e adoração. As ocupações seculares e materialistas devem ser substituídas por atividades espirituais. Cristo condenou o legalismo que deu ao dia a forma severa e insensível, embora não tenha anulado a sacralidade do dia. Foi ordenado para o bem do homem (Mc 2.23-28).

A observância do dia do Senhor (domingo) como o sábado cristão preserva o princípio moral que há neste mandamento. A mudança do sábado judaico para o sábado cristão foi feita gradualmente sem perder necessariamente o propósito de Deus para este dia santo.²⁶ Notamos que os versículos 9 e 10 não especificam o sábado nem “o sétimo dia da semana” como o dia do descanso sabático. A letra do mandamento é cumprida pela observação do dia seguinte aos seis dias de trabalho, como faz o cristão.

5. *O Quinto Mandamento: Honrar os Pais (20.12)*

Honra a teu pai e a tua mãe é o primeiro mandamento em relação aos homens e **rege** o primeiro relacionamento que a pessoa tem com outrem: a relação dos filhos com os pais.

Este mandamento é tão básico que é amplamente universal. A maioria das sociedades reconhece a importância de filhos obedientes. A melhor exegese deste versículo é a exortação de Paulo encontrada em Efésios 6.1-3, onde ele destaca as responsabilidades de pais e filhos.

Com este mandamento ocorre uma promessa. Quem honra os pais tem a garantia de vida longa. O propósito desta promessa visava a nação em sua permanência na Palestina e o indivíduo que obedece. A promessa ainda vigora: a nação cujos filhos são obedientes permanece sob a bênção de Deus, e os indivíduos obedientes aos pais têm a promessa de vida mais longa. Haverá exceções a esta regra, mas aqui destacamos sua aplicação geral.²⁷

6. *O Sexto Mandamento: Não Matar (20.13)*

A vida é a possessão humana mais estimada e é errado privar alguém da vida sem justa causa. A história de Israel mostra que este mandamento não é absoluto. Houve a adição de outras cláusulas, como o homicídio culpável (21.13), o homicídio acidental (Nm 35.23) e o homicídio justificável (22.2). Israel também foi autorizado a matar os inimigos. Não há exegese racional que condene a pena de morte ou a guerra simplesmente com base neste mandamento. Jesus esclareceu seu significado quando o citou: “Não matarás” (Mt 19.18).

Não há justificativa para a instigação de motins e rebeliões desnecessárias ou outras condições semelhantes que levem ao derramamento de sangue. Há responsabilidade evidente pelo cuidado adequado em viagens, projetos construtivos e jogos esportivos onde haja perigo. Esforços individuais e comunitários são necessários para a preservação da vida humana. Mas este mandamento não requer nem justifica o prolongamento da vida por meio de remédios e equipamentos auxiliares quando a esperança pela vida normal se extingue.

7. *O Sétimo Mandamento: Não Adulterar (20.14)*

Apureza sexual é o princípio subjacente neste mandamento. Adultério

constituiu-se em relações sexuais ilícitas feitas por alguém casado. Tratava-se de pecado contra a família. Mas este mandamento é aplicável a todos os tipos de imoralidade sexual. A concepção em vigor atualmente que afirma haver exceções a esta regra não tem justificativa. Jesus deixou claro que o adultério está no coração e ocorre antes do ato (Mt 5.28). Este mandamento condena todas as relações sexuais que acontecem fora do laço matrimonial. Também infere a proibição de atos que precedem e conduzem ao ato sexual.

8. *O Oitavo Mandamento: Não Furtar (20.15)*

Este mandamento regula o direito da propriedade particular. É errado tomar de outro o que é legalmente dele. Constitui roubo quando a pessoa se apossa do que legalmente pertence a uma empresa ou instituição. Não há justificativa para a “apropriação” mesmo quando a pessoa sente que o produto lhe é devido. Este mandamento é quebrado quando a pessoa intencionalmente preenche a declaração do Imposto de Renda com informações falsas, desta forma retendo tributos devidos ao governo. Esta prática é imprópria mesmo que o cidadão desaprove o governo.

Também passa a ser roubo o ato de tirar vantagens de outrem na venda de propriedades ou produtos, ou na administração de transações comerciais. É impróprio pagar salários mais baixos do que devem receber por direito. O amor do dinheiro é o pecado básico condenado por este mandamento. A obediência é perfeita somente com um coração puro.

9. *O Nono Mandamento: Não Dar Falso Testemunho (20.16)*

Enquanto que o roubo nos priva da propriedade, a conduta da falsa testemunha nos rouba da boa reputação. Seja no tribunal ou em outro lugar, nossa palavra sempre deve ser verdadeira. Não devemos divulgar um relato até que verifiquemos sua veracidade. A repetição da fofoca é imoral; antes de falar devemos averiguar a correção do que dizemos. Há ocasiões em que mesmo a informação verdadeira não deve ser propagada; não temos a obrigação de anunciar a todos o que sabemos que é a verdade. Mas quando falarmos, até onde sabemos,

sempre devemos dizer a verdade.

10. *O Décimo Mandamento: Não Cobiçar (20.17)*

Este último mandamento está por baixo dos quatro precedentes, visto que atinge o propósito do coração. Matar, adulterar, roubar e mentir são resultados de desejos errados que inflamam nosso ser. É singular que a lei hebraica incluía este desafio ao nosso pensamento e intenção. “Os antigos moralistas não reconheciam esta condição” e não condenavam os desejos maus.²⁸ Mas é no coração onde se inicia toda a rebelião, e este mandamento revela o aspecto interior de todos os mandamentos de Deus.

Paulo reconheceu este aspecto interior da lei quando se conscientizou de sua condição pecaminosa (Rm 7.7). Muitas pessoas são absolvidas de crimes com base em atos exteriores, mas são condenadas quando levam em conta os pensamentos interiores. Estes desejos cobiçosos são, por exemplo, pela propriedade ou pela **mulher** pertencente ao **próximo (17)**. Tais desejos criminosos precisam ser purgados pelo Espírito de Deus; só assim viveremos em obediência perfeita à santa lei de Deus.

C. O Medo do Povo, 20.18-20

Os israelitas estavam perto de uma montanha em chamas e ouviram a voz do Deus Todo-poderoso. Que experiência tremenda! Quando viram esse cenário, afastaram-se e se puseram **de longe (18)**. O medo tomou conta deles. Pediram a Moisés que lhes servisse de intermediário, dizendo: **Fala tu conosco, e ouviremos; e não fale Deus conosco, para que não morramos (19)**. Nestas circunstâncias, sentiram que não estavam tão preparados para questionar a posição de Moisés como profeta de Deus como antes estiveram (17.1-4).

Moisés lhes deu uma palavra tranquilizadora. Não havia necessidade de temerem excessivamente, pois **Deus veio para provar-vos (20)**, ou seja, “testar se vós respeitareis seus mandamentos”.²⁹ Não precisavam ter medo dos **relâmpagos**, mas deviam ter um **temor**

santo para que não pecassem contra Deus. Os filhos de Deus não precisam ter medo das providências divinas, mas é essencial possuírem um temor piedoso que os leve à reverência e obediência.

D. As Leis do Concerto, 20.21—23.33 1. A Lei do Altar (20.21-26)

Enquanto o povo medroso se mantinha a distância segura do monte ardente, Moisés **se chegou à escuridade, onde Deus estava** (21). Os mesmos fenômenos que repeliram as pessoas atraíram Moisés. A verdadeira diferença estava no coração. A fé de Moisés o atraía a Deus.

Deus dá ao seu servo o que denominamos o Livro do Concerto (20.22—23.33). Em vez de falar diretamente com o povo, Ele se serviu de Moisés como mediador, conforme pediram (19). Deus queria que os israelitas soubessem que aquele que falava por Moisés era o mesmo que falara com eles **desde os céus** (22) quando lhes dera o Decálogo. Quer Deus fale diretamente ou por meio do seu ministro, o teor transmitido é a sua palavra.

Israel não devia fazer representações de deuses de **prata** e de **ouro**. **Não fareis outros deuses comigo** (23) significa “para me rivalizar” (VBB). Somente Jeová era o Deus dos israelitas, por isso não deveria haver feitio de imagens de qualquer tipo. Os falsos deuses não deveriam participar da glória do Deus de Israel, nem compartilhar a adoração do povo. Estas restrições complementam o segundo mandamento.

Para se aproximar de Deus, o povo deveria fazer **um altar de terra** (24). A elevação simbolizava o levantamento do homem em direção ao Deus do céu. A simplicidade do altar fazia o homem tirar a atenção de si mesmo e das coisas materiais para o Deus Exaltado. Obviamente, nesta época Israel conhecia **holocaustos** e **oferdas pacíficas**, embora o uso no Egito tivesse sido restrito.

“Em todo lugar onde eu fizer com que meu nome seja lembrado” (24, RSV) indica o propósito de Deus em conhecer Israel e o abençoar. O **lugar onde eu fizer celebrar a memória do meu nome** (24)

refere-se, provavelmente, a lugares onde Ele se manifestou a Israel durante a peregrinação. Em época posterior, quando se desejasse um memorial mais permanente, Israel poderia fazer altares de **pedras** (25), mas só com pedras não lapidadas; usar ferramentas profanaria as pedras. O uso de pedras em sua forma natural impedia que, nesta época, Israel fizesse embelezamentos artísticos, provavelmente por causa do perigo de idolatria. Nas construções posteriores e permanentes, permitiu-se a utilização de altares mais elaborados (27.1-8; 30.1-5). Deus ensinou o povo a começar com o simples e passar para o mais complexo, à medida que o crescimento espiritual fosse justificando.

A restrição no versículo 26 foi dada antes das instruções pertinentes às roupas sacerdotais (28.42). Os altares não deveriam ter degraus. As vestes folgadas que os cabeças sacerdotais das tribos usavam não eram adequadas para subir degraus na presença de pessoas. Deus sempre quer que as coisas sejam feitas com decência e ordem.

2. As Leis Regulamentares Concernentes à Escravidão (21.1-11)

Não devemos nos esquecer de que estes **estatutos (1)**, leis detalhadas) foram dados a Israel para a situação social em que viviam. Deus aplicou seus princípios morais às necessidades vigentes em Israel. A lei não exigia que houvesse escravidão, mas, visto que existia, estas leis regulamentares regeriam a manutenção das relações certas. Os princípios éticos se aplicariam em qualquer tipo de estrutura social que prevalecesse. Os israelitas tinham de julgar quais eram as ações corretas sob o sistema que estivessem, daí a necessidade destas normas.

a) *Leis Regulamentares Concernentes aos Escravos (21.2-6)*. A pobreza era o motivo de o homem se vender a quem o pudesse comprar. O tempo de serviço seria limitado a **seis anos**; “mas no sétimo ano será liberto, sem precisar pagar nada” (2, NVI). Estas regras só se aplicavam aos escravos hebreus (Lv 25.44-46). O propósito dos regulamentos era proteger os direitos individuais. No ano sabático, o escravo sairia livre com **sua mulher** (3) se ela tivesse entrado na escravidão com ele.

Mas, se o escravo se casou com uma das escravas do seu senhor, ele não poderia levá-la consigo quando saísse em liberdade, nem levar os **filhos (4)**. Ele poderia ficar, se o amor que tivesse pela família ou **senhor (5)** fosse tamanho que ele desejasse permanecer escravo. Quando manifestasse o desejo definitivo de permanecer, seu senhor o levaria aos **juizes (6)** para obter a ratificação do caso. A prova pública e permanente da livre intenção do escravo era dada quando o **senhor** furava a **orelha** do escravo com um furador. Por este sinal, ele se tornaria escravo para sempre. Como a orelha é parte integrante do órgão da audição, simboliza a boa vontade em obedecer. Desta forma, até na escravidão havia a garantia de liberdade de escolha.

b) *Leis Regulamentares Concernentes às Escravas (21.7-11)*. A filha vendida em escravidão tinha mais direitos que o homem. Se permanecesse solteira, poderia sair livre como qualquer escravo ao término de seis anos (Dt 15.12,17), embora esta cláusula seja adendo posterior. Pelo visto, a situação aqui é a do pai que vende a **filha (7)** para se casar com o **senhor (8)** dela ou o **filho (9)** do senhor dela. Se o senhor não ficasse satisfeito com a moça, ela seria resgatada, ou seja, comprada de volta, mas não poderia ser vendida a um estrangeiro (8). Se ela se tornasse esposa do filho do senhor dela, este tinha de tratá-la como filha (9). Mesmo que o marido tomasse outra esposa, a ex-escrava tinha direito a **mantimento, vestes e obrigação marital (10)**. Se estas três condições não fossem atendidas, ela sairia **de graça (11)**, sem ter de pagar nada.

O propósito desta prática era o pai melhorar a situação econômica da filha. Ela se tornaria parte da casa de uma família mais abastada. Estas normas impediram que o senhor se aproveitasse da família pobre, maltratando a moça. Estes regulamentos não apoiavam a instituição da escravidão, mas protegia os direitos de indivíduos que já estavam no sistema.

3. Leis Regulamentares Concernentes a Crimes sujeitos a Pena Capital (21.12-17)

O sexto mandamento não deixou dúvidas ao condenar o homicídio. Estas normas elucidam a lei e declaram a pena, que era a pena de

morte por apedrejamento. Os oponentes à pena de morte que se fundamentam apenas no sexto mandamento não interpretam a escritura com correção. O mesmo Legislador que ordenou não matar instruiu que o assassino **certamente morrerá** (12).

Deus distinguia entre homicídio culposo, ou seja, o assassino quis e premeditou, e homicídio doloso, ou seja, resultante de ato não intencional por parte do assassino. Se o indivíduo **não armou cilada** (13) para a vítima, mas na providência de Deus o matou (não há acidentes com Deus), então o assassino poderia fugir para um lugar de refúgio (Nm 35.22-28). Ali, o assassino estaria seguro até que a questão fosse julgada e a verdade determinada por tribunal apropriado. Se o indivíduo fosse culpado de homicídio culposo (ou premeditado), seria tirado do **altar** e executado (14). É possível que os altares fossem considerados lugar de refúgio. Muitos no mundo antigo tinham escrúpulos em retirar o criminoso de um altar para aplicar a sentença, mas a lei mosaica considerava que este escrúpulo injustificado era superstição e se recusava a sancioná-lo.³⁰

Ferir (15) um dos pais era reputado crime passível de pena de morte. Estimava-se o ataque aos pais crime tão sério como se resultasse em morte. Certamente o ato era propositado. Os filhos tinham de honrar os pais que os representavam diante de Deus. Os dois pais desfrutavam posição e importância iguais, e a pena era a mesma por ferir qualquer um. Pelo visto, o filho considerado responsabilizado pelo delito seria adulto o bastante para prestar contas pelo ato.

Reputava-se crime passível de pena capital roubar ou seqüestrar um **homem** (16) e mantê-lo como escravo ou vendê-lo para a escravidão. Esta ação era tão grave quanto o assassinato, visto que tomava a liberdade que era estimada como a vida. Nesta norma, temos a condenação da lei mosaica da prática comum de escravizar pessoas à força.

Amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe (17) significava recorrer sob juramento a Deus para que este se unisse contra seu representante na terra. Tratava-se de crime punível com a morte.

4. *Leis Regulamentares Concernentes a Crimes não sujeitos a Pena Capital* (21.18-32)

a) *A briga entre homens* (21.18,19). A lei mosaica reconhecia a perversidade dos homens — eles brigam e se ferem (18). Quando alguém feria com **pedra** ou com **punho** (talvez sem a intenção de matar) e a vítima não morresse, mas conseguia **levantar-se e andar** (19) com o auxílio de uma bengala, a pena era o pagamento pelo **tempo que se perdera** e pelos cuidados médicos. A responsabilidade do agressor só acabava quando a vítima ficasse **totalmente** curada.

b) *A morte de um escravo* (21.20,21). Na sociedade pagã, os escravos tinham poucos direitos, quando os tinham. Mas Deus reconhecia o valor dessas pessoas; Ele pôs o escravo e a escrava no mesmo nível elevado, quando exigiu a punição do senhor que matasse um escravo (20). O texto não diz com clareza se a pena era a morte.³¹ Se o escravo sobrevivesse **por um ou dois dias** (21), não havia pena. O motivo é que a sobrevivência comprovava que o senhor não desejara matar o escravo, mas o castigava para corrigi-lo. Se o escravo morresse depois, a perda econômica do escravo seria a pena do senhor.

c) *A mulher grávida* (21.22,23). Não é incomum que numa disputa entre **homens** uma esposa fique ferida ao tentar intervir. Se a mulher estivesse **grávida** e perdesse a criança, o homem que a feriu teria de pagar uma multa ao **marido** conforme a estipulação dos **juizes**. Levando em conta que a morte da criança fosse acidental, não se impunha a pena de morte. Se ocorressem mais danos (23), como a morte da mulher, aplicava-se a pena capital, a menos que o assassino pudesse provar que o ato não fora intencional • cf. 13,14).

d) *A lei da vingança* (21.24,25). Rawlinson acredita que a “lei da vingança era muito mais antiga que Moisés, que a aceitou como dispositivo tolerável e não como método probó”.³² Leis similares eram proeminentes nas sociedades de antigamente, sendo encontradas no Código de Hamurábi.³³ Por ser difícil administrar a exigência de o ofensor sofrer dano equivalente ao causado, mais tarde a lei foi comutada por multa em dinheiro, exceto para assassinato.³⁴ Jesus

não disse que esta lei era injusta, mas pediu que o amor e o perdão prevalecessem (Mt 5.38-48). Na prática, a “pena de talião”, como se chama, resultou em um código de justiça mais misericordioso do que o prevalecente em muitos códigos pagãos. Estas coleções de leis aplicavam a punição mais extrema por ofensas comparativamente minoritárias. Aqui, a punição estava limitada ao tamanho do crime.

e) *O dano a escravos* (21.26,27). Temos aqui modificação imediata da lei da vingança. Se o senhor ferisse um **olho** ou um **dente** do escravo, ele tinha de libertá-lo, quer fosse homem ou mulher. Os olhos eram considerados o bem mais precioso do homem, ao passo que os dentes eram o menos. Esta cláusula serviria de restrição aos senhores na punição dos escravos, visto que mesmo a extração accidental de um dente poderia privá-los de ter o escravo. Esta lei reflete o reconhecimento do valor humano, ato não encontrado em lugar algum entre as nações daquele período.

f) *O dano por animal* (21.28-32). Se **algum boi** chifrasse uma pessoa até a morte, o animal deveria ser **apedrejado** e **a sua carne** (28) não podia ser comida. **Será absolvido** significa “estará sem culpa”. O dono do boi seria responsabilizado pela tragédia se soubesse que o animal era perigoso e nada fizera para evitar a morte — seria negligência criminal. Neste caso, era culpado de crime equivalente a assassinato e deveria ser morto junto com o animal (29).

Em tais casos, havia uma cláusula para resgate. A família da pessoa morta poderia pedir uma soma em dinheiro (30), a qual o dono do boi pagaria e, assim, salvaria a vida. Este **resgate** também era permitido se a pessoa morta fosse um **filho** ou uma **filha** (31). Se a família pedisse um resgate muito alto, os juizes seriam convocados para resolver a questão (cf. 22).

No caso de escravos mortos por **boi**, pagava-se ao **senhor** a quantia fixada por lei como preço de escravo: **trinta siclos de prata** (32). O **boi** seria **apedrejado**, como ocorria na morte de um homem livre, desta forma constatando a dignidade humana do escravo.

5. *Leis Regulamentares Concernentes a Direitos de Propriedade* (21.33

As leis anteriores sobre crimes sujeitos ou não a pena capital eram adendos ao sexto mandamento: “Não matarás”. Por outro lado, a legislação apresentada a seguir pertinente a propriedades está relacionada com o oitavo mandamento: “Não furtarás”. Estas leis reconheciam o direito de propriedade particular. Quando estes direitos eram infringidos, havia a exigência da devida compensação.

a) *Uma cova aberta* (21.33-34). Covas no chão eram comuns no Oriente, pois eram usadas para armazenamento de água e de cereais. Quando não eram tampadas constituíam perigo para as pessoas. O responsável por ter cavado a **cova** tinha de pagar pelo ferimento causado a um animal que nela caísse (33). Após o pagamento ao dono do valor do animal, o infrator poderia exigir a carcaça do animal morto. Pelo visto, havia o direito de o gado pastar livremente pelos campos.

b) *O boi contra boi* (21.35,36). Considerando que os animais pastavam juntos pelos campos sem cerca, um boi poderia matar outro. Quando isso acontecesse, os donos dos bois dividiriam o valor do **boi vivo** e repartiriam o animal **morto** (35) em partes iguais. Se fosse sabido que o **boi** que feriu e matou era perigoso, seu dono teria de pagar o preço total ao **dono** do boi morto e poderia ficar com o animal **morto** (36). Em casos controversos, haveria testemunhas diante de um júri. Pelo visto, a prova de negligência séria era considerada muito importante nestas decisões.

c) *O roubo* (22.1-4). Bois e ovelhas são usados como exemplos de roubo, porque eram animais muito comuns. O texto não indica a razão de pagar **cinco bois** por **um boi** e **quatro ovelhas** por uma **ovelha** (1). Talvez a perda de bois fosse mais grave, porque eram animais utilizados no trabalho, ao passo que as ovelhas eram criadas para o fornecimento de lã e carne.

Minar (2) era a ação de cavar uma parede de barro em propriedade alheia. Se o intruso fosse pego no ato e morto, não haveria culpa a quem o matasse. Tratava-se de homicídio justificável. Se houvesse

decorrido tempo, como dão a entender as palavras **se o sol houver saído sobre ele** (3), então matar o ladrão não seria justificável e tal assassinato estaria sujeito à pena.³⁵ E possível que o significado desta cláusula seja que não havia culpa matar o ladrão à noite, mas que constituía delito fazê-lo durante o dia. Em todo caso, se o ladrão vivesse, teria de fazer **restituição total** ou, se não pudesse pagar, seria **vendido** como escravo (3).

Se o ladrão não tinha matado ou vendido o animal que roubara, ele poderia fazer restituição pagando em **dobro** (4) em vez de quatro ou cinco vezes mais (1). Neste caso, ele devolveria o animal roubado e acrescentaria mais um.

d) *A violação dos direitos de propriedade* (22.5). Embora pareça que em certas áreas os animais tinham liberdade de andar a esmo (21.33-36), também havia campos ou vinhedos particulares onde era proibido entrar. Os hebreus reconheciam terras particulares e propriedades privadas. Se alguém propositalmente deixasse o gado pastar na **vinha** ou **campo** de outra pessoa, ele teria de reembolsar com o melhor produto do seu **campo** e **vinha**.

e) *O fogo* (22.6). Em certos períodos do ano, as pessoas juntavam mato seco nos campos para queimar. Se por descuido, o fogo se espalhasse e queimasse os grãos estocados ou empilhados nos campos, o indivíduo que **acendeu o fogo** tinha de pagar por completo o que fora queimado. Estas normas ensinavam o cuidado e promoviam o respeito pelos direitos de propriedade dos outros.

f) *Os bens sob custódia* (22.7-13). Nas sociedades primitivas, onde não se conheciam transações bancárias, era costume deixar bens nas mãos de outras pessoas. Em tais casos, havia necessidade de leis protetoras. Se dinheiro ou bens entregue aos cuidados de outrem fossem roubados por um ladrão, o culpado, depois de capturado, teria de pagar **o dobro** (7). **Se o ladrão não** fosse encontrado, o depositário dos valores ou objetos teria de comparecer perante os **juizes** para que o caso fosse resolvido (8). A palavra traduzida por **juizes** poderia ter sido vertida por “Deus”, embora o contexto indique o sentido de juizes que agem como representantes ou agentes de Deus

(cf. ATA).

O versículo 9 explica o que acontecia quando duas partes afirmavam ter direito ao mesmo objeto. A questão, que também poderia surgir nas circunstâncias descritas no versículo 8, quando o dono acusava o depositário de desonestidade, seria resolvida perante Deus pelos **juizes**. Qualquer que fosse a decisão tomada, a pessoa condenada teria de pagar o **dobro** à outra.

Além de bens e dinheiro, também se entregava gado aos cuidados de outra pessoa (10). Se durante o período da guarda o animal morresse ou fosse ferido ou desaparecesse, era necessário haver “um juramento diante do SENHOR” (11, NVI) entre as partes para provar a inocência do depositário. Quando o dono aceitava esse juramento, não havia restituição.

Se durante a guarda o animal fosse **furtado**, teria de haver restituição (12). Esta regra era diferente da lei relativa à questão do dinheiro ou bens descrita no versículo 7. Havia o pressuposto de que os pastores, quando responsáveis, poderiam evitar o roubo de animais, ao passo que dinheiro era tomado com mais facilidade. Se o animal fosse morto por outro, a pessoa incumbida de guardar o animal estaria livre da culpa se pudesse mostrar o animal morto como evidência (13). O pastor alerta talvez não evitasse o ataque de um animal selvagem, mas poderia recuperar parte da carcaça como prova. Neste caso, não haveria necessidade de restituição.

g) *O empréstimo* (22.14,15). A pessoa era responsável pelo que pedira emprestado. Se o animal emprestado fosse ferido ou morresse e o **dono** não estivesse presente, o tomador do empréstimo teria de fazer plena restituição (14). Se o **dono** estivesse **presente** quando o animal fosse ferido ou morresse, não haveria restituição (15). Estar presente o tornava responsável mesmo quando outra pessoa estivesse usando o animal.

A questão era diferente quando se tratava de algo alugado. “O contratante não deveria compensar pelo dano da coisa alugada, visto que o risco de dano poderia ter sido levado em conta no cálculo da

quantia do aluguel.”³⁸ As palavras **será pelo seu aluguel** podem ser traduzidas por: “O dano está incluso no aluguel” (ATA).

h) *A sedução de uma virgem* (22.16,17). A sedução de uma virgem era uma forma de roubo. O pai esperava que o casamento da filha lhe trouxesse um dote. Se um homem a seduzisse (com o consentimento dela) e tivesse relações sexuais, ele teria de pagar o dote e a tomar por esposa (16). Se o pai lhe recusasse a permissão de ser esposa do sedutor, como pena o culpado teria de dar **dinheiro conforme ao dote das virgens** (17). O registro bíblico não diz qual era a quantia. Supomos que era maior que o dote de esposa.³ Este ato não era considerado transgressão do mandamento de não cometer adultério, mas do mandamento de não roubar.

6. *Outros Crimes Puníveis com a Morte* (22.18-20)

Feiticeira (18) era a mulher que praticava feitiçaria, ação de confiar em espíritos malignos.³⁸ Esta norma não validava a realidade de comunicação genuína com espíritos malignos, mas condenava a provocação que a feitiçaria representava à fé no verdadeiro Deus. Esta prática causava ferimentos físicos e perdas na vida das pessoas. A **feiticeira** preparava medicamentos com mistura de ervas e, assim, tomava-se preparadora de compostos venenosos.³⁹ Se tal pessoa persistisse nestas práticas profanas e perigosas deveria ser morta.

Relações sexuais com animais (19) eram prática freqüente nas religiões pagãs. Israel não poderia tolerar semelhante perversidade, por isso o ofensor teria de ser morto.

O código mosaico (Dt 13.1-16) condenava cabalmente o reconhecimento de falsos deuses (20). Deus não teria rivais; os israelitas tinham de abandonar toda semelhança de falsa adoração. Em Israel, quem incentivasse ou perpetuasse objetos da religião pagã teria de ser totalmente destruído.

7. *Deveres Vários* (22.21-31)

a) *Contra a opressão* (22.21-24). O povo de Deus não deveria oprimir

ou atormentar o **estrangeiro** (21). Os israelitas não podiam esquecer que foram estrangeiros **na terra do Egito**. O Pai Celestial sempre considera odioso maltratar os estrangeiros.

Deus tinha compaixão especial pela **viúva** e pelo **órfão** (22). Os ouvidos divinos estavam perfeitamente afinados ao clamor aflito dessas pessoas (23). Quem afligisse esses desafortunados sofreria sob a **ira** de Deus (24). Este homem malvado seria morto e sua esposa e **filhos**, abandonados. A história da punição de Israel às mãos dos babilônios reflete o cumprimento deste malefício. É interessante reparar que estas transgressões de Israel foram castigadas mais diretamente por Deus mediante nações inimigas do que pelas pessoas em Israel investidas de poder. Não há que duvidar que transgressões como estas eram cometidas com mais frequência pelas próprias pessoas em Israel que detinham o poder de administrar justiça.

b) *O empréstimo* (22.25-27). Deus tinha consideração pelos pobres e proibia os ricos de tirar vantagem deles. Quando o pobre tivesse de obter um empréstimo (um adiantamento salarial para comprar comida), não deveria ser cobrado **usura** (25, juros). Aqui não é tratada a idéia de juros nos empréstimos comerciais, pois esta prática foi uma evolução posterior. Se o credor levasse uma peça de roupa como **penhor**, teria de devolvê-la ao anoitecer (26). Esta roupa era uma capa exterior, larga e esvoaçante, desnecessária durante o dia, mas usada especialmente pelos nômades para dormir nas noites frias (27). Reter tal penhor e causar sofrimento ao pobre que não podia pagar traria o desfavor de Deus. Ele é **misericordioso** (compassivo) e espera que seu povo tenha espírito semelhante.

c) *As obrigações para com Deus* (22.28-31). A palavra **juizes** (28) neste contexto também pode ser traduzida por “Deus” (cf. ARA).⁴⁰ Os israelitas deviam desprezar os deuses estrangeiros (Is 41.29; 44.9-20). Ninguém deveria insultar Deus ou os juizes devidamente escolhidos, nem deveria maldizer o **príncipe** dentre o **povo**. O **príncipe** era a pessoa mais importante de cada tribo, sendo considerada representante de Deus.

Era falta comum demorar dar a Deus a parte que lhe cabia das

primícias ou primeiros frutos (29). Esta ordem exigia levar imediatamente a Deus em sacrifício o que Ele afirmara lhe pertencer. **Licores** é mais bem traduzido por “o que sai pelo escoadouro das vossas prensas” (RSV; cf. ARA).

Em 13.12, registra-se que os primogênitos pertencem ao Senhor. Tinham de ser resgatados pelo pagamento de uma soma estipulada. Os primogênitos dos **bois** e das **ovelhas** deviam ser dados em sacrifício. O prazo de espera permitido para sacrificar esses animais era os primeiros **sete dias** para ficarem com a **mãe** (30). Tratava-se de ato misericordioso à mãe do animal, que durante este período de tempo precisava do recém-nascido para ser reconfortada e recuperar a saúde. O animalzinho tinha de ser entregue **ao oitavo dia**.

Deus ordenou ao povo: **Ser-me-eis homens santos (31)**. Significava essencialmente tornar-se santo de coração e espírito. Mas esta santidade interior era prognosticada pelos sinais externos da pureza de Deus. Estes **homens santos** não deviam comer animais despedaçados por animais selvagens **no campo**. Estes animais se tornavam cerimonialmente impuros pelos animais impuros que os dilaceravam e também pelo sangue que ficava na carne. **Homens santos** de coração querem agir como Deus. Por essa razão, acham fácil seguir as leis claramente definidas por Deus.

Os versículos 18 a 31 mostram “A Natureza de Deus”. 1) Severa na punição do mal, 18-20; 2) Compassiva com os necessitados, 21-27; 3) Digna de respeito e obediência, 28-30; 4) Expectante da santidade no seu povo, 31.

8. *Instruções Éticas* (23.1-9)

a) *Prestar falso testemunho* (23.1-3). Não devemos admitir **falso rumor** (1) nem espalhá-lo (ARA). O homem de Deus nunca deve ser **testemunha falsa** em tribunal ou em qualquer outro lugar. Ele se une **com o ímpio** quando quebra o nono mandamento.

Mesmo quando a **multidão** (2) estiver no lado errado, o homem de Deus tem de tomar posição solitária pelo que é certo. Podemos contar

que a multidão erre, porque muitos tomam o caminho largo (Mt 7.13,14). O significado do versículo 2b é: “Vós não deveis [...] prestar testemunho no tribunal de modo a apoiar uma maioria injusta” (Moffatt).

Nem devemos ser parciais com os pobres em suas questões judiciais (3). Mesmo que a lei proteja os pobres, o entusiasmo pela causa dos pobres não deve perverter a justiça. O juiz ou júri tem de julgar de acordo com a retidão e não segundo o apelo popular. Nestes dias em que há o movimento popular pelos direitos civis, direitos penais e mitigação da pobreza, os direitos dos outros cidadãos também devem ser protegidos.

b) *Ajudar o inimigo (23.4,5)*. “Na antigüidade, não se reconhecia que os inimigos tivessem algum direito.”⁴¹ Mas o foco que o Novo Testamento dá ao amor é antecipado nesta exortação em ajudar o inimigo (4). Se o animal do inimigo se perder, **sem falta lho reconduzirás**. Se encontrasse o animal do inimigo caído sob uma **carga**, deveria ajudá-lo a erguer a carga (5). Esta é tradução mais clara da última parte do versículo: “Não deixes o homem lutando sozinho, ajuda-o a libertar o animal” (ATA). Trabalhar junto com o inimigo para ajudá-lo a pôr o jumento de pé poderia enfraquecer os sentimentos ruins entre os homens.

c) *Não perverter a justiça (23.6-8)*. Estas instruções são dirigidas aos juizes. Os pobres deveriam receber julgamento justo (6), embora fosse comum ocorrer o contrário. Sempre que houvesse falsa acusação, o juiz não deveria dar sentença que matasse **o inocente e o justo** (7). Deus não justifica o juiz perverso de forma alguma. O juiz jamais deveria aceitar **presente** (8, suborno). A necessidade desta regra é sempre atual. Mais tarde, Israel foi muito longe no mal pernicioso de aceitar subornos (1 Sm 8.3; Is 1.23; 5.23).

d) *Lembrar-se do estrangeiro (23.9)*. Esta é repetição da advertência encontrada em

22.21, embora aqui a idéia tenha relação especial com a ação em questões legais. Os israelitas sabiam como os estrangeiros se sentiam,

por isso tinham ótimas razões para serem amáveis e justos com eles.

9. *A Observância do Sábado* (23.10-13)

a) *O ano sabático* (23.10,11). As outras nações não guardavam um ano de descanso para a terra a cada sete anos, por não terem legislação a respeito. Para um povo agrícola, esta medida talvez fosse muito drástica. De acordo com a interpretação de 2 Crônicas

36.21, Israel negligenciou esta prática 70 vezes, ou mais ou menos a metade, entre o Êxodo e o Cativoiro. A lei foi dada para testar a obediência dos israelitas, favorecer **os pobres**, visto que no **sétimo** ano podiam participar dos frutos (11) e proporcionar tempo de comunhão especial com Deus.⁴²

b) *O dia sabático* (23.12,13). Neste trecho, nada é acrescentado à declaração do quarto mandamento. O texto repete o propósito de animais, escravos e estrangeiros descansarem e tomarem **alento**. Este sétimo dia era o dia de Deus, quando nem se devia mencionar o **nome de outros deuses** (13). Estes sábados eram lembrança constante para os judeus de suas obrigações ao Deus de Israel.

10. *As Principais Festas* (23.14-19)

a) *As três festas* (23.14-17). **Três vezes no ano**, todos os homens tinham de comparecer perante Deus em comemoração especial (14,17). A primeira ocasião era a **Festa dos Pães Asmos** (15), que estava junto com a Páscoa (cf. 12.14; Lv 23.5). Imediatamente após a Páscoa, a festa continuava por sete dias (ver comentários em 12.15-20). Esta festa comemorava particularmente a fuga do Egito e era celebrada levando presentes a Deus. O versículo 15 diz: “Ninguém apareça de mãos vazias perante mim” (ARA).

A **Festa da Segra** (16) era o Pentecostes (Lv 23.15-22; Nm 28.26-31; Dt 16.9-12), ocasião em que se apresentavam os **primeiros frutos** de campos previamente plantados.

A **Festa da Colheita** também se chamava a “Festa dos

Tabernáculos” (Lv 23.34-43; Nm 29.12-40; Dt 16.13,14). Ocorria no final do outono, após o término das colheitas, e durava uma semana. Era oportunidade de agradecimento. Rawlinson escreve: “Do ponto de vista religioso, os festivais eram ações de graças nacionais pelo recebimento de bênçãos naturais e milagrosas. A primeira festa se referia ao começo da colheita e à libertação do Egito; a segunda festa dizia respeito ao término das colheitas de grãos e à travessia do mar Vermelho; a terceira festa aludia à colheita final dos frutos e às muitas bênçãos recebidas no deserto”.⁴³

b) *As ofertas nas festas (23.18,19)*. A oferta de **sangue (18)** era feita principalmente na Páscoa e não deveria ser oferecida **com pão levedado (18)**. Nada do cordeiro, até a **gordura**, deveria ficar **até de manhã**; o que sobrasse seria queimado **(12.10)**. Nestas festas, os israelitas levavam à casa de Deus **as primícias, os primeiros frutos (19)**, que simbolizavam a consagração do todo.

Soa estranha a instrução para não cozer o **cabrito no leite de sua mãe**. Talvez indique o erro de permitir que algo que foi ordenado para criar vida (o **leite**) seja meio de morte. Há quem sugira que o **cabrito** preparado dessa maneira era uma iguaria muito extravagante para as festas.⁴⁴ E mais provável que a proibição esteja ligada com a prática cananéia que dizia que comer carne preparada dessa maneira promovia a fertilidade. Sua relação com esta cerimônia pagã a tomava imprópria para o povo de Deus.⁴⁸ O Senhor não queria que os israelitas copiassem procedimentos que pudessem facilitar o povo cair na idolatria.

11. *A Promessa Divina de Vitória (23.20-33)*

a) *A vitória pelo Anjo do Senhor (23.20-22)*. Este **Anjo** era o mensageiro de Deus, o Espírito incriado em quem Deus se revelou. “Em 33.15,16, é chamado a presença de Jeová, porque a natureza essencial de Jeová estava manifesta nele.”⁴⁶ A coluna de nuvem e de fogo era símbolo exterior do **Anjo**. Foi enviado diante dos israelitas para protegê-los e levá-los **ao lugar** que Deus preparara para eles (20). Israel deveria obedecer este **Anjo**, porque Deus não perdoaria a

rebelião contra a **voz** desse ser angelical (21). Ele tem em si a autoridade de Deus. Obedecer significa ter vitória, porque Deus lutará por Israel e derrotará os **inimigos** (22).

b) *A vitória sobre os inimigos* (23.23,24,27-33). Esta é outra lista dos inimigos que Israel encontraria em Canaã (23; cf. CBB, vol. II). Deus prometeu que o **Anjo** de Deus iria à frente do povo, e que Ele destruiria os inimigos de Israel como nação. Este aviso especial foi repetido muitas vezes: Os israelitas não deveriam se inclinar **diante dos deuses** dessas nações, nem servi-los (24). O povo de Deus não deveria implementar estas práticas pagãs na adoração. O Senhor exigia que Israel destruísse totalmente estas falsas religiões e quebrasse suas imagens. Os conquistadores gostavam de guardar os objetos de adoração das nações derrotadas como relíquias, mas esta ação só serviria de **laço** para o povo de Deus (33). Foi a desobediência a esta diretiva que acabou colocando Israel sob o jugamento de Deus.

Deus repete a promessa de vitória total dos israelitas sobre as nações da Palestina (27). O **terror** de Deus viria sobre os cananeus; o Senhor os expulsaria como se houvesse **vespões** perseguindo-os (28). Há quem entenda **vespões** no sentido literal, mas a expressão foi usada figurativamente para descrever os exércitos de Israel ao encalço dos inimigos. Deus não prometeu libertação instantânea; os habitantes da terra seriam derrotados gradualmente conforme Israel fosse capacitado para aumentar e herdar a **terra** (30). A súbita destruição deixaria a terra deserta e vítima de animais selvagens (29). Espiritualmente, a libertação que Deus ocasiona no coração ímpio é instantânea, mas há muitos inimigos a serem vencidos pelo cristão santificado em seu andar diário. A medida que crescemos, nos habilitamos para vencer mais desses inimigos e herdar porção maior da terra que Deus prometeu.

As fronteiras de Israel se estenderiam do **mar Vermelho**, no sul, ao **mar dos Filisteus** (o mar Mediterrâneo), no oeste. No leste, ficaria o **deserto** e, no norte, o **rio** Eufrates (31; ver Mapa 2). Israel alcançou estas fronteiras somente no reinado de Salomão (1 Rs 4.21,24; 2 Cr 9.26). Os israelitas não conseguiram manter esses limites nacionais por causa da desobediência.

O povo de Deus não deveria fazer **concerto** (acordo) com as nações da Palestina nem **com os seus deuses** (32). Estes povos pagãos não deveriam habitar na **terra** como nações para não levar Israel ao pecado; os **deuses** certamente seriam uma armadilha para Israel (33). Deus queria que estes povos com sua adoração pagã fossem destruídos como nações. Lange escreve: “Pelo visto, o propósito primário de Jeová em destruir os cananeus dizia respeito à capacidade coletiva e pública desses povos e não visava as pessoas em si. Na medida em que se submetessem, Jeová permitiria os indivíduos viverem na qualidade de pessoas”.⁴⁷

c) As *bênçãos temporais* (23.25,26). Se obedecessem a Deus, os israelitas teriam a garantia divina de que os inimigos seriam aniquilados e que haveria provisão de **pão e água** (25). Deus também prometeu tirar **do meio** deles as **enfermidades**. Assegurou aumento extraordinário de animais e pessoas, junto com vida longa (26). Obedecer a Deus e viver de modo justo garantem bênçãos temporais como resultado habitual, embora os cristãos passem por tribulação neste mundo (Jo 16.33). O cumprimento completo desta promessa ocorrerá na era vindoura.

Os versículos 20 a 33 retratam “O Filho de Deus Vitorioso”. 1) Obediente à voz de Deus, 20-22; 2) Confiante nas promessas de Deus, 23-28; 3) Paciente com o plano de Deus, 29-31; 4) Alerta aos avisos de Deus, 32,33.

E. A Ratificação do Concerto, 24.1-18

1. O Concerto Selado com Sangue (24.1-8)

Moisés estava no monte (19.3) recebendo o **livro do concerto** (7), o qual agora teria de ser selado. Tendo descido para o povo (19.25), ele foi mandado de volta à presença de Deus no monte com **Arão**, seus dois filhos e **setenta dos anciãos de Israel** (1). Estes anciãos eram os chefes das tribos e famílias de Israel que foram líderes no Egito; por meio deles Moisés se comunicava com o povo (3.16; 4.29; 12.21; 17.5,6). O grupo tinha de subir para adorar, mas permanecer longe de

Deus. Somente **Moisés** poderia se chegar **ao SENHOR** (2); os outros tinham de ficar mais distantes. **O povo** não teve acesso algum ao monte (ver 19.12,13). No Antigo Testamento, não havia esta aproximação livre a Deus que temos hoje em Cristo (cf. Hb 10.19-22).

Antes que o grupo subisse ao monte, Moisés veio e contou **ao povo todas as palavras** (3) que o Senhor lhe dera. Estas **palavras e estatutos** são o teor registrado do que chamamos Livro do Concerto (20.22—23.33). Depois que o povo ouviu, **respondeu a uma voz**, dizendo: **Todas as palavras que o SENHOR tem falado faremos**. Na reverência e inspiração do momento, talvez sem se dar conta da grande dificuldade que teriam em obedecer, os israelitas fizeram esta promessa a Deus.

Depois de escrever **todas as palavras do SENHOR** (4), Moisés, **pela manhã de madrugada**, construiu um altar com **doze monumentos** (“colunas”, ARA) **ao pé do monte**. O altar representava Deus, e os doze pilares representavam as **doze tribos de Israel**. Aqui estava sendo decretado um acordo entre estas pessoas e o Senhor.

Holocaustos (5) eram ofertas expiatórias e marcas de autodedicação, ao passo que **sacrifícios pacíficos** (“ofertas de paz”, NTLH) indicavam agradecimento pelas bênçãos de Deus. Estas ofertas foram oferecidas por **jovens** especialmente selecionados em favor de Israel. As ofertas mostravam gratidão por serem incluídos no concerto e salientavam a determinação de Israel ser inteiramente consagrado ao serviço de Deus.⁴⁸

A metade do sangue (6) das vítimas sacrificadas foi colocada em **bacias** para uso posterior; a outra **metade** Moisés **espargiu sobre o altar**. Este sangue no altar denotava a consagração do sacrifício que representava o povo a Deus. O sangue também representava a parte de Deus no concerto.

Na presença do sacrifício e do altar, Moisés **leu** para o povo o que escrevera no **livro do concerto** (7). Ele já relatara esta mensagem oralmente (3), mas os israelitas precisavam conhecer claramente o concerto que faziam com Deus. Mais uma vez o povo prometeu ser

obediente. A outra metade do sangue guardado nas **bacias** (6), Moisés o **espargiu sobre o povo** (8); chamou este sangue o **sangue do concerto**. Este foi o primeiro concerto feito com Israel e foi selado com o sangue de sacrifícios de animais. O Novo Testamento descreve o novo ou segundo concerto que substituiu o antigo e foi selado com o sangue de Cristo (Hb 8.6—9.28). Se o antigo concerto exigia a obediência total das pessoas à vontade de Deus, certamente não se esperava menos daqueles que fizessem parte do novo concerto (Hb 12.18-29).

2. *O Encontro com Deus* (24.9-11)

O grupo requisitado a subir o monte (v. 1) subiu (9), depois de selar o concerto com o sangue. Os sacerdotes, **Arão, Nadabe e Abiú**, eram os representantes espirituais do povo, enquanto que os **setenta anciãos** eram os líderes políticos. São chamados **escolhidos** (11), indicando que eram de nobre nascimento e pessoas altamente respeitadas pelo povo que representavam.

Parece que nesta experiência de encontro com Deus, todos participaram de uma refeição sacrificial, porque eles comeram e beberam (11). “O sacrifício envolvia uma refeição sacrificial, e Moisés, obedecendo a ordem do versículo 1, levou os anciãos ao monte para comer a carne do sacrifício e, assim, comungar com Deus a quem a ofereciam”.⁴⁹

Durante esta refeição os participantes tiveram uma experiência especial com Deus. O texto afirma que eles viram **o Deus de Israel** (10,11). Devemos entender esta visão do Senhor como manifestação de Deus, uma teofania, quando os olhos podem ver nitidamente uma representação da Pessoa divina. “Não devemos ir além dos limites impostos em 33.20-23 para concebermos o que constituía a aparência de Deus; ao mesmo tempo, temos de considerá-la visão de Deus em alguma forma de manifestação que tornou a natureza divina discernível aos olhos humanos.”⁵⁰ Nesta aparição, Deus se revelou em sua amabilidade como Convidado a uma refeição e não se mostrou em trovões e terremotos medonhos como na outra vez. **Debaixo de seus pés** (10) havia um pavimento **de pedra de safira** tão claro quanto o

céu. Os escolhidos (11) não ficaram com medo; **comeram e beberam** com alegria na presença divina sem medo de morrer. Moffatt traduz o versículo 11a: “O Eterno não fulminou este chefes de Israel [como poderiam ter esperado]. Deus lhes mostrou o lado gentil, adorável e atraente do seu caráter, e não seu lado terrível e aterrador; e foram instruídos a esperar um estado final de felicidade, no qual os servos do concerto de Deus habitariam continuamente em sua presença”.⁵¹

Esta experiência graciosa também indicava o dia quando, sob o novo concerto, os filhos de Deus desfrutariam o privilégio mais sublime: a conscientização da presença de Cristo na santa ordenança da Ceia do Senhor.

Os versículos 3 a 11 pintam “Um Concerto com Deus”. 1) As cláusulas declaradas com clareza, 3a,4,7a; 2) As promessas feitas com confiança, 3b,7b; 3) O sangue aspergido com profusão, 5,6,8; 4) O Divino manifestado com glória, 9-11.

3. Moisés Volta ao Monte (24.12-18)

Israel recebeu o Decálogo e o Livro do Concerto. Mas agora, depois de sua ratificação pela nação, Deus tinha instruções adicionais para dar ao seu povo especial. Para manter a vida religiosa, os israelitas precisavam de uma forma definida de culto e regulamentos que tratassem das aparências como, por exemplo, pessoas santas, lugares, ritos e cerimônias. As leis contidas no Decálogo e no Livro do Concerto eram importantes, mas Deus precisava dar a Israel os rituais e as leis cerimoniais que formam o tema principal do restante do Livro de Êxodo.

a) **O chamado** (24.12-14). Moisés foi chamado a subir o **monte** para receber as **tábuas de pedra, e a lei, e os mandamentos** (12), os quais Deus escrevera. Os Dez Mandamentos foram **escritos** nas tábuas (cf. 31.18; Dt 5. 22). Já a **lei** e os **mandamentos** registrados em outros lugares, continham instruções para o santuário e o sacerdócio, e as leis rituais encontradas em Levítico e Deuterônomo.⁵² O propósito para registrar estes princípios era para

que Moisés pudesse transmiti-los ao povo.

Moisés levou **Josué** consigo (13). O texto não informa se Josué entrou na **nuvem** ' 18), mas a declaração no versículo 2 insinua que somente Moisés chegou perto de Deus. Antes de sair, Moisés pediu aos **anciãos** que permanecessem com o povo e que, em sua ausência, levassem toda questão a **Arão e Hur** (14). Ele ficaria fora por certo tempo.

b) *A aproximação a Deus (24.15-18).* Quando Moisés subiu, uma **nuvem cobriu o monte (15)**. O versículo **16** identifica que a nuvem é a **glória do SENHOR**. Esta nuvem de glória permaneceu no monte **seis dias** sem haver voz. Estes eram dias de preparação para Moisés antes de entrar diretamente na presença de Deus. Josué provavelmente estava com ele durante estes dias. Os israelitas podiam ver a nuvem, que para eles tinha a aparência de um **fogo consumidor no cume do monte (17)**, mas eles sabiam que Moisés ia se encontrar com Deus na nuvem.

No **sétimo dia**, Deus **chamou** Moisés e ele **entrou no meio da nuvem**. Permaneceu no monte **quarenta dias e quarenta noites** (18) sem comer (Dt 9.9). Josué deve ter ficado a certa distância (32.17). O povo permaneceu no vale, e logo mostrou falta de fé cometendo um pecado terrível (32.1-6) enquanto Moisés estava no monte.

Seção IV

A INSTITUIÇÃO DA ADORAÇÃO A DEUS

Êxodo 25.1—40.38

No período de quarenta dias em que Moisés permaneceu no monte, Deus lhe apresentou os métodos de adoração a ser dados ao povo. Moisés forneceu as instruções e o povo confeccionou os objetos usados na adoração. O fracasso de Israel enquanto Moisés esteve ausente está registrado entre a revelação dos projetos a Moisés e a fabricação e montagem do santuário. Esta seção final do Livro de Êxodo revela a paciência de Deus em lidar com seu povo rebelde e mostra os detalhes minuciosos que são requisitos para o povo adorá-lo.

A. A Planta do Tabernáculo, 25.1—31.18

1. As Ofertas para a Construção do Tabernáculo (25.1-9; cf. 35.4-19)

Antes da construção de um lugar de habitação para Deus, o povo teria de levar suas ofertas. Cada israelita daria conforme o coração o movesse voluntariamente (2). A oferta para a casa de Deus não era um imposto, mas uma doação de livre e espontânea vontade.

Os metais preciosos que Israel possuía nesta época eram provenientes da riqueza dos ancestrais e dos ricos presentes recebidos dos egípcios na saída do Êxodo. A pilhagem que os israelitas realizou entre os amalequitas angariou mais riquezas. A provisão de ouro (3) foi abundante; também levaram prata e cobre (bronze, provavelmente).

O azul, a púrpura e o carmesim (4) se referiam a fios de linho dessas cores. O linho fino era uma linha macia e branca torcida da fibra do linho. Pêlos de cabras eram comumente usados para confeccionar tendas, e tais materiais ainda hoje são utilizados para esse fim no Oriente Próximo.¹

O norte da África era famoso por suas **peles de carneiros tintas de vermelho** (5); Israel trouxe estes materiais do Egito. Visto que os **texugos** não eram naturais do norte da África, é provável que a

palavra original se refira a alguma criatura marinha (cf. NVI, nota de rodapé; “peles finas”, **ARA**; NTLH).² A **madeira de cetim** provinha da acácia, árvore encontrada com abundância na península do Sinai.³

A descrição do **azeite para a luz** (6) é mais detalhada em 27.20. As **especiarias** eram necessárias para fazer o **óleo da unção** e o **incenso**. Não está claro o que seriam as **pedras sardônicas** (7).

Israel tinha de fazer um **santuário** no qual Deus habitaria (8). Embora o Senhor não possa ser contido em uma habitação, era do seu agrado se manifestar por meio de um edifício. O santuário seria feito de acordo com o **modelo do tabernáculo** mostrado no monte (9; cf. Hb 8.5).

O **santuário**, ou santo lugar, era alusão geral à totalidade das instalações do edifício, inclusive o pátio, ao passo que o termo **tabernáculo** ou “Tenda do Encontro” (**27.21**, NVI) se aplicava somente à tenda. Outros nomes usados para se referir ao **santuário** são o “tabernáculo do SENHOR” (Nm **16.9**) e o “tabernáculo do Testemunho” (**38.21**). Mais tarde, o nome “templo” foi aplicado ao **santuário** depois de ficar mais permanentemente situado em determinado local (**1 Sm 1.9; 3.3**).

2 .A Mobília do Tabernáculo (25.10-40; cf. 37.1-29)

a) *A arca do Testemunho* (25.10-22). O objeto mais sagrado do Tabernáculo era a **arca** (ver Diagrama A). Era chamada a **arca do Testemunho** (22), a “arca do SENHOR” (1 Sm 4.6), a “arca de Deus” (1 Sm 3.3) e a “arca do concerto do SENHOR” (Dt 10.8).⁴

A **arca** era uma caixa ou baú feito de **madeira de cetim** (10), medindo aproximadamente um metro e 12,5 centímetros de comprimento por 67,5 centímetros de largura e profundidade. O **côvado** era medida linear de mais ou menos 45 centímetros. A arca era revestida **de ouro puro** (11) por dentro e por fora; tratavam-se provavelmente de lâminas de ouro. A **coroa de ouro** era uma “moldura de ouro que formava uma beirada”.⁵

Nos quatro **cantos** da arca havia **argolas de ouro** (12). Por estas argolas, também revestidas de **ouro** (13), colocavam-se varas que serviam para carregar a **arca** (14). As **varas**, ou bastões, nunca deveriam ser removidas **da arca** (15), pois assim se evitava a necessidade de tocar na arca; também era lembrança constante da mobilidade de Deus.

Dentro da **arca** seria colocado o **Testemunho** que Deus daria a Moisés (16). O Testemunho era, provavelmente, as duas tábuas de pedra (31.18) contendo o Decálogo 'cf. 16.34).

O **propiciatório de ouro puro** (17) era uma laje que servia de tampa para a arca 'ver Diagrama A). Suas dimensões eram exatamente as mesmas da arca. Chamava-se **propiciatório**, porque era o lugar da expiação onde estava simbolizada a misericórdia. Os **querubins** (18), já mencionados como guardiões do jardim do Éden (Gn 3.24), constituíam uma alta categoria de anjos associada com a presença de Deus (19). Aidéia mais predominante é uma forma humana com asas, como o egípcio “ma, ou verdade, tão freqüentemente visto em arcas egípcias”, que abrigava um emblema de deidade.⁶

Em cada lado, tinha de haver um **querubim** com as asas erguidas e estendidas sobre o **propiciatório**, enquanto **as faces** deles ficavam olhando para baixo em direção ao meio da arca (20). Desta maneira, eles vigiavam a revelação de Deus ao homem ao mesmo tempo em que viravam o rosto em ato de humildade para não ver a glória de Deus.

Lá, **de cima do propiciatório**, Deus prometeu comungar com Moisés e lhe revelar toda a sua vontade (22).

Há lições maravilhosas que a arca e o propiciatório ensinam sobre os fatos espirituais. O **ouro puro** era precioso, como é a presença santa de Deus. O **ouro** dentro da arca, que não podia ser visto, representava a pureza que Deus deseja no coração dos homens. Colocar os mandamentos na arca revestida de ouro tornou-os preciosos e belos, simbolizando a lei escrita no coração dos homens.

O propiciatório era colocado em cima da arca, porque “a misericórdia [de Deus] transcende a justiça”. Rawlinson escreve:

O ensino da arca sob este aspecto era, primariamente, o que Davi ensinou no Salmo 85: “A misericórdia e a verdade se encontraram”. Misericórdia sem justiça é sentimentalismo fraco, subversivo da ordem moral. Justiça [verdade] sem misericórdia é uma severidade moral — teoricamente sem defeito, mas revoltante aos sentimentos instintivos do homem. E preciso a síntese das duas qualidades. A lei, entesourada no lugar mais santo do santuário, defendia a pureza e perfeição terrível de Deus. O propiciatório, que se estendia sobre a lei, atribuía à misericórdia sua posição diretiva superior. As figuras dos querubins mostravam o olhar fixo dos anjos com surpresa e admiração pelo modo de Deus unir a misericórdia com a justiça. Uniu-as pelo sofrimento vicário, o qual Ele aceita como expiação. Por fim, a presença divina, prometida como algo permanente, dava a sanção de Deus ao plano expiatório. E por este meio que o homem pode ser reconciliado com Deus e que as exigências da justiça e da misericórdia [podem ser] satisfeitas.⁷

b) *A mesa da proposição* (25.23-30). Era uma **mesa** plana e lisa feita de **madeira de cetim** (23; “madeira de acácia”, ARA), como a arca, e revestida **com ouro puro** (24). Media cerca de 90 centímetros de comprimento, por 45 centímetros de largura e 67,5 centímetros de altura. Como decoração, havia uma **coroa de ouro**, ou borda, em torno da extremidade superior; este ornamento servia para impedir que o pão escorregasse da mesa (ver Diagrama A).

A **moldura ao redor, da largura de uma mão** (25), era uma faixa de uns oito centímetros de largura colocado entre as pernas da mesa imediatamente abaixo da coroa de ouro. Esta faixa servia de suporte para as pernas da mesa. A **coroa de ouro** na faixa era uma borda ou beira de ouro para fins decorativos.

As **argolas de ouro** (26) para as varas eram semelhantes às argolas da arca. O versículo 27 indica que as argolas foram fixas na faixa perto do meio das pernas da mesa. Os **varais** (28), ou bastões, tinham as características das varas da arca e eram usados para transportar a

mesa.

Os **pratos** (29) serviam para carregar o pão. As **colheres** eram “cálices para derramar o incenso sobre o pão, identificando-o como sacrifício (Lv 24.7)”.⁸ As **cobertas** (“taças”, NTLH) e **tigelas** eram para armazenar e despejar o vinho da oferta de bebida. Todos estes utensílios eram feitos de **ouro puro**.

Sobre a **mesa** na presença de Deus devia ficar continuamente o **pão da proposição** (30). Eram os “pães da Presença” (NVT). Não eram alimentos para Deus, mas símbolos do pão espiritual pelo qual Israel seria alimentado. Por sua qualidade, os pães lembravam que os israelitas dependiam de Deus para satisfação das necessidades cotidianas.⁹ Havia 12 pães, representando todas as tribos. Os pães tinham de ser substituídos todos os sábados (Lv 24.5,8). O **pão da proposição** também significava a comunhão ininterrupta do povo de Deus com Ele. O pão indicava Cristo, o Pão Vivo (Jo 6.35).

c) O *candelabro* (25.31-40). Certos críticos bíblicos têm dúvidas sobre a origem do Tabernáculo durante os dias de Moisés e consideram que grande parte do material encontrado nestas descrições foi escrita em época muito posterior.¹⁰ Asseveram que o candelabro descrito neste texto só foi conhecido centenas de anos mais tarde. Contudo, recentes descobertas feitas por W. F. Albright confirmam a existência de candelabros de descrição similar já em 1200 a 1400 a.C. (ATA, nota de rodapé).

O **castiçal** (31), mais propriamente um candelabro ou suporte de lâmpadas, era feito de **ouro puro** (ver Diagrama A). Para seu fabrico foi usado **um talento de ouro puro** (39), cujo peso é cerca de 42,6 quilos. O **pé** e as **canas** são mais corretamente o “pedestal” e a “haste” (NVI), sendo que a haste é a hástea vertical do meio, chamada **castiçal mesmo** no versículo 34. As **copas, maçãs e flores** eram “seus cálices, suas romãs e seus botões”¹¹ (“as taças, as flores e os botões”, NVI). Estes ornamentos eram para decorar a haste e seus braços ou hastes secundárias.

De cada lado da haste central saíam três **canas** ou braços — as **seis**

canas (32) que, com a haste central, formavam sete recipientes ou suportes para as lâmpadas, como um candelabro. Havia **três copos** (cálices com formato de flor de amêndoa) em cada braço, cada um com sua **maçã e flor** (33), enquanto que na haste central havia quatro desses cálices (34). Supomos que cada braço tivesse uma decoração de três cálices, um em cada ponta e mais um no centro, enquanto que a haste central tinha quatro cálices, um em cada ponto de onde saíam os braços (35) e mais um na ponta. As repetições no versículo 35 dizem simplesmente: “Haverá um cálice [a base verde do botão da flor] debaixo de cada par dos seis braços [que saem da haste central]” (VBB). Estes cálices eram impressos diretamente no material da haste central e dos braços (36).¹²

As **lâmpadas** (37) eram colocadas em cima das **seis canas** ou braços e da haste central. O texto não descreve como eram, mas julgamos que tinham a forma de tigelas ou pires possivelmente com um lado comprimido formando uma beira estreitada. Estas lâmpadas eram acesas durante a noite para iluminar o ambiente. Colocava-se óleo no pires e havia um pavio que se estendia até à beira estreitada.¹³

Os **espevitadores** (38) serviam para aparar, pela manhã, o morrão do pavio das lâmpadas. O excesso de cinza era cortado do pavio e colocado nos apagadores, onde também ficavam os espevitadores.

O versículo 40 é uma recomendação de Deus para que Moisés fizesse todas estas coisas de acordo com o **modelo** que lhe fora **mostrado no monte**. Pelo visto, Deus lhe apresentara em visão o Tabernáculo e sua mobília, e depois forneceu instruções mais detalhadas.

Na Bíblia, é frequente a luz ser usada como símbolo de Deus; Jesus é a Luz do Mundo. Estas lâmpadas no Tabernáculo geravam luz pelo óleo, tipo do Espírito Santo. Israel tinha de ser luz no mundo, como hoje os cristãos devem ser. João falou sobre as “sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus” (Ap 4.5), indicação clara ao Espírito Santo.

3. *O Tabernáculo* (26.1-37; cf. 36.8-38)

a) As *coberturas* (26.1-14). A armação do Tabernáculo propriamente dito tinha 4,5 metros por 13,5 metros (ver Diagrama A). As **cortinas** (1, coberturas) iam por cima da estrutura de madeira (18-30) e serviam de teto e telhado. Estas **cortinas** para cobrir eram feitas de **linho fino** colorido com formas de **querubins** tecidas no pano. Devia haver **dez cortinas**, cada uma medindo cerca de 12,6 metros por 1,8 metro. Estas eram enlaçadas (costuradas) uma na outra em grupos de **cinco** (3), fazendo duas coberturas amplas de 12,6 metros por 9 metros cada.

No lado que media 12,6 metros de cada uma destas coberturas amplas, havia **cinquenta laçadas** (4). A **juntura** é a borda ou extremidade do tecido. As laçadas serviriam de encaixe (5), de forma que estas duas cortinas grandes se prendessem uma na outra com **cinquenta colchetes** (6), ou ganchos, **de ouro**, formando uma cobertura grande de 12,6 metros por 18 metros. O propósito de poderem ser divididas em duas partes era para facilitar o transporte. Esta cobertura era colocada em cima da estrutura santa. O registro bíblico não detalha exatamente como isso era feito. Imaginamos que houvesse bastões longitudinalmente dispostos em cada ponta da cobertura com uma viga mestra de telhado no meio. A cortina era bastante grande (18 metros) para cobrir todos os 13,5 metros da armação do Tabernáculo, sobrando 4,5 metros na parte da frente, formando um tipo de varanda, ou na parte de trás, ou parcialmente em ambas as extremidades. Também sobrava alguma coisa dos lados, dependendo da altura da viga mestra de telhado, e era firmada no chão com cordas e estacas.

Em cima desta primeira cobertura era colocada uma segunda **cortina** feita dos **pêlos de cabras** (7). Esta cortina era feita de modo semelhante que a primeira, exceto que as cortinas eram 90 centímetros mais compridas (8; ou seja, cada uma media 13,5 metros por 1,8 metro), e havia onze peças (9). Juntadas, estas cortinas formavam a segunda cobertura grande 90 centímetros mais larga e 1,8 metro mais comprida que a primeira (ou seja, esta segunda cobertura grande media 13,5 metros por 19,8 metros). As duas seções, uma formada com cinco cortinas e a outra com seis, eram unidas por

cinquenta colchetes de cobre (11, bronze) em vez de ouro.

Colocada em cima da cobertura interna, esta se estendia por 45 centímetros a mais de cada lado (13), como uma sanefa.

O comprimento extra era dobrado parcialmente, formando um detalhe decorativo na frente do Tabernáculo (9) e o comprimento restante ficava dependurado na parte de trás (12).

Mais duas coberturas, uma feita com **peles de carneiro** e a outra com **peles de texugo** (ver comentários em 25.5), foram confeccionadas para serem postas em cima das duas primeiras (14).

Estas coberturas eram mais impermeáveis, mantendo a chuva e o calor do lado de fora. O texto não diz qual era o tamanho dessas peles, mas com certeza eram bastante grandes para cobrir a área superior que ficava rente ao Tabernáculo propriamente dito.

b) *A estrutura de madeira* (26.15-30). As **tábuas para o tabernáculo** (15), feitas de **madeira de cetim** (acácia), mediam 4,5 metros de comprimento por 67,5 centímetros de largura (16). Não há menção da espessura. Levando em conta que as árvores de acácia nesta região eram baixas, estas tábuas foram feitas pela junção de várias peças. As tábuas eram colocadas em pé, lado a lado, em torno do edifício, formando os dois lados e a parede de trás. As **duas coiceiras** eram pinos (lit., “mãos”) que ficavam na ponta inferior de cada tábua para prendê-las por encaixe nas **bases de prata** (19).

Em cada lateral do Tabernáculo (18,20) tinha de haver **vinte tábuas**, cada uma com duas bases de prata, bastante pesadas (ver 38.27), para a fundação de cada tábua (19,21). As duas **coiceiras** em cada tábua se encaixavam com firmeza a estas duas bases, firmando a tábua em pé. **Para a banda do meio-dia, ao sul** (18) significa literalmente “no lado sul, à direita”. Os nativos do Oriente ficavam de frente para o leste quando ensinavam caminhos. Visto que o Tabernáculo era face leste, o sul seria à direita, o norte ficaria à esquerda e o oeste estaria atrás.¹⁴

No lado ocidental devia ter **seis tábuas** (22) com mais **duas tábuas** para formar os dois **cantos do tabernáculo** (23). O texto não detalha como eram dispostos estes pilares de canto (24). Pelo visto, eram fixos

de certa forma a manter a largura do edifício em dez côvados (seis tábuas dão somente nove côvados) ou 4,5 metros. As **oito tábuas** (25) deste lado tinham o mesmo número de bases e coiceiras como as outras. No total, perfaziam 48 tábuas e 96 bases.

Para unir as tábuas, foram feitas **barras de madeira de cetim** (26), **cinco** para cada lado e cinco para a parte de trás do Tabernáculo. A última frase do versículo 27 é mais bem traduzida por “para as tábuas na parte de trás do tabernáculo, para [formar] a parede que fica no lado ocidental” (ATA). Uma **barra**, no **meio**, colocada transversalmente e a meia distância nas **tábuas** verticais (28), ia de ponta a ponta das paredes laterais e dos fundos. Aparentemente as outras quatro barras de cada parede eram mais curtas. Todas estas **tábuas** e **barras** eram revestidas de **ouro** (29), com também eram as argolas nas tábuas pelas quais as barras eram colocadas.

Novamente Deus lembra Moisés que construísse este edifício de acordo com o padrão mostrado no monte (30). A imagem mental do bloco construtivo formada até aqui está ganhando nitidez. Com tábuas de 4,5 metros de altura, havia dois lados emparedados de 13,5 metros de extensão cada, uma parede de 4,5 metros de largura na parte de trás e uma frente aberta. Em cima desta estrutura estava esticada uma cortina de quatro camadas, provavelmente sobre uma viga mestra de telhado cobrindo totalmente a construção.

c) *O véu e o biombo* (26.31-37). Um **véu** (31), de confecção semelhante à primeira cobertura (1), dividia o Tabernáculo em dois compartimentos (33). Para pendurar o véu, havia **quatro colunas de madeira de cetim cobertas de ouro** (32) fixadas sobre **quatro bases de prata** semelhantes às tábuas das paredes. O número par de colunas sugere que eram de comprimento igual e, portanto, não chegavam à altura do telhado da tenda — presumindo que o telhado fosse inclinado.

O **véu** era pendurado **debaixo dos colchetes** (33), ou ganchos (6,11), unindo-se com as coberturas. A menos que esta declaração seja muito geral, significaria que o véu que divide os dois compartimentos foi colocado mais ou menos na metade do Tabernáculo. Aceitamos que o

santuário (o Lugar Santo) tivesse 9 metros de comprimento e o **lugar santíssimo** (o Santo dos Santos), 4,5 metros, embora em nenhum lugar da Bíblia encontremos esta informação.¹⁵ É possível que a sobra de 4,5 metros da cobertura grande (ver comentários no v. 6) ficasse na parte de trás do Tabernáculo. Com este arranjo, a junção da cobertura grande se situaria exatamente em cima do lugar tradicional do véu. É interessante destacar que a teoria de um telhado plano descrita por Davis também permite este tipo de divisão.¹⁶

A **arca do Testemunho**, com o **propiciatório** tampando a **arca** (34), foi colocada no **lugar santíssimo**, que era **dentro do véu** (33). A **mesa** da proposição e o **castiçal** (35) foram acondicionados **fora do véu** (ou, à sua frente), no Lugar Santo. A **mesa** ficava na **banda do norte**, ou à esquerda de quem entrasse, e o candelabro ficava no **sul**. O altar de incenso (30.1-6) também foi colocado no Lugar Santo perto do véu (ver Diagrama A).

Para a abertura da frente do Tabernáculo, confeccionaram outra **cortina**, chamada “biombo” (36, RSV; “reposteiro”, ARA). A cortina era menos elaborada, pois não tinha querubins, provavelmente porque ficava mais longe da arca e era comumente usada pelos sacerdotes. Este biombo ficava pendurado por **cinco colunas de madeira de cetim** (37) revestidas de **ouro** e com **colchetes**, ou ganchos, de **ouro**. As **bases** eram de **cobre** (bronze), pois o uso desta entrada era mais comum. Considerando que havia **cinco colunas**, conjecturamos que fossem de comprimentos desiguais, com a coluna central servindo de suporte para a viga mestra de telhado que sustentava as coberturas.¹⁷

Há excelentes lições espirituais no capítulo 26. A cobertura graciosamente colorida que estava por baixo das outras coberturas só podia ser vista por dentro do Tabernáculo. De fora, os pêlos de cabra, as peles de carneiro e de texugo davam uma aparência muito comum, mas de dentro a beleza era notória. De fora, o caminho de Deus parece monótono e pouco atraente, mas para o cristão a visão interior é gloriosa.

Muitos artigos — a mesa, a arca, as tábuas, o altar de incenso — eram feitos de madeira de acácia comum, mas revestidos de ouro. Esta madeira tipifica a humanidade — comum, imperfeita e defeituosa —, mas é revestida com a presença de Deus. Pessoas desprovidas de valor próprio são enriquecidas com o ouro da glória divina.

Havia graus na aproximação a Deus. Lá fora estava o mundo, separado do Lugar Santo por uma cortina. A entrada por esta cortina ocorre espiritualmente pelo arrependimento e fé. Uma vez dentro, o adorador recebe a alegria diária da luz e do pão vivo, como também ação de graças constante tipificado pelo altar de incenso. Mesmo para estes adoradores, um véu os separava da presença mais íntima de Deus. Na cruz, o véu foi rasgado em dois (Mt 27.51), possibilitando o acesso a Deus pela fé. Mas os cristãos têm de ter “ousadia para entrar no Santuário [o Lugar Santíssimo], pelo sangue de Jesus” (Hb 10.19). Há cristãos que, pela fé, desfrutam a experiência mais rica da plenitude espiritual, ao passo que outros ficam fora do véu.

4. *O Altar Grande* (27.1-8; cf. 38.1-7)

Um altar de bronze fazia parte importante da adoração de Israel. Situado fora do santuário propriamente dito, era o primeiro objeto que se via quando a pessoa chegava ao lugar santo. Era lembrança constante da necessidade de expiação e arrependimento. Neste altar, o animal sacrificial era oferecido a Deus como expiação pela culpa.

Este **altar** (1) era feito de **madeira de cetim** (acácia) revestida de **cobre** (2, bronze). Tinha formato quadrado, medindo 2,25 metros de cada lado por 1,35 metro de altura. Era uma caixa oca e (8) aberta de ambos os lados. Tinha varas colocadas em argolas com a finalidade de transportá-la (6,7) de modo semelhante à mobília do Tabernáculo.

Considerando que Israel só devia fazer altares de terra ou com pedras naturais, sem uso de instrumentos de ferro (20.24,25), julgamos que este altar semelhante a caixa era cheio de terra sempre que Israel assentava acampamento.¹⁸ Os animais sacrificais eram colocados em cima da terra que enchia a armação de madeira e bronze.

Nos quatro cantos do altar havia **pontas (2)** que faziam parte da estrutura. Tinham provavelmente a forma de chifre de animal. Eram importantes como símbolos de poder e proteção (1 Rs 1.50). Os chifres eram besuntados com o sangue do animal sacrificado (Lv 4.7). Estes chifres, apontando para o céu, “falavam do Deus a quem o altar fora construído, e indicava a capacidade divina em ajudar, proteger e socorrer os seus adoradores”.¹⁹ Denotavam a vitória do homem sobre o pecado mediante a expiação simbolizada pelo altar.

Os instrumentos usados com relação ao altar eram feitos de bronze. Havia **caldeirinhas** (recipientes) para recolher as cinzas (3), **pás** para remover as cinzas, **bacias** para receber o sangue, **garfos** para organizar os pedaços de carne e **braseiros**, usados provavelmente para levar as brasas de fogo para o altar de incenso. Não está claro para que servia o **crivo de cobre em forma de rede** (4,5), ou onde era colocado, pois é impossível identificar o **cerco do altar** (5). Poderia ter sido uma grade próxima do topo do altar para pegar pedaços dos animais que caíssem, ou poderia ficar na base para impedir que os pés dos sacerdotes tocassem o altar.²⁰

5. O Pátio (27.9-19; cf. 38.9-28)

E interessante assinalar que o altar foi descrito antes do **pátio** que rodeava o **tabernáculo** (9), como ocorreu com a mobília do Tabernáculo, que foi detalhada antes da estrutura propriamente dita (25.10—26.30). Este pátio servia de recinto cercado para os israelitas que iam adorar diante do Tabernáculo. Era espaço reservado para os adoradores se separarem do mundo exterior e conferia santidade na aproximação à presença de Deus (ver Diagrama B).

O **pátio** era um retângulo de 45 metros de comprimento por 22,5 metros de largura. Em cada lado, no **sul** e no **norte** (9-11), havia **vinte colunas** com as **bases** feitas de **cobre** (bronze). O **lado do ocidente** precisava de **dez colunas** (12). Quanto à expressão **ao lado do meio-dia, para o sul** (9), ver comentários em 26.18. Estas **colunas** eram firmadas no chão em **suas bases** por meio de cordas fixas ao chão com **pregos**, ou seja, estacas (19, ARA). Entre as colunas havia **faixas** confeccionadas em **prata** (11). Tratavam-se de

barras entre as colunas sobre as quais a cortina era pendurada pelos **colchetes** feitos de **prata** (17). Uma cortina de **linho fino torcido**, provavelmente na cor branca,²¹ medindo 2,25 metros de altura (18), estendia-se pelos lados, por trás e na frente, onde havia **três** colunas de cada lado da **porta** (14,16).

A **porta** com nove metros de largura ficava no lado leste, no meio da frente do Tabernáculo (16). Era uma cortina **de pano azul, e púrpura, e carmesim** como também de **linho fino torcido**, sustentada deste lado por quatro **colunas** centrais. **Cingi-das de faixas de prata** (17) é boa tradução (cf. NTLH). Toda vez que o Tabernáculo era montado, a frente sempre ficava voltada para o leste. A cortina para a porta era semelhante à que estava pendurada em frente do Tabernáculo propriamente dito (26.36,37).

O Tabernáculo e o pátio ensinam passos sucessivos na aproximação a Deus. Os materiais mais preciosos estavam no Lugar Santíssimo; o Lugar Santo tinha menos orna-

mentos, ao passo que os materiais no pátio eram os mais simples. Quanto mais perto nos aproximamos de Deus, mais glória e graça há. Só o sumo sacerdote podia entrar no santuário mais sagrado. Os outros sacerdotes serviam no compartimento exterior. Os israelitas leigos só tinham permissão de entrar no pátio, e somente quando estivessem cerimonialmente limpos. Os imundos tinham de permanecer fora do pátio. Em Cristo, o véu foi rasgado em dois e hoje todos podemos entrar no santíssimo. Mesmo assim, ainda há quem permaneça do lado de fora, à distância de Deus, por falta de fé e dedicação.

6. *O Óleo para as Lâmpadas* (27.20,21)

Moisés recebe instruções relativas ao óleo para as lâmpadas que estavam no Lugar Santo. O **azeite puro de oliveiras** (20, óleo) era batido em vez de ser moído em moinho.

O óleo mais puro, que dava melhor queima, era obtido por este método, usando azeitonas selecionadas pouco antes de amadurecer.

Este procedimento exigia mais cuidados que o processo habitual; o óleo é amplamente considerado tipo do Espírito Santo. O óleo era **para fazer arder as lâmpadas continuamente**. Não significava dia e noite, visto que havia iluminação das lâmpadas acesas à tarde (30.8; 1 Sm 3.3). Este fogo tinha de estar aceso sempre pela noite inteira.

O versículo 21 toma por certo o sacerdócio da família de Arão e designa a seus integrantes a tarefa de cuidar do óleo das lâmpadas e das atividades que vão **desde a tarde até pela manhã**. A orientação **fora do véu** se refere ao Lugar Santo, à frente da cortina que fecha o Santo dos Santos. **Porão em ordem** quer dizer “farão”. Manter as lâmpadas acesas era serviço “a favor dos filhos de Israel” (ARA). Os ministros de Deus devem manter a luz de Deus brilhando constantemente.

Nos versículos 20 e 21, “A Luz Brilhante” é resultado de: 1) O trabalho do povo — a preparação, 20a; 2) O trabalho dos ministros — a perpetuação, 21; 3) O trabalho do Espírito Santo — a iluminação, 20b.

7. *A Indumentária dos Sacerdotes* (28.1-43; cf. 39.1-31)

a) *Introdução* (28.1-5). Deus escolheu Arão, o irmão de Moisés, e seus descendentes, para servir de sacerdotes. Até este momento, Moisés era o único mediador, mas foi a família de Arão, e não a de Moisés, que foi escolhida para administrar perante Deus a favor de Israel (1). As **vestes** destes sacerdotes eram especiais e consideradas **santas** (2). Típico da pureza interior do povo de Deus, os objetos externos eram separados para propósitos santos. Estas roupas também eram **para glória e ornamento**. Seria incompatível e desprovido de glória o sacerdote ministrar com roupas simples e sem brilho no Tabernáculo graciosamente colorido. Deus, o Autor de tudo que é bom e bonito, deseja que seu povo seja formoso e que haja beleza nos procedimentos de adoração.

Deus concedeu **espírito de sabedoria** (3) a homens **sábios** para capacitá-los a fazer estas **vestes**. Deus, que criou a beleza, dá ao homem a apreciação divina pela beleza e a aptidão divina para criá-la.

Certas produções que o mundo chama arte não passam de imoralidade, mas a verdadeira arte é de Deus.

No versículo 4, há uma lista dividida em grupos dos artigos para o sumo sacerdote, os quais são detalhados separadamente nos versículos seguintes. Os materiais eram os mesmos para as cortinas do Tabernáculo (5), exceto que havia **ouro**.

b) *O éfode* (28.6-14). Esta peça de roupa era um colete com a frente e as costas unidas por tiras em cima de cada ombro e por um **cinto** à cintura (6-8).²² **Cinto de obra esmerada** (8) é melhor “faixa habilmente tecida” (RSV). Era rico em cores (6). Nas tiras dos ombros havia incrustações de **pedras sardônicas** nas quais estavam gravadas os **nomes dos filhos de Israel** (9), **seis** tribos em cada **pedra** (10). **Segundo as suas gerações** diz respeito à ordem de nascimento. Logicamente alguns israelitas aprenderam a arte da lapidação quando eram escravos no Egito. Os nomes eram fixos nas pedras **engastadas ao redor em ouro** (11), ou seja, com engastes de filigranas de ouro.²³

Estes nomes eram levados aos **ombros** do sacerdote enquanto ele ministrava **diante do SENHOR** (12), símbolo da responsabilidade dos ministros em levar o povo a Deus. Os nomes ficavam perante Deus quando o sacerdote estava na presença santa. Esta era a garantia de que Deus cuida dos seus filhos e se lembra deles.

Pelo visto, os **engastes de ouro** (13) também eram fechos ou prendedores para as **cadeiazinhas**, ou correntes (ARA), **de ouro puro** (14) que as prendiam ao éfode. Talvez fossem usados para firmar o peitoral ao éfode (ver 22-26).²⁴

c) *O peitoral* (28.15-30). O **peitoral do juízo** era firmado com segurança ao éfode e feito do mesmo material que este (15). Aqui, **juízo** significa “oráculo” ou “judicial”; era meio “pelo qual a vontade de Deus era buscada e normalmente encontrada” (VBB, nota de rodapé). **Obra esmerada** seria “trabalho de perito” (RSV). O material era dobrado para formar uma algibeira com cerca de um **palmo** (22 centímetros) quadrado (16). Havia nele **quatro ordens** (“fileiras”,

NVI; “carreiras”, NTLH) de três **pedras** preciosas cada (17). Desconhecemos a verdadeira natureza das pedras, embora haja esforços para identificá-las.²⁵ Os **engastes** (20) seriam as filigranas das pedras. Os **nomes** das **doze** tribos de Israel eram gravados nestas **pedras** (21). Em cima, o **peitoral** era preso às tiras dos ombros do **éfode** com as **cadeiazinhas**, ou correntes (ARA), de **ouro puro** unidas aos **anéis de ouro** (22-26; ver tb. 13,14). Na parte de baixo do peitoral, havia **dois** outros **anéis** que eram fixados ao **cinto** do **éfode** (27) com um **cordão de pano azul** (28).

Assim, o sumo sacerdote levava os **nomes dos filhos de Israel** sobre os ombros, lugar de força, e sobre o **coração** (29), para com sabedoria e compaixão ser o mediador do povo perante Deus.²⁶ O **Urim** e o **Tumim** (30) eram provavelmente pedras colocadas no peitoral que representavam **juízo** concernente à vontade de Deus. O sumo sacerdote era o juiz do povo e fazia suas resoluções servindo-se destas pedras.²⁷ Simbolizavam poder e sabedoria na tomada de decisões.

No capítulo 28, vemos que “O Representante de Deus perante os Homens” é: 1) Intercessor pelo povo de Deus, 12; 2) Compassivo em prol do povo de Deus, 29; 3) Juiz sábio do povo de Deus, 30.

d) *O manto do éfode* (28.31-35). Esta roupa era tecida em uma peça única, sem emendas, com uma abertura para a cabeça (32). A palavra hebraica traduzida por **colar de cota de malha** é de significado incerto. Pelo visto, o conceito é de uma extremidade reforçada com bainha para evitar rasgos. O manto provavelmente não tinha mangas. Era de cor **azul** (31) e usado debaixo do éfode e do peitoral.²⁸ O contraste entre o manto e o peitoral daria destaque a este. Ao longo da **borda**, ou barra (NTLH), desta

peça de roupa que ia até os joelhos, havia alternadamente **romãs** feitas de material colorido e **campainhas de ouro** (33,34).

Há discordância sobre o significado das decorações na bainha do manto. As romãs simbolizam fertilidade ou possivelmente nutrição para a alma. As campainhas, ou sininhos (NTLH), tocam louvores a Deus e representam a alegria no serviço. O **sonido** dos sininhos era

ouvido pelos israelitas no pátio, enquanto o sacerdote ministrava diante de Deus no **santuário**. Assim, os adoradores participavam com o sumo sacerdote na oração e louvor enquanto o ouviam, embora não pudessem ver. A ameaça **para que não morra** (35) foi feita para avisar o sacerdote a não deixar de fazer com que os sininhos continuassem emitindo sons para o povo ouvir.²⁹ Hoje, o ministério dos servos de Deus deve ser de modo que as pessoas participem na adoração a Ele e não sejam meras espectadoras. A adoração vira formalidade quando a congregação fica apenas observando.

e) O *turbante e o camisa* (28.36-39). O sumo sacerdote usava à cabeça uma **mitra** (37), artigo que melhor entendemos por turbante, algo semelhante a uma coroa. Era feito de **linho fino** (39). Na frente do turbante havia **uma lâmina de ouro puro** (36), na qual estavam gravadas as palavras **Santidade ao SENHOR**. Quando o sumo sacerdote se colocava diante do povo, os primeiros objetos do traje sacerdotal que chamavam a atenção eram o peitoral enfeitado com jóias e trazendo os nomes de Israel e a placa de ouro em sua testa proclamando santidade a Deus.

Sempre devemos anunciar que o Deus de Israel é santo e justo. As religiões pagãs criavam deuses como os homens, profanos e impuros. Mas Deus se relevou a Israel como Ser absolutamente puro e santo. O propósito desta revelação não era deixar os israelitas continuamente envergonhados de si mesmos, mas inspirá-los a se tornar como Deus. “Para que sejais santos; porque eu sou santo” (Lv 11.45), era mandamento que o povo de Deus sempre tinha de obedecer. A falta de santidade em seu povo se destacava todas as vezes que viam esta placa de ouro. O sacerdote entrava na presença de Deus levando a **iniquidade das coisas santas** (38), quer dizer, fazendo expiação pela culpa criada pelo pecado do homem. Constatamos, então, ousadia diante do “trono de graça” neste ministério desenvolvido por um sacerdote pecador em prol de pessoas pecadoras quando se punha com confiança diante de um Deus santo esperando receber aceitação (Hb 4.16). Quando o sacerdote ficava diante do propiciatório fazendo expiação pelos integrantes do povo, ele e os integrantes do povo por meio dele recebiam o perdão de Deus; mas quando viam a santidade

divina, eram “transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18).

E hipocrisia ministrarmos diante de Deus com os dizeres **Santidade ao SENHOR** estampados na testa, ao mesmo tempo em que abrigamos iniquidade no coração. Proclamar a necessidade de pecaminosidade contínua por parte do adorador dedicado ao Santo degrada o poder de Deus em purificar. Com certeza, um Deus santo que deseja um povo santo pode “purificar para si” as pessoas a fim de serem como ele mesmo (Tt 2.14). O trabalho do ministro é levar o povo de Deus à “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).³⁰

A roupa de baixo dos sacerdotes era uma **túnica de linho fino** (39), mais corretamente um camisão ou túnica³¹ e um **cinto**. O camisão tinha mangas e ia até aos tornozelos. Ficavam de fora as mangas e o pedaço do camisão que aparecia abaixo do manto. “Era preso ao corpo por uma faixa ou cinto ricamente colorido e bordado como as tapeçarias decorativas do santuário.”³² Este **cinto** e a maior parte do camisão não ficava à mostra. Mas mesmo assim, as roupas íntimas também tinham de ser perfeitas, já que Deus as vê, da mesma forma que os motivos do crente têm de ser puros, visto que Deus conhece até nossos pensamentos mais secretos.

f) *As roupas para os filhos* (28.40-43). O vestuário dos sacerdotes comuns era simples, comparado com as roupas do sumo sacerdote, mesmo que consideremos que o **linho fino** era um tecido suntuoso e altamente valorizado naqueles dias. Estes sacerdotes menos importantes usavam uma **túnica** (40), que era um casaco ou camisa presa na cintura com cinto ou faixa. As **tiaras** ou “gorros” (NVI) eram prováveis faixas de linho ou solidéus. Esta roupa, embora simples, era branca, símbolo da pureza dos santos. Quanto ao verbo **santificarás** (41), ver comentários em 13.2. A outra peça de roupa, **calções de linho** (42), era calças compridas ou ceroulas usadas pelos sacerdotes comuns e pelo sumo sacerdote.

O versículo 41 antecipa a investidura descrita no próximo capítulo

(ver comentários em 39.7-9). Moisés tinha de mandar confeccionar as roupas e depois consagrar a família do irmão ao sacerdócio.

Os sacerdotes tinham de usar esta indumentária sempre que ministrassem no santuário. O termo **santuário** no versículo 43 também indica o pátio, onde estava o altar de bronze. Os sacerdotes eram considerados culpados se negligenciassem o traje adequado nas ministrações, estando sujeitos à pena de morte. Este **estatuto** era **perpétuo**.

8. A Consagração dos Sacerdotes (29.1-46)

Depois de descrever o traje sacerdotal, Deus disse a Moisés como ordenar os sacerdotes para os deveres santos. Estes sacerdotes tinham de oferecer sacrifícios pelos próprios pecados, ser vestidos com as roupas, ungidos com o óleo santo e comer das ofertas sacrificais.

a) *Introdução (29.1-9)*. Em preparação à cerimônia de posse do sacerdócio, foram predispostos um **novilho, e dois carneiros sem mácula (1)**, com **pão asmo, bolos asmos e coscorões** (ou filhós) **asmos** em um **cesto (2,3)**. **Asmos** quer dizer “sem fermento” (NVI). **Amassados com azeite**, ou óleo, significa “misturados com óleo”, e **unta-dos com azeite** tem o sentido de “aspergidos com óleo” (VBB). Estes itens deviam ser levados com **Arão e seus filhos (4)** à **porta da tenda da congregação**, ou seja, do Tabernáculo. Ah, os sacerdotes seriam lavados **com água**. Esta lavagem exterior é símbolo da limpeza interior e corresponde ao batismo nas águas. Os sacerdotes usavam a **pia de cobre (30.17-21)** para este propósito (cf. Diagrama B).

Nestes versículos, a investidura de Arão é descrita com muita brevidade (5,6). Em Levítico 8.7-9, há um relato mais completo onde o procedimento é desdobrado em nove atos. Moisés vestiu Arão com: 1) o camisa de linho, 2) o cinto debaixo, 3) o manto do éfode, 4) o éfode, 5) o cinto do éfode, 6) o peitoral, 7) o Urim e Tumim, 8) o turbante e 9) a placa no turbante. Aqui em Êxodo, a descrição do vestuário omite os passos dois e sete, a ordem cinco e seis está invertida e a placa de ouro no turbante é chamada **coroa da santidade**. Este nome indica o

caráter da realeza do sumo sacerdote.

O **azeite da função** (7), descrito em 30.22-33, seria derramado na **cabeça** de Arão. ato simbólico do batismo com o Espírito Santo. Os **filhos** de Arão, em três ações, seriam vestidos com os camisões, **cintos** e gorros (8,9). Estes atos de investidura e unção empossavam estes homens e seus sucessores no ofício sacerdotal para o resto da vida em **estatuto perpétuo**. Só em Cristo há o cumprimento da eternidade deste ofício (Hb 5.6).

b) *As ofertas* (29.10-18). Os sacerdotes fariam primeiramente a oferta pelo pecado e o holocausto. Considerando que eram homens e pecadores, tinham de oferecer pelos próprios pecados e também pelos pecados do povo (Hb 5.3). O **novilho** (10) seria morto depois de ser levado ao altar e de **Arão e seus filhos** terem posto as **mãos sobre a cabeça do novilho**. Este ato significa que os pecados destas pessoas foram postos no animal. A morte imediata mostrava a pena do pecado, mas também indicava a expiação no sacrifício de Jesus na cruz. A ação de pôr o **sangue do novilho** (12) nas **pontas do altar** e em sua base enfatizava a necessidade de dar a vida pela salvação. Partes do corpo do animal, inclusive a **gordura**, eram queimadas **sobre o altar** e o restante era levado para fora do acampamento, a fim de ser queimado (13,14), tipificando Cristo que “padeceu fora da porta” (Hb 13.11,12). O **redenho** era o “lóbulo ou apêndice” do fígado. Nenhuma parte desta oferta era comida pelos sacerdotes, como geralmente não se comiam as ofertas pelo pecado (Lv 4.11,12; cf. Lv 10.17-20).

O **holocausto** (18) era um dos carneiros levado à cerimônia de consagração (1). Era morto de modo semelhante à oferta pelo pecado e o sangue era aspergido sobre o altar. O versículo 17 fica mais claro assim: “Corte o [carneiro] em pedaços, lave as vísceras e as pernas e coloque-as ao lado da cabeça e das outras partes” (NVI). O carneiro inteiro era queimado no altar como **cheiro suave** (18) para o **SENHOR**. No **holocausto**, a idéia intencional era de abnegação e não de expiação. Esta abnegação é agradável a Deus. visto que a oferta pelo pecado nunca era considerada de cheiro suave.³³ Esta

oferta representava a entrega das pessoas a Deus para servi-lo em espírito de adoração.

c) *O sacrifício da posse* (29.19-37). O segundo **carneiro** (19), chamado **carneiro das consagrações** (22), era morto da mesma maneira que os outros animais (19). Parte do sangue era colocada primeiramente na **orelha direita**, no **dedo polegar da mão direita** e no **dedo polegar do pé direito** de cada um dos sacerdotes (20). Em seguida, o restante do sangue era derramado sobre o altar. Desse sangue que estava ali, junto com óleo, era aspergido **sobre Arão, seus filhos e suas vestes** (21).

O sangue na **ponta da orelha direita** dedicava a audição a Deus; no **dedo polegar da mão direita**, o sangue consagrava simbolicamente os serviços feitos pelas mãos: o sangue no **dedo polegar do pé direito** devotava a Deus o andar nesta vida. A mistura de sangue com óleo “simboliza a união íntima que existe entre a justificação e a santificação — o sangue expiatório e a graça santificadora do Espírito Santo”.³⁴ A pessoa e as vestes dos sacerdotes eram santificadas (21), quer dizer, tornadas santas por serem dedicadas ao serviço santo.

Moisés poria nas **mãos** dos sacerdotes partes deste **carneiro das consagrações**, junto com porções do **pão**, bolos e coscorões que estavam na cesta (**22,23**; ver v. 2). Por um movimento horizontal em direção ao altar, os sacerdotes tinham de apresentá-los como oferta ritualmente movida, simbolizando entrega a Deus (**24**). Depois, Moisés queimava a porção de Deus **no altar** (25) por cheiro agradável ao Senhor. Retinha o **peito do carneiro das consagrações** para si (26), a parte que normalmente ia para o sacerdote que oficiava a oferta do **peito do movimento**.³⁵

O **peito** e o **ombro** dos **sacrifícios pacíficos** — como pode ser chamado este tipo de oferta (28) — eram porções habituais para o sacerdote (27). O **peito** era movido em movimento horizontal e o **ombro** era alçado (ou erguido) em movimento vertical em atos simbólicos de dá-los a Deus. Quanto à palavra **santificarás**, ver comentários em 13.2.

As **vestes santas** (29) do sumo sacerdote eram passadas para o filho na ocasião da consagração deste para a função sacerdotal (29). A cerimônia de posse do novo sacerdote durava **sete dias** (30).

Depois de uma digressão nos versículos 27 a 30 para descrever os aspectos permanentes deste ritual, o registro bíblico volta à consagração. **Arão e seus filhos** (32) tinham de cozinhar (31) e comer, junto com o conteúdo que restasse do **cesto de pão** (cf. 23), as porções de carne não queimadas no altar ou dadas a Moisés. Esta refeição sacrificial também ocorria no oferecimento dos sacrifícios pacíficos, quando os ofertantes comiam parte do sacrifício. Este comer os santificava e os consagrava, tipo do pão e carne de Cristo que dá vida e santidade ao crente. Neste caso em particular, somente os sacerdotes podiam comer e tudo que sobrasse do sacrifício até a **manhã** seguinte tinha de ser queimado (33,34). Este repasto sacrificial era marca de comunhão com Deus e dos sacerdotes entre si. Quanto ao termo **santificá-los** (33), ver comentários em 13.2.

O período da cerimônia de consagração durava **sete dias** (35), o número perfeito de Deus. Pelo visto, a oferta pelo pecado era repetida a **cada dia** (36). A mesma oferta que limpava e consagrava os sacerdotes também dedicava o altar. Este era ungido (Lv 8.11,15) e considerado **santíssimo** (37; cf. comentários em 13.2). Tudo que tocasse o altar tinha de ser **santo** ou o altar seria profanado.

d) *Conclusão* (29.38-46). Influenciado pela consagração dos sacerdotes, o escritor passa a mostrar os requisitos para os sacrifícios diários **sobre o altar** (38). A oferta diária era **dois cordeiros** novos, simbolizando entrega imediata a Deus, **um pela manhã e o outro** à noite (39). Com estes dois sacrifícios havia ofertas de carne e de libação com pão e **vinho** (40), em grande parte para a comodidade dos sacerdotes.³⁶ A **décima parte de um efa** era cerca de três litros, e a **quarta parte de um him** era mais ou menos 5,7 litros. Tudo isso era um **cheiro suave** a Deus (41), agradável a Ele, em contraste com a idéia de que a maldade dos ímpios é uma fumaça em suas narinas.

Quando as pessoas fizessem suas ofertas a Deus, Ele as encontraria (42) enquanto falava com o sacerdote, o representante divino. O

verdadeiro poder santificador é a **glória** de Deus (43), não os objetos materiais que Ele santificou. A obediência de Israel a Deus nestas cerimônias era a garantia do poder santificador divino (cf. comentários em 13.2). Deus santificaria o Tabernáculo e o **altar** para uso especial, e a casa de **Arão** para sua obra peculiar (44). Por causa desta santificação, os israelitas seriam filhos de Deus e Deus habitaria entre eles (45). Assim, eles saberiam **que eu sou o SENHOR, seu Deus** (46).

Hoje, estas verdades são cumpridas de forma gloriosa nos crentes em Cristo! Primeiramente, levaram seus pecados ao pé da cruz e, pela fé, receberam o perdão de Deus. Em obediência humilde, oferecem sacrifícios diários de louvor e oração que são aceitá-

veis a Deus. Com a lei escrita no coração, recebem a santidade de Deus pela obediência à verdade que o Espírito mostra (1 Pe 1.22) e, por fim, o Espírito de Deus habita neles continuamente.

No capítulo 29, vemos “Os Privilégios do Crente”: 1) A expiação em Cristo é vista na oferta pelo pecado, 10-14; 2) A entrega a Cristo é encontrada no holocausto, 15-18; 3) A consagração e santificação são reveladas no sacrifício da dedicação, 19-37; 4) A dedicação diária é observada nos sacrifícios ininterruptos, 38-42; 5) A plenitude do Espírito é prometida na habitação da deidade, 43-46.

9. *Questões Relativas ao Santuário* (30.1-38)

a) *O altar de incenso* (30.1-10). Não é fácil inferir a razão para que a análise dos assuntos tratados neste capítulo esteja neste ponto do relato mosaico. Ou Moisés descreve o que foi omitido nos capítulos anteriores ou Deus o dirigiu a colocar a matéria bíblica nesta ordem. Não há que duvidar que as instruções para o Tabernáculo estariam incompletas sem estas orientações.

O **altar para queimar o incenso** (1) tinha formato similar ao altar de bronze, exceto que era menor (ver Diagrama A). Media 45 centímetros quadrados por 90 centímetros de altura (2). A **madeira de cetim** (acácia) era revestida **com puro ouro** (3), e todas suas

partes, inclusive a **coroa de ouro**, que provavelmente era uma beirada semelhante à da mesa da proposição, também eram revestidas de ouro. Seu transporte se dava como a outra mobília por meio de **varais** enfiados em **argolas de ouro** (4,5).

Este altar de ouro ficava **diante do propiciatório**, perto da **arca**, mas à frente do **véu** (6). Tinha necessariamente de estar no Lugar Santo, visto que o sumo sacerdote entrava no Lugar Santíssimo somente uma vez por ano e o **incenso** devia ser queimado diariamente (7). Sua localização perto do Lugar Santíssimo é responsável por ter sido listado em Hebreus 9.4 como peça que ficava dentro do véu.³⁷ Era neste altar que Deus se encontrava particularmente com a pessoa que, dia a dia, oferecia o incenso.

A queima do incenso, cuja composição é descrita nos versículos 34 a 38, ocorria pela **manhã (7)**, quando as lâmpadas eram acesas, e novamente à **tarde** (8). A idéia de **incenso contínuo** diz respeito à sua permanência diária e não à manutenção de fogo dia e noite.³⁸ O altar de ouro era para uso exclusivo da combustão do incenso apropriado (9); **incenso estranho** seria uma oferta diferente do tipo designado (ver 34-38). Este altar não devia ser usado para fazer holocaustos, ofertas (“de cereal”, NVI) ou libações; estas oblações eram oferecidas somente no altar de bronze.

Contudo, **uma vez no ano**, no Dia da Expição, o sumo sacerdote colocava **sangue** nas **pontas do altar** de ouro para fazer **expição** pelo altar (10). Até o altar de incenso precisava de expiação por causa dos pecados deliberados ou erros inconscientes dos homens.

O significado espiritual deste altar não deixa dúvidas. O incenso representava as orações dos santos (Ap 8.3). A expiação no altar de bronze reconciliava os adoradores com Deus, ao passo que o incenso de cheiro suave completava o procedimento com comunhão. “Sob este aspecto, a oferta de incenso não era só uma espiritualização e transfiguração do holocausto, mas uma completude dessa oferta.”³⁹ Para os cristãos, esta oferta de oração é ininterrupta no sentido de constante atitude de oração e também nos períodos habituais de

meditação e intercessão.

b) *O dinheiro de resgate* (30.11-16). Com toda a probabilidade, Moisés estava pensando em fazer um censo cuidadoso dos israelitas. O primeiro número obtido foi, talvez, uma estimativa. Deus agora o instruiu a exigir de **cada** israelita **o resgate da sua alma** (12). Apalavra **resgate** significa **expição** e transmite a mesma idéia encontrada no versículo 15. Anteriormente (25.2), Deus disse a Moisés que pedisse a Israel ofertas voluntárias. Mas aqui temos um tipo de imposto. O não pagamento deste tributo significaria que poderia haver uma praga nos transgressores.

A quantia exigida de cada homem não era grande, a **metade de um siclo** (13). Não se tratava de imposto arrecadado segundo a capacidade de pagar, mas baseado na verdade da igualdade de todos os homens perante Deus. Aos olhos de Deus, o **pobre** se sentiria igual ao **rico**; o **rico** não podia comprar o favor de Deus, visto que só tinha permissão de dar meio **siclo** (15). Este resgate devia ser pago somente pelos homens amadurecidos, **de vinte anos para cima** (14).

Por que é chamado **dinheiro das expiações** (16)? A oferta pelo pecado não fizera a devida expiação? Este pagamento era um reconhecimento da indignidade diante de Deus e da incapacidade de expiar os próprios pecados. Era uma declaração afirmativa de que só Deus pode pagar o preço da redenção; meio **siclo** era apenas um símbolo ou sinal da aceitação do concerto de Deus com Israel.

Este primeiro imposto era para ser dedicado ao **serviço da tenda da congregação** e foi usado para fazer as bases de prata para o Tabernáculo (38.25-28). Estas bases seriam lembrança constante da obrigação dos israelitas com Deus e da expiação que Deus lhes fizera. É possível que este imposto tenha se tornado obrigação anual (2 Cr 24.9). Provavelmente foi o imposto para o qual Pedro achou pagamento na boca do peixe (Mt 17.24-27).⁴⁰

Os versículos 11 a 16 desenharam “A Redenção do Homem”: 1) E exigida de todas as pessoas, 12-14; 2) E a mesma para cada pessoa, 15; 3) E lembrada continuamente, 16.

c) *A pia de bronze* (30.17-21). Colocada entre a **tenda da congregação** e o **altar** de bronze (ver Diagrama B), havia uma **pia** feita de **cobre** (18, bronze). Não são dadas especificações, embora suponhamos que tivesse a forma de vaso com pedestal e base, tudo de metal sólido. Servia para o acúmulo de água para a lavagem cerimonial (19,20). É possível que houvesse “torneiras e bicas”.⁴¹ Este lavatório era usado pelos sacerdotes para se lavarem antes de ministrarem no Tabernáculo ou no **altar** de bronze.

Água é meio de purificar a carne e tipo do Espírito Santo que limpa a alma. A pia era lembrança constante da santidade que Deus exigia dos israelitas e ressaltava que a limpeza está de mãos dadas com a piedade.

d) *O óleo da santa unção* (30.22-33). Deus mandou Moisés fazer um óleo especial de unção. Os ingredientes eram **pura mirra, canela aromática, cálamo aromático, cássia e azeite de oliveiras** (23,24). Os **siclos** (23) aqui se referem diretamente a peso e não a valor monetário como ocorre no versículo 15. As quatro especiarias (duas vezes mais de mirra e cássia que os outros dois ingredientes) seriam misturadas com um **him** de azeite de oliva (cerca de 6,6 litros). O **perfumista** (25) era um farmacêutico ou boticário. Estes produtos aromáticos, por terem propriedades curativas e fragrância, tornavam a substância perfumada apropriadamente típica do Espírito Santo, que santifica e unge o povo de Deus.

Esta composição foi usada primeiramente para ungir a **tenda da congregação** (o Tabernáculo) e sua mobília (**26-29**). Estas peças sagradas ficariam santificadas (**29**), ou seja, seriam separadas para uso santo. Tendo sido santificada, a mobília do Tabernáculo só poderia ser tocada pelo que fosse **santo** (cf. comentários em **13.2**).

Depois da consagração do Tabernáculo, Moisés ungiu os sacerdotes para a função especial que desempenhariam (30; cf. 29.21). Este ato os consagraria ao ofício sagrado, simbolizando a unção do Espírito Santo nos servos de Deus.

Moisés disse a Israel que este óleo tinha de ser permanente (31);

nunca deveria ser usado na **carne do homem** (32), ou seja, para propósitos comuns; e sua fórmula nunca deveria ser copiada. Haveria uma maldição em quem fizesse um óleo santo **como este**, ou o aplicasse impropriamente (33).

O Espírito Santo é muito semelhante a esta combinação de substâncias odoríferas e óleo! Ele perfuma e cura a alma ungida; toma santo todos que o recebem; não pode ser falsificado e quem procura substituí-lo cai na condenação de Deus; não é dado ao mundo, mas a quem é redimido pelo sangue de Cristo; e sempre é o mesmo.

e) *O incenso santo* (30.34-38). O incenso que seria queimado no altar de incenso tinha um perfume especial. As especiarias usadas, quando corretamente misturadas, formariam um **perfume** (35) na forma de substância sólida; assim, as porções seriam quebradas para serem queimadas no altar.⁴² **Um perfume segundo a arte do perfumista** seria “um incenso misturado pelo perfumista” (RSV). O incenso era oferecido no altar onde Deus se encontrava com o sacerdote (36) e, por isso, tinha de ser considerado **coisa santíssima**. Não se deveria fazer cópia exata do **incenso** (37), porque era santo **para o SENHOR**. Todo aquele que reproduzisse a composição exclusiva seria **extirpado** de Israel (38).

O odor deste incenso ardente servia para lembrar os sacerdotes e o povo que eles tinham se dedicado a Deus e que Deus os aceitara.

“A Vida Entregue a Deus” é: 1) Formada conforme o desejo de Deus, 34,35; 2) Quebrada para ser queimada, 36a; 3) Santificada com a presença de Deus, 36b.

10. *A Nomeação de Bezalel e Aoliabe* (31.1-11)

Para fazer com precisão os muitos detalhes exigidos na construção do Tabernáculo e de todas as suas mobílias e acessórios, Moisés precisava de trabalhadores especializados. Deus não ia produzir este lugar de adoração mediante um ato milagroso do seu poder, mas por meio de homens capacitados para o trabalho; esta era tarefa que seus filhos podiam e deviam fazer. Deus não faz para suas criaturas o que

elas podem fazer por si mesmas.

E apropriado reconhecer que Deus chama as pessoas de muitas maneiras. Já chamara **por nome a Bezalel (2)**, como também Moisés fora chamado. Agora esta designação é revelada a Moisés, que mais tarde informaria **Bezalel** e Israel dessa escolha (35.30—36.3). Deus chamou Moisés diretamente, mas estes homens, até onde sabemos, foram chamados por Moisés sem receberem palavra direta de Deus. Embora Deus escolhesse por nome a Bezalel e **Aoliabe (6)**, logicamente coube a Moisés nomear muitas outras pessoas para o trabalho. E inspirador ser **chamado por nome** direta ou indiretamente por Deus, mas também é importante ser nomeado por quem Deus autoriza a escolher obreiros.

O Espírito Santo de Deus seleciona e unge certas pessoas para o trabalho espiritual do seu Reino, como pregar ou ensinar. Deus também escolhe, capacita e dirige seus servos no empreendimento e feitura das coisas materiais. Bezalel e seu assistente, Aoliabe, foram chamados para dar beleza às formas materiais do Tabernáculo. Para esta tarefa, houve o enchimento do **Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência em todo artifício (3)**. Os homens aqui foram nomeados por Deus para fazer trabalhos artísticos com **ouro, prata, cobre (bronze), madeira, pano e pedras (4,5)**. Eles seguiriam as instruções detalhadas dadas a Moisés (7-11), **conforme tudo que te tenho mandado (11)**. Estes homens usariam sua perícia e orientariam os outros — **todo aquele que é sábio de coração (6)** — no desempenho desta parte da obra de Deus.

Sabedoria denota “alcance de mente e força de capacidade”; é o “poder de julgar” a melhor coisa a fazer. **Entendimento** é a capacidade de compreender as partes diferentes de um trabalho e sua forma completa. **Ciência** indica o conhecimento de materiais pela prática e experiência.⁴³ A habilidade de fazer coisas bonitas e úteis é um dom de Deus. Neste texto, estão em vista a capacitação natural que pode ser treinada e aperfeiçoada e o dom da graça recebido pelo Espírito Santo. Os dons do Espírito são em grande parte estas capacitações naturais dedicadas a Deus e inspiradas pelo Espírito.

Estes dons são achados nas expressões vocais e no intelecto, mas também em trabalhos manuais e na percepção visual.

E verdade que as habilidades naturais dadas por Deus podem ser deturpadas. Muitos rejeitam as obras artísticas por causa da depravação comum neste tipo de habilidade. Contudo, em todas as habilidades, o talento verdadeiro e divino deve ser distinguido do talento falso e humanístico. Deus ama a beleza, e criou muitas coisas bonitas para o prazer dos homens; dotou suas criaturas com a faculdade de criar beleza, e vemos aqui o produto do trabalho manual de Deus.

Os cristãos não devem viver para este mundo no sentido de ficarem presos às coisas temporais, esquecendo-se das eternas. Nas expressões artísticas, seja na arquitetura, pintura, música ou mecânica, o reconhecimento do lado eterno obsta a secularização e, assim, valoriza o tempo e a eternidade. O homem que trabalha em máquinas pode tornar-se escravo da máquina, mas esta condição é evitada se ele vir em seu trabalho a criação do Espírito de Deus pelas aptidões que possui. É possível que o homem moderno se destrua com seu gênio científico, porque, infelizmente, os controles dos produtos da ciência caem nas mãos de homens maus. Mas os cristãos devem se esforçar para usar as habilidades científicas para a glória de Deus.

É possível dedicar as habilidades pessoais a Deus para serem usadas diretamente na obra do Senhor, na melhoria da sociedade ou no ganho de meios para sustentar a causa de Cristo.

11. *A Observância do Sábado* (31.12-17)

Nesta passagem, há um retorno à importância de Israel cumprir todas as exigências relativas ao sábado santo. Não está muito claro por que o assunto é tratado novamente neste ponto do registro bíblico. Talvez, com as novas instruções sobre o Tabernáculo, houvesse o temor de Israel esquecer as declarações anteriores concernentes aos dias santos. Estes versículos apresentam dois aspectos novos pertinentes ao sábado.

Deus dissera a Moisés que o sábado era um **sinal** (17; cf. 13) **entre mim e os filhos de Israel**. O primeiro sinal dado a Israel foi a circuncisão; agora, Deus adiciona o **sinal** do sábado como marca distintiva do seu povo. Este sinal do sábado distinguia Israel das outras nações mais que a circuncisão, porque “nenhuma outra nação jamais o adotou. Persistiu nos tempos romanos a marca e insígnia do judeu”.⁴⁴ Tornou-se um “vínculo sacramental” entre Israel e Deus. **Nas vossas gerações** (13; cf. 16) significa “por todos os séculos” (Moffatt; cf. NTLH).

Este texto declara que a contaminação do sábado seria punível com a morte (14,15). Pode parecer drástico para as pessoas dos dias de hoje, mas o concerto de Israel com Deus era exclusivo. O sábado fazia parte desse concerto e seu sinal. Todo aquele que quebrasse o sábado cometeria infração do mais sério caráter e, no que lhe dizia respeito, acabava completamente com o concerto entre Deus e Israel. A pessoa que assim anulasse o concerto seria **extirpada do meio do seu povo** (14), quer dizer, separada ou excomungada do meio dele. O indivíduo perderia o direito de viver como filho de Deus.

“Devemos destacar que esta observância externa, junto com outros sinais exteriores, como a circuncisão, as leis dietéticas, etc., são especificamente traduzidas para o Novo Testamento em evidências internas e espirituais do discipulado (cf. Rm 2.28,29; Gl 4.9,10; Cl 2.16,17.”⁴⁵ A prática do sábado cristão, o domingo, é de natureza espiritual e é lei escrita no coração. Trata-se de um dia para descanso e recomposição de forças, como era o sábado para Israel (17).

12. As Tábuas do Testemunho (31.18)

Como conclusão à experiência vivida no monte durante os quarenta dias, Deus deu a Moisés **duas tábuas do Testemunho**, feitas de **pedra e escritas pelo dedo de Deus**. Estas foram as tábuas mencionadas quando Deus pediu que Moisés subisse ao monte (24.12); tinham de ser colocadas na arca (25.16); foram estas tábuas de pedra que Moisés quebrou cheio de raiva (32.19). Depois, Deus fez outras (34.4) e Moisés as colocou na arca (40.20). Estas são as tábuas que davam significação ao Tabernáculo.

Nestas tábuas, o Decálogo foi inscrito **pelo dedo de Deus**. Com esta expressão, não devemos entender “uma mão literal, mas um poder divino invisível” (cf. Lc 11.20).⁴⁶ Desconhecemos o método que Deus usou para produzir estas tábuas.

B. A Quebra e a Restauração do Concerto, 32.1—34.35

Os capítulos 32 a 34 registram a apostasia de Israel enquanto Moisés estava no monte; também narram o resultante castigo e a subsequente restauração. O relato tem seqüência natural neste momento crítico do registro e só pode ser entendido neste contexto. Considerar este trecho inserção posterior cria mais problemas que resolve.

1. A Idolatria de Israel (32.1-6)

O povo ficou inquieto quando o líder visível permaneceu no monte durante os quarenta dias (1; cf. 24.18). A insatisfação a esse respeito levou os israelitas a se juntarem em grupo para fazer um pedido especial a **Arão**, em cujas mãos foram deixados. **Levanta-te**, disseram, **faze-nos deuses que vão adiante de nós**. A palavra **deuses** é normalmente traduzida por Deus. O pedido não significava necessariamente que estes indivíduos estivessem rejeitando Jeová; queriam uma forma visível entre eles que representasse Deus. Moisés, que fora como Deus para eles, desaparecera e a paciência para esperar a volta do líder acabara.

A reação de Arão ao pedido sugere esforço em evitar a calamidade. Ao pedir que arrancassem os **pendentes de ouro** (2) e lhos trouxesse, talvez Arão contasse com a recusa deles.⁴⁷ Não é fácil mulheres e crianças abrirem mão de seus ornamentos, e essa resistência teria protelado o pedido que fizeram.

Se Arão esperava oposição ao pedido, logo ficou desapontado, porque **todo o povo arrancou os pendentes de ouro que estavam nas suas orelhas** (3) e lhos deu. O coração carnal não mede sacrifícios para satisfazer seus desejos pecaminosos.

Levando em conta que Arão começara concordando com este pedido perverso, não havia mais como parar. **Tomou** os presentes de ouro e **formou** um deus para o povo (4). Na situação em que poderia ter se mostrado líder capaz, Arão falhou miseravelmente.

A maioria das imagens antigas era feita de madeira e banhada a ouro.⁴⁸ Este ídolo tinha forma de **bezerro**, ou touro de pouca idade, formato comum entre os egípcios, que representava fertilidade e força. Ou, como sugere Rawlinson, Arão retrocedeu aos “deuses [...] dalém do rio” (Js 24.14), encontrados na Babilônia, pensando que esta seria representação mais segura do Deus de Israel.⁴⁹ Quando o bezerro ficou pronto, as pessoas disseram: **Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito (4)**. Como é fácil o coração carnal se afastar da verdadeira adoração de Deus!

Quando **Arão** notou a que ponto as pessoas estavam indo, parece que tentou controlá-las erigindo um **altar** diante da imagem e proclamando uma **festa ao SENHOR (5)**. Talvez quisesse conservar alguma semelhança com a adoração de Deus mantendo o nome *Yahweh* no festival. Este ato lembra os esforços de conservar uma forma de piedade sem ter seu poder (2 Tm 3.5) e o sincretismo que há em grande parte do cristianismo nominal.

Qualquer que tenha sido a intenção de Arão, fracassou lamentavelmente em reter a adoração aceitável a Deus. O povo se entregou a um excesso emocional que o levou à idolatria e apostasia. Levantou-se de madrugada e **assentou-se a comer e a beber; e depois a folgar (6)**. Embora comer e beber na adoração fizessem parte do plano de Deus, neste caso não havia adoração espiritual — somente a satisfação dos desejos pecaminosos da carne. “Deram rédeas às paixões no ‘folgar’, a subsequente dança orgíaca que quase sempre acompanhava os ritos idólatras. Ver também o versículo 25 e 1 Coríntios 10.6,7.”^{so}

Identificamos “Os Passos para a Apostasia” em: 1) A impaciência com a providência de Deus, Ia; 2) O desejo de sinais visíveis na adoração, Ib-4; 3) A transigência com as verdadeiras formas de adoração, 5; 4) A

entrega a paixões carnavais, 6.

2. Moisés fica sabendo do Pecado de Israel (32.7-14)

a) *A avaliação e ameaça de Deus (32.7-10)*. Moisés teria voltado ao acampamento totalmente desinformado da idolatria de Israel não tivesse Deus lhe falado. Foi ato de misericórdia revelar esta tragédia a Moisés antes de descer do monte. Deus também usou esta oportunidade para provar a fé e a coragem do seu servo.

Deus disse a Moisés: **Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir do Egito, pecou (7)**. Este linguajar dá a impressão que Deus renuncia a este povo e reputa Moisés líder e libertador dessa gente. O pecado sempre nos separa de Deus, embora o Senhor nunca esteja disposto a nos deixar de pronto. Na posição de Moisés, a atitude mais fácil a tomar era negar maiores responsabilidades por este povo, mas as experiências nos últimos meses fizeram algo neste homem. Ele não era líder de Israel por escolha própria e muitas vezes se sentira impotente diante de seguidores rebeldes. Só por Deus ele chegara a este ponto, e o Deus que o levara até ali não ia falhar nesse momento crucial.

A avaliação que Deus fez desta multidão perversa é clara: O povo se corrompeu (7); depressa se desviou e colocou um bezerro no lugar de Deus (8); era obstinado (9; “de dura cerviz”, ARA); Ele estava muito irado com o povo (10). “De dura cerviz” (9, ARA) é expressão aplicada a cavalo ou boi rebelde que não se deixa ser controlado por rédeas. Israel se recusara a obedecer ao concerto que fizera com Deus.

Este provavelmente foi o maior teste que Moisés teve que suportar. **Deixa-me**, Deus disse, que eu **os consuma; e eu farei de ti uma grande nação** (10). Não há como negar que seria justo Deus tomar esta providência; é óbvio que Ele teria cumprido a ameaça se Moisés não tivesse intercedido. Deus conhecia seu servo, sabia que ele passaria no teste e que se tornaria mediador. Moisés viu a realidade da ira de Deus, rejeitou a oportunidade de glória egoísta e suplicou pelo povo e pela glória de Deus.

b) *A oração prevalecente* (32.11-14). Moisés respondeu às palavras de Deus insistindo que este era o **povo** que Deus tirara da **terra do Egito** (11). O servo do Senhor estava disposto a aceitar sua parcela pessoal na libertação do Egito, mas ele sabia que fora Deus quem realmente exercera **grande força** e **mão forte**. Destruir este povo agora desgraçaria Deus aos olhos dos **egípcios** (12), dando a entender que ele agira com má intenção. Toda a glória passada que fora obtida no conceito dos egípcios seria perdida, se Deus, num acesso de raiva, consumisse o povo.

Com coragem que só poderia vir de uma fé robusta, Moisés rogou: **Toma-te da ira do teu furor e arrepende-te deste mal contra o teu povo**. Pediu, também, que Deus se lembrasse das promessas feitas aos patriarcas, a quem, pelo seu nome, jurara dar a **terra** da promessa **eternamente** (13). Nesta defesa perante Deus, há três argumentos para o Senhor não exterminar o povo. Este procedimento: 1) Anularia as vitórias anteriores; 2) daria aos egípcios ocasião para se gloriarem; 3) quebraria a promessa feita a Abraão. Todos estes argumentos foram apelos fundamentados na glória de Deus — com certeza um verdadeiro exemplo de oração intercessora.

Deus se agradou da intercessão de Moisés; Ele pôs de lado a ameaça. O verbo **arrependeu-se** (14) é usado como expressão antropomorfa para descrever a mudança de ação de Deus em relação aos israelitas, visto que ocorreria uma mudança neles. O propósito eterno de Deus nunca muda, mas Ele se digna em trabalhar com os homens em suas maneiras inconstantes de ação, e este trabalho é descrito na linguagem dos procedimentos humanos. O arrependimento também transmite a idéia de dor no coração de Deus no caso da destruição do seu povo.⁵¹ Quando ira santa se manifesta junto com amor santo, a combinação da ira com o sofrimento do amor ocasiona a oferta de misericórdia. Este seria o tipo de arrependimento segundo Deus especialmente revelado na expiação em Cristo. Esta mesma qualidade pode ser sentida por pais cristãos quando descobrem o amor dolorido vencendo a raiva e mostrando misericórdia a um filho que se rebela contra eles e comete pecado voluntarioso.

Os versículos 7 a 14 pincelam um retrato de “O Verdadeiro Intercessor”. 1) Reconhece a ameaça da ira de Deus, 7-lla; 2) Roga pela glória de Deus, llb-13; 3) Recebe resposta do coração de Deus, 14.

3. Moisés Confronta os Israelitas Pecadores (32.15-24)

a) *As tábuas do testemunho são quebradas (32.15-19).* Neste momento, há um foco nas **tábuas** (15) de pedra que dá significação ao ato de Moisés quebrá-las. Por conterem os Dez Mandamentos, as tábuas representavam o cerne da lei; por haverem sido escritas na **pedra, de ambas as bandas**, retratam a permanência e completude; por serem **obra de Deus** e a **escritura** ser a **mesma escritura de Deus** (16), emprestavam-lhes autoridade e perfeição. As tábuas eram a essência do concerto entre Israel e Deus e seriam colocadas no santuário mais sagrado. Foram lavradas de modo sobrenatural e dadas a Moisés para apresentá-las a Israel.

Josué (17) deve ter ficado em um lugar no monte onde esperava o retorno de Moisés. Nada sabia sobre o pecado de Israel, mas ouvira o barulho do acampamento e pensara se tratar de **alarido de guerra**. Moisés respondeu que não era **alarido dos vitoriosos** (vitória) ou **alarido dos vencidos** (derrota). Era **alarido dos que cantam (18)**, talvez um clamor de vozes ou gritaria que a essa distância era ambíguo.⁶² Neste momento, Moisés não disse a Josué que sabia o que se passava no acampamento.

Quando Moisés chegou ao **arraial** e viu pessoalmente o pecado do povo — o **bezerro** e as **danças** — sua raiva **acendeu-se (19)** e ele quebrou as tábuas **ao pé do monte**. Quando o relato deste mal foi indireto, Moisés teve compaixão e suplicou pela moderação da ira de Deus (11). Quando viu pessoalmente o mal do povo, sentiu a mesma ira que Deus expressara (10). Não devemos supor que a raiva de Moisés era paixão desenfreada. Para aquele cujo coração é puro, sempre há a consciência da infâmia terrível que o pecado ocasiona em Deus. Os santos têm emoções profundas da ira santa contra a perversidade.

Mas a ira santa tem de ser abrandada com compaixão amorosa. Moisés tinha em mãos a própria lei que condenava à morte este povo rebelde. Se a punição da lei fosse implementada imediatamente, Israel teria de morrer. O povo quebrara a lei. Enquanto estava diante dos israelitas e observava a lascívia que faziam, Moisés ergueu a lei acima da cabeça e, provavelmente à vista de todos, lançou as tábuas ao chão com força e ímpeto. Ele lhes trouxera algo de que eram indignos. Estavam totalmente desqualificados para receber este dom de Deus.⁵³ Ou as tábuas tinham de ser quebradas ou o povo tinha de ser destruído. Moisés quebrou as tábuas.

Não há indicação neste trecho ou em outro lugar da Bíblia que Moisés tenha sido censurado por praticar este ato. O que ele fez aqui em um momento deve ter deixado impressão duradoura. Sua ação declarava a ira e a misericórdia de Deus. O concerto de Israel fora quebrado; a prova jazia aos pés de Moisés, como também estava no procedimento das pessoas. Se Deus fosse continuar presente com Israel, tinha de ser por misericórdia e pela renovação do concerto.

b) *A imagem e Arão* (32.20-24). Moisés deu cabo do ídolo rapidamente; **queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó**, depois espalhou as cinzas e o pó sobre a água potável, e forçou o povo a beber (20). O interior do ídolo era de madeira que queimou e a placa de ouro foi reduzida a pó.⁵⁴ Assim o povo teve de sofrer pelo pecado cometido.

Em seguida, Moisés pediu explicações a **Arão** (21). Este colocou a culpa no povo, dizendo: **Este povo é inclinado ao mal** (22, “maldade, ruindade”). Os israelitas estavam determinados a fazer as coisas a seu modo e Arão concordou com eles. Falou que pegou o ouro que recebeu deles, colocou-o no fogo e **saiu este bezerro** (24). Dá a impressão de que Arão estava querendo dizer que houvera um milagre.⁵⁵

Como é fácil os líderes religiosos procederem como Arão! Antes de agirem, sondam meticulosamente a opinião pública. Pensam que é imprudente ser muito rígidos. Julgam necessário tolerar as fraquezas carnavais e concordar com as tendências atuais. Acreditam que não se pode ter sucesso, a menos que se acompanhe a multidão; para eles, é melhor abrir mão da verdade exarada na Bíblia do que perder a influência sobre as pessoas. Assim, consentem tacitamente com a introdução lenta do mundanismo na esperança de que permaneça alguma semelhança com os princípios cristãos. O que dirão no dia do acerto de contas?

4. *O Castigo dos Idólatras* (32.25-29)

Embora Deus tivesse misericórdia do povo por causa da intercessão de Moisés (14), esta graça só seria concedida a quem se arrependesse. Alguns ainda permaneciam rebeldes. **Despido (25)** é mais bem traduzido por “desenfreado” (ARA) ou “completamente sem controle” (NTLH). Eles estavam desonrando Deus aos olhos dos inimigos de Israel — provavelmente ainda havia amalequitas pelas redondezas. Assim, Moisés fez a proclamação: **Quem é do SENHOR, venha a mim (26)**. Em resposta, muitos dos filhos de Levi (a palavra hb. traduzida por **todos** não significa necessariamente todos os levitas sem exceção) se reuniram em volta de Moisés. Mais tarde, esta tribo foi separada como família sacerdotal; sua devoção a Deus se evidenciou publicamente neste ato.

Moisés ordenou que estes levitas empunhassem as espadas, passassem **pelo arraial de porta em porta** e matassem, se necessário, **irmãos, amigos** e vizinhos (27). Pelo visto, alguns levitas também tiveram de ser mortos. Entendemos que estas investidas

se abateram sobre os rebeldes que se recusaram a se submeter a Moisés e ao Senhor.⁵⁶ **Três mil homens** (28) morreram até que a ordem foi restaurada.

Este ato de obediência por parte dos levitas os consagrou a Deus. “Hoje vocês se consagraram ao [serviço do] SENHOR” (29, NVI). A **bênção** que receberam foi o fato de terem sido escolhidos como a tribo dedicada ao serviço de Deus (Nm 3.6-13).⁵⁷ Nesta ocasião, Deus usou esses escolhidos para cumprir a tarefa sacerdotal de executar os julgamentos divinos. Seus ministros devem ser resolutos na justiça bem como abastados na misericórdia. Arão fracassara neste ponto.

5. *A Intercessão de Moisés pelo Israel Pecador (32.30-35)*

A primeira intercessão de Moisés por Israel (11-14) foi uma súplica a Deus para poupar os israelitas da destruição imediata, por causa da ardente ira divina contra eles. Ele fora bem-sucedido no intento; Israel como nação fora poupado, e a idolatria, destruída. Os rebeldes foram mortos ou vencidos, mas as tábuas contendo a lei foram quebradas; o concerto já não existia. Moisés tinha de achar um meio de voltar a uma relação de concerto com Deus.

Com um Israel penitente esperando o veredicto de Deus, **Moisés** lembrou o povo do **grande pecado** cometido (30). Depois, prometeu subir **ao SENHOR** para ver se haveria um meio de fazer **propiciação pelo pecado**. Moisés, na presença de Deus, confessou o **pecado** de Israel fazer **deuses de ouro** (31). Seu desejo era que o povo fosse restaurado ao favor de Deus pelo perdão divino: **Agora, pois, perdoa o seu pecado (32)**.⁶⁸ Se Deus não perdoasse o seu povo, Moisés pediu que ele fosse riscado **do teu livro, que tens escrito**. Neste versículo, *riscar* significa “cortar da comunhão com o Deus vivo, ou do reino daqueles que vivem na presença de Deus e entregar para a morte”.⁵⁹ O amor de Moisés pelos israelitas era tão grande que ele não se importava em viver, a menos que Deus os perdoasse. A expiação pelo pecado era o processo mais precioso que Moisés conhecia. Só Deus poderia realizar esse evento, e a base para o perdão universal estaria somente no dom de Deus manifestado em seu

Filho Jesus. Mas no coração de Moisés havia o amor que promove tal expiação, como também havia em Paulo (Rm **9.2,3**).

A resposta de Deus a Moisés foi que o indivíduo que pecar terá o nome riscado do **livro** (33). Moisés não poderia fazer expiação por Israel, mas o perdão está implícito no fato de Deus aprovar a permanência de Moisés na liderança do **povo** rumo à Terra Prometida (34). Deus fez a Moisés a mesma promessa de que o **Anjo** do Senhor iria diante do povo (23.20,23), com a diferença revelada em 33.2,3 de que o próprio Deus não os acompanharia. A pena pela quebra da lei não foi totalmente indultada, embora tenha sido modificada para Israel continuar existindo.

Identificamos nos versículos 31 a 34 “O Verdadeiro Intercessor”. 1) Confessa os pecados do povo, 31; 2) Busca perdão para o povo, 31a; 3) Oferece-se a favor do povo, 32b, 4) Recebe a resposta de Deus em prol do povo (33,34).

Embora Israel fosse perdoado e tivesse a permissão de permanecer como povo de Deus, certas penas permaneceram. A presença de Deus com eles seria mediada pelo **Anjo**, mesmo que houvesse um dia final de ajuste de contas. Quando **feriu o SENHOR o povo** (35), alguns sofreram imediatamente pelos pecados cometidos, talvez com calamidades entre eles. Quando pecamos, Deus nos perdoa por Cristo e nos restaura ao seu favor, mas certas conseqüências advêm como lembranças da lei quebrada. Devemos observar também que corações impenitentes não podem ser perdoados. Ainda que o castigo não venha de imediato, o dia do ajuste de contas virá.

“Intercessão” é o tema dos versículos 30 a 34.1) A necessidade de intercessão, 30; 2) O exemplo de intercessão, 31-33; 3) A recompensa da intercessão, 34 (G. B. Williamson).

6. O Arrependimento e a Reconciliação de Israel (33.1-23)

a) *A oferta de justiça moderada* (33.1-3). Deus disse a Moisés que levasse o povo à terra prometida **a Abraão, a Isaque e a Jacó** (1). Achou-se um meio pelo qual a promessa de Deus seria cumprida. O

anjo (2) de Deus expulsaria os inimigos, e a terra seria fecunda em **leite e mel** (3). O Senhor assegurou bênçãos materiais ao povo.

Entretanto, um importante aspecto da promessa anterior foi omitido. Embora promettesse enviar um **anjo**, Deus em pessoa não iria com o povo. Os israelitas eram obstinados e, se Deus os conduzisse, correriam o risco de ser fulminados pela ira divina. O Anjo mencionado em 23.20,23 tem de ser o Filho de Deus, pois era o próprio Deus que conduzia o povo sem intermediários. Aqui, o **anjo** era um ser que represen-

taria Deus apropriadamente, mas Deus em sua presença pessoal mais imediata estaria ausente.⁶⁰ Contudo, é possível que a última parte do versículo 3 fosse um aviso. A presença de arrependimento ocasionaria, mais tarde, a renovação da promessa da presença de Deus (14-17).

b) *O lamento de Israel* (33.4-6). Para os israelitas, esta era má notícia (4). Esta ameaça despertou neles a conscientização do que perderam. Eles se lembravam da coluna de nuvem (13.21), da deliberação de Deus quando necessária (15.25), da ajuda na batalha (17.8-13) e da presença próxima (13.22). As pessoas do mundo passam muito bem sem Deus, mas quem experimenta a presença divina sabe que não há como se dar bem sem Ele. Esta realidade trouxe a Deus muitos que tinham se afastado.

Quando nos damos conta do pecado e do vazio que ele traz, ficamos propensos a nos arrepender em pano de saco e cinzas. Deus ordenou que Israel tirasse os **atavios** (5; “jóias”, NTLH; “enfeites”, NVI) como sinal de arrependimento, mas a prontidão em obedecer se deu com a tristeza segundo Deus antes mesmo da ordem (4). Estes **atavios** “eram braceletes, pulseiras e, talvez, presilhas ou argolas usadas no tornozelo, as quais eram usadas pelos homens no Egito deste período”.⁶¹ Foram tirados como prova de obediência “desde o monte Horebe em diante” (6, ARA) e, mais tarde, empregados na construção do Tabernáculo (35.22).

c) *O encontro de Deus com Moisés* (33.7-11). **E tomou Moisés a tenda, e a estendeu para si fora do arraial, desviada longe do**

arraial, e chamou-lhe a tenda da congregação (7). Esta **tenda** era a tenda do próprio Moisés (ATA), onde ele se encontrava com Deus e aconselhava o povo.⁶² Depois do pecado da idolatria, Moisés colocou sua tenda fora do acampamento, porque Deus já não podia habitar entre o povo (3). A presença da tenda fora do acampamento lembrava Israel do pecado cometido. O povo tinha de sair do acampamento para consultar o Senhor.

Saindo Moisés à tenda (8) da congregação, **todo o povo** se colocava cada um à frente da porta de sua tenda e ficava olhando até Moisés entrar na tenda. Quando entrava, **descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta da tenda,** enquanto **o SENHOR falava com** ele (9). Visto que estavam arrependidos, os israelitas se levantaram e adoraram (10), enquanto Deus falava **face a face** com Moisés, como alguém que **fala com o seu amigo** (11). Quando Moisés retornava **ao arraial, Josué** permanecia nesta tenda, possível indicação prévia do favor a ser mostrado a Josué como sucessor de Moisés.

Aprendemos três grandes lições neste relato. 1) Deus sofre com o pecado dos seus filhos e, por causa disso, a presença divina se retira deles. O crente sente um vazio sempre que desobedece a Deus, entristecendo o Espírito Santo. Esta narrativa ou o teor do Novo Testamento não ensina uma restauração fácil e pronta ao favor de Deus (cf. 1 Co 5.1-5; 2 Co 7.6-13). 2) Mas os que se arrependem ainda podem, se desejarem, aproximar-se de Deus (Hb 13.13). Ali, podem ver a Presença divina e ouvir sua palavra. 3) Para aquele cujo coração é puro há comunhão face a face com Deus. O encontro de Moisés com Deus garante que todo o crente tem alegria jubilosa quando não há nada entre a alma e o Salvador.

Hoje, a igreja precisa recuperar este senso de temor e respeito pela presença santa de Deus. Não é raro as pessoas verem Deus como alguém que tolera o pecado, deixa passar as faltas e facilita o caminho de volta ao favor divino. Consideram o arrependimento um simples pedido de desculpas. Mas Deus sofre profundamente com o pecado; o Calvário é prova disso. O pecado livre hoje com a esperança de perdão fácil amanhã desconsidera a natureza santa de Deus e toma

por certo a misericórdia barata. O verdadeiro arrependimento é caro, mas é o único meio de chegar à fé e à presença redentora de Deus. O povo de Israel viu que estava custando muito a ele e a Deus para que a restauração fosse plena.

d) *A promessa da presença de Deus* (33.12-17). Estes versículos pintam a terceira vez que Moisés intercedeu pelo povo. Na primeira vez (32.11-14), ele obteve a moderação da ira de Deus sobre o povo. Na segunda vez (32.30-35), obteve o perdão para os israelitas e uma promessa modificada de levá-los a Canaã. Desta vez, Moisés recebeu a garantia da plena restauração dos filhos de Israel ao favor de Deus e do restabelecimento total da presença de Deus com eles.

Moisés sabia que Deus renovara a ordem para ele fazer **subir a este povo** (12) a Canaã; também sabia que Deus o favorecera com **graça** pessoal. Todavia, estava confuso quanto ao modo ou com **quem** seria feita a viagem. Rogou uma revelação do **teu caminho** (13), de forma que conhecesse Deus ainda com mais clareza e nitidez e encontrasse **graça** aos **olhos** divinos. Moisés não era espiritualmente egoísta; não estava pedindo a bênção de Deus somente por prazer pessoal. Assim, acrescentou: **Atenta que esta nação é o teu povo**; sentia-se inadequado para conduzir o povo sem a garantia de que Deus iria com ele.

Na verdade, Moisés não queria conduzir o povo a menos que Deus estivesse com eles: **Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui** (15). Esta presença de Deus em sua plenitude demonstraria que Moisés e o **povo** foram totalmente restaurados à **graça** (16), e seria a verdadeira marca de supremacia entre as nações. A única justificativa para a existência de Israel como nação era ser inteiramente do Senhor. Quando a igreja perde a plenitude do Espírito de Deus, ela deixa de ser diferente como instrumento de Deus.

As súplicas de Moisés prevaleceram. Deus afirmou: **Irá a minha presença contigo para te fazer descansar** (14). Que garantia esplendorosa! O espírito intranquilo de Moisés suplicara que Deus poupasse o povo. Ele quebrara as tábuas de pedra, destruíra o ídolo e

dirigira a execução dos transgressores; contudo, não descansou até que lhe fosse garantido que a graça de Deus seria completamente restabelecida ao povo. Os servos de Deus não conseguem ter paz até que saibam que Ele respondeu as orações. Quando responde e a presença divina é certeza, há grande tranquilidade.

Deus condescende em responder o clamor do homem. Declarou a Moisés: **Farei também isto, que tens dito** (17). Há coisas que Deus faz porque os crentes oram, caso contrário, ele não faria. A integridade pessoal do intercessor é vital; Deus acrescentou: **Porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome**. Quem suplica a Deus deve ser o primeiro a se certificar se tem uma relação certa com Deus. “A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg 5.16).

Identificamos “A Presença Divina” nos versículos 1 a 17. 1) E sujeita à provocação, 1-6; 2) Honra a separação, 7-11; 3) Responde a intercessão, 12,13,15,16; 4) Concede a restauração, 14,17.

e) *O pedido de Moisés para ver a glória de Deus* (33.18-23). A maioria dos crentes se satisfaz com a experiência da presença de Deus com muito menos que Moisés. Eis um homem a quem Deus dera mais que a qualquer outro, e ainda queria mais. Quanto mais perto nos aproximamos do céu, mais do céu queremos; quanto mais experimentamos de Deus, mais de Deus queremos. Moisés implorou: **Rogo-te que me mostres a tua glória** (18). “A glória de Deus se manifesta na mente mortal pelas evidências de sua bondade. Contudo, esta revelação a Moisés foi — de certo modo incompreensível por nós que não a vimos — uma visão direta da bondade divina não turbada pelas limitações de suas manifestações habituais através das formas terrenas.”⁶³ “O que Moisés desejava era uma visão da glória ou do ser essencial de Deus, sem qualquer figura e sem véu.”⁶⁴ Tratava-se de pedido ousado.

Deus prometeu a Moisés concessão parcial da petição. **Toda** a sua **bondade** (19) passaria **por diante** de Moisés. A ira de Deus arrefecera e suas ameaças foram postas de lado. Ele estava pronto para revelar sua grande misericórdia e compaixão àqueles que,

embora indignos, experimentariam sua graça. A proclamação do **nome do SENHOR** era anúncio de compaixão, clemência, longanimidade, misericórdia e fidelidade (cf. 34.6, ARA).

O Senhor disse a Moisés que ele não podia ver a **face** de Deus e viver **(20)**. Só no mundo vindouro poderemos ter totalmente a visão beatífica. Moisés tinha de se satisfazer, enquanto fosse mortal, com algo menos que desejava. Por ora, não nos é permitido alcançar e possuir tudo que nos espera no futuro. Mas naquele dia “veremos face a face” **(1 Co 13.12)**.

Deus prenunciou a teofania (a manifestação visível de si mesmo) a Moisés, que mais tarde a veria (cf. 34.5-7). Deus prometeu colocá-lo **sobre a penha** (21) e sua glória passaria. Quando acontecesse isso, Deus cobriria Moisés **com a mão** (22) enquanto Ele passasse, mas retiraria a mão para que Moisés o visse pelas costas (23). Desta forma, Moisés veria “o reflexo do resplendor que Ele deixaria atrás de si, mas que, ao mesmo tempo, indicaria palidamente o que seria a plena magnificência da sua presença”.⁶⁵ Para esta experiência, a linguagem humana seria inadequada, como se deu com Paulo quando foi levado ao “terceiro céu” (2 Co 12.2). Os filhos de Deus que têm coração puro recebem visões de Deus que são enigmas para a mente mundana e incompreensíveis para o coração carnal. Mas para os santos em Cristo estas visões trazem o céu à terra, ao mesmo tempo que ainda arde neles o desejo de ver as glórias do céu.

7. A Volta para o Monte (34.1-9)

a) *As segundas tábuas de pedra* (34.1-4). Com a restauração dos filhos de Israel ao favor divino, Deus os aceitou como tendo renovado a parte que lhes cabia no concerto.⁶⁶ Ainda restava Deus renovar sua parte escrevendo novamente a lei em outras tábuas de pedra. A lei quebrada tinha de ser restaurada. Moisés precisava subir outra vez o monte, receber a lei e voltar ao povo. Quando pecamos contra Deus, é necessário que as primeiras obras sejam feitas de novo (Ap 2.5). Temos de dedicar tempo para restabelecer os que se desviaram. É desastroso que ocorram transgressões na igreja que perturbam a paz e o testemunho. Mas quando ocorrem, faz-se necessária a restauração

antes que se dêem outras melhorias.

Deus mandou que Moisés talhasse **duas tábuas de pedra**, nas quais Deus anunciou que escreveria **as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas (1)**.

Moisés tinha de fazer as pedras, mas Deus faria a escritura. Na primeira ocasião, Deus fizera as pedras e a escritura (32.16), mas agora Ele exigiu que Moisés fizesse uma parte. Não se tratava de castigo por Moisés ter quebrado as pedras; mas indica que o caminho de volta a Deus, depois da transgressão, requer mais para o crente que peca do que para o pecador inconverso.

Desta vez, Moisés tinha de subir o monte sozinho **(3)**; todos os outros deviam permanecer no acampamento. Embora breves, as instruções para Israel foram as mesmas que as anteriores **(19.12,13)**. Moisés foi cuidadoso em seguir as instruções explícitas de Deus. Fez as **tábuas de pedra (4)** e, **pela manhã de madrugada, subiu ao monte** como Deus lhe ordenara.

b) *A visão de Deus (34.5-9)*. Deus cumpre sua promessa de se revelar: **O SENHOR desceu numa nuvem (5)**. Os homens dos dias de hoje depreciam a linguagem bíblica de um Deus que “sobe”, “desce” ou “sobe numa nuvem”; mas estas frases antropomorfas retêm um conceito de Deus que é mais seguro e mais significativo que reduzi-lo a uma abstração como o “ground of being” (o “fundamento do ser”) ou a “inferência inevitável”. Embora esteja óbvio nesta aparição a Moisés que a realidade de Deus foi um tanto quanto evasiva, contudo a experiência foi dramática e real. **O nome do SENHOR** foi proclamado de maneira inédita **(5)**; este nome era *Yahweh, Yahweh Elohim (JEOVÁ, o SENHOR, Deus)*. **O nome do SENHOR** era indicação de sua natureza. Ele se revelou como **misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade (6)**. Deus acabara de mostrar que **guarda a beneficência** (misericórdia, ARA) **em milhares de Israel, que perdoa a iniquidade, e a transgressão, e o pecado (7)**.

Iniquidade transmite a idéia de “pecados cometidos por disposição

perversa”; **transgressão** é “rebelião contra Deus”. A palavra original para aludir a **pecado** significa “errar o alvo”; e “no Antigo Testamento, [é] a palavra mais geral para se referir a pecado”.⁶⁷ A **beneficência** (7; “misericórdia”, ARA) de Deus é vasta, abrangendo todo o mal da raça humana. É interessante assinalar que aqui a misericórdia é proclamada em primeiro lugar e, em seguida, ocorre um aviso para ninguém presumir que Deus tolera a iniquidade (cf. 20.5,6). Deus não pode e não perdoará os impenitentes que persistem no pecado. Embora o Senhor seja grande em misericórdia, os ímpios serão destruídos, mesmo que tenham experimentado uma vez a graça de Deus (cf. Hb 6.4-6).

Para quem pediu uma visão direta de Deus, esta experiência de ver somente as costas de Deus (33.23) trouxe humildade: **Moisés apressou-se, e inclinou a cabeça à terra, e encurvou-se** (8). Não em vã repetição, mas com desejo forte e urgente, Moisés orou: **Senhor... vá agora... no meio de nós... perdoa a nossa iniquidade e... toma-nos pela tua herança** (9).

O tema dos versículos 1 a 8 é “As Tábuas de Pedra”. 1) Os mandamentos são permanentes, 1; 2) Os mandamentos são benevolentes, 5-7; 3) Os mandamentos são transcendentais, 8 (G. B. Williamson).

8. *A Renovação do Concerto* (34.10-28)

a) *A promessa de Deus* (34.10,11). Deus renova com Moisés formalmente o concerto quebrado. Prometeu conduzir Israel fazendo **maravilhas** (10), que seriam maiores aos olhos do povo que qualquer coisa jamais feita. Ele as chamou **coisa terrível é o que faço contigo**. “O que estou a ponto de fazer com vocês inspira terror” (VBB). O Senhor expulsaria os inimigos da terra da promessa (11). As **maravilhas** se cumpriram mais tarde em ocorrências como a queda dos muros de Jerico (Js 6.20) e a matança dos inimigos com chuva de pedra (Js 10.11). Ainda que Moisés não tenha vivido para ver estas vitórias, a promessa de Deus cumpriu-se para seu povo.

b) *O aviso contra a idolatria* (34.12-16). O mal de formar alianças

com os povos da Terra Prometida era uma possibilidade real. Os israelitas tinham de se guardar **(12)** e não fazer **concerto com os moradores**, porque este procedimento seria um **laço** para eles. Para se proteger, Israel tinha de derrubar os **altares**, quebrar as **estátuas** e cortar os **bosques (13)**. Não deviam permitir que continuassem existindo. As **estátuas** (“colunas”, ARA) e os **bosques** (“postes-ídolos”, ARA) eram objetos de culto erigidos para a adoração de deuses e deusas da mitologia cananéia. Estavam ligados com o culto a Baal, e foram “introduzidos em Israel pela fenícia Jezabel **(1 Rs 18.19)**”.⁶⁸ “Ritos grotescamente imorais eram praticados com relação às colunas e bosques, e estas foram fonte contínua de tentação para os israelitas até o exílio.”⁶⁹

Acerca da declaração de que Deus é **zeloso** (14), ver nota em 20.5. Todo **concerto com os moradores da terra** (15) levaria Israel a se unir com eles em festas a ídolos e casamentos entre si, resultando em apostasia e idolatria (16). Casar-se com alguém ligado a uma falsa religião é o caminho mais rápido para a desobediência. Os **filhos** se prostituem segundo os **deuses** das esposas. A idolatria, quer pagã ou da atualidade, é forma de adultério espiritual. A pessoa é infiel ao compromisso com Deus, quando o coração busca seguir os deuses deste mundo.

Em nossa sociedade, é quase impossível salvar nossos filhos da exposição a essas tentações. Colocadas juntas em escolas públicas e atividades comunitárias, as crianças cristãs são sujeitas diariamente a estas seduições. Nossa única esperança é a instilação de coragem e fé que resistirão ao engodo de “ídolos” mundanos e casamentos com não-crentes. Quando ocorrem alianças erradas e outros erros em nossa família, há o recurso à graça redentora de Deus e ao poder da oração intercessora pelo Espírito Santo.

c) *Várias proibições* (34.17-26). Muitas destas proibições são repetições de ordens anteriores. O recente pecado de Israel tomou imperativa a repetição do mandamento de não fazer **deuses de fundição** (17). As instruções encontradas nos versículos 18 a 20 são analisadas em 12.14-20; 13.3-13; e 23.15. O mandamento sobre o

sábado (21; ver comentários em 23.12) acrescenta a necessidade de observar o dia santo **na aradura e na sega**. Os israelitas deviam resistir à tentação de, no dia de Deus, arar quando ameaçava chover ou de colher quando a colheita estava madura. Era fácil então, como é hoje, justificar o trabalho quando havia obrigações a cumprir.⁷⁰

Para verificar a análise dos dizeres dos versículos 22 e 23, ver comentários em 23.16,17. No versículo 24, os filhos de Israel recebem a promessa de amplificação de fronteiras (**termo**; “território”, **ARA**) pela obediência e, quando comparecessem às festas anuais, livramento de ataques estrangeiros à **terra**. Comentários sobre as instruções dadas nos versículos 25 e 26 são achados em 23.18,19.

d) *A finalização do concerto* (34.27,28). Deus disse a Moisés: **Escreve estas palavras** (27) — as palavras que Deus acabara de lhe dizer (10-26). **Conforme o teor destas palavras** significa “com base nestas palavras” (Smith-Goodspeed; cf. NTLH). Estes acordos renovaram o concerto do Senhor com o povo. Clarke supunha que o procedimento incluía uma cópia das tábuas de pedra para Israel, visto que as originais seriam colocadas na arca.⁷¹ Em todo caso, foi Deus que escreveu os **dez mandamentos** nas duas **tábuas** (28; o pronome oculto *ele* [**escreveu**] deve ser entendido como referência a Deus; ver v. 1), e Moisés escreveu o restante do concerto. O servo do Senhor ficou no monte **quarenta dias e quarenta noites**, como da primeira vez, e jejuou em ambas as ocasiões (cf. 24.18; Dt 9.9). Deus lhe deu força especial para fazer estes jejuns.

9. *O Brilho do Rosto de Moisés* (34.29-35)

Os israelitas constataram um fato incomum quando **Moisés** desceu **do monte**. Ele **não sabia**, mas a **pele do seu rosto resplandecia** (29), “pois ele havia falado com Deus” (NTLH; cf. NVI). Seu semblante irradiava um brilho divino em resultado do encontro face a face com Deus. Quando **Arão** e os filhos de Israel olharam para Moisés, **temeram de chegar-se a ele** (30); mas Moisés os incentivou, chamando-os. Diante disso, **Arão** e os **príncipes da congregação** se aproximaram para ouvi-lo (31). **Depois** (32), **todos os filhos de Israel** também se aproximaram para ouvir o relato

completo de Moisés. Enquanto falava, a face de Moisés brilhava diante do povo. Após ter acabado de falar, ele colocou **um véu sobre o seu rosto**. O original em hebraico indica que o véu foi colocado *depois* de Moisés falar (cf. ARA; NTLH; NVI; o texto da RC insinua que ele ocultou a face *enquanto* falava). Pelo visto, Moisés tirava o véu quando entrava **perante o SENHOR (34)**, depois saía e **falava** a mensagem ao povo com a face descoberta, cobrindo-a em seguida (para inteirar-se dos motivos, cf. comentários em 2 Co 3.13).

Esta evidência visual convenceu Israel que a mensagem de Moisés era de Deus. Há quem considere que o brilho era a semelhança do homem a Deus, a qual foi perdida na queda (Gn 1.27) e será nossa na ressurreição.⁷² A glória na face de Moisés era similar ao brilho de Cristo no monte da transfiguração (Lc 9.29-31), compartilhado também por Moisés e Elias. Pode ser que Estêvão experimentou um brilho deste tipo quando compareceu diante do Sinédrio (At 6.15). Em 2 Coríntios 3.7-18, Paulo afirma que esta glória pertence aos crentes em Cristo que vêem as realidades de Deus “com [a] cara descoberta”. Este brilho interior do crente irromperá no dia da segunda vinda de Cristo e na ressurreição (cf. 1 Jo 3.1,2).

Os versículos 29 a 35 descrevem “A Face Brilhante”. 1) E recebida num encontro com Deus, 29; 2) E descoberta por quem está pronto a ouvir, 30-32,35a; 3) É oculta a quem está endurecido para ouvir 33,35b; 4) E renovada na volta da presença de Deus, 34.

C. A Construção do Tabernáculo, 35.1—38.31

Nos capítulos restantes de Êxodo, grande parte do material é repetição das instruções dadas a Moisés no monte (ver 25.10—31.11). O leitor deve consultar os comentários nestas passagens para informar-se da descrição do Tabernáculo e sua mobília. Os comentários nesta seção estão limitados à matéria nova e às variações que ocorrem.

1. As Ofertas Voluntárias (35.1—36.7)

Moisés reuniu o povo para instruí-lo sobre as necessidades do

Tabernáculo (1). Falou, primeiramente, da importância do **dia de sábado** (1-3). É possível que o zelo religioso, mesmo em construir a casa de Deus, pusesse em perigo a observância deste mandamento.

Em seguida, Moisés animou quem tinha **coração voluntariamente disposto** a

dar **uma oferta** de matérias-primas para a fabricação dos artigos necessários para o Tabernáculo (4-9). Insistiu que **todos os sábios de coração** (10; “todos os homens hábeis”, ARA) fizessem **tudo o que o SENHOR** mandara (10; cf. 10-19).

Os filhos de Israel responderam com prontidão. Seus corações estavam abertos ao Senhor, por isso retribuíram com suas dádivas (20-29). Seus corações moveram-se e seus espíritos os impeliram (21). Deram de acordo com sua própria capacidade, visto que “todos os que podiam dar” (24, NTLH) levaram oferta aos trabalhadores. As **mulheres** também ofertaram o que puderam (25,26) fazendo trabalhos manuais. Os presentes mais caros foram dados pelos **príncipes** (27). Não se esperava que ninguém desse ou fizesse algo que estivesse fora de suas habilidades ou capacidade, e todos que deram ou fizeram agiram de bom coração.

Moisés deixou claro que **Bezalel** (30) e **Aoliabe** (34) foram escolhidos para executar determinadas tarefas por causa de suas habilidades especiais (30-35). Nem todos têm a aptidão de fazer todas as diversas tarefas na obra de Deus. Mas é importante que cada um aprenda a fazer de boa vontade as coisas que sabe e pode fazer. Temos a obrigação de aprimorar as habilidades nas quais somos peritos. Deus enche tais pessoas de **sabedoria, entendimento e ciência** (31) no trabalho que Ele escolheu que façam. Estes trabalhadores seletos também eram hábeis em **ensinar** os outros para ajudá-los no serviço a Deus (34).

Os materiais trazidos pelo povo foram entregues a estes artesãos especializados (36.1-3). Quando se verificou que o povo levava mais que o necessário para a obra (5), Moisés passou a ordem (6) para ninguém mais levar ofertas. Quando o Senhor abre o coração das

pessoas para dar, nunca há falta na obra. “Deus ama ao que dá com alegria” (2 Co 9.7).

Nesta seção, “As Ofertas a Deus”: 1) Originam-se de um coração disposto a dar, 35.21,22,26; 2) São fornecidas de acordo com a habilidade de cada um, 35.10,24,25,35; 36.1,2,4; 3) Resultam em fartura, 36.5-7.

2. *A Execução do Trabalho* (36.8—38.20)

Esta seção registra a obediência implícita dos trabalhadores às instruções explícitas que Deus dera a Moisés no monte (ver comentários em 25.10—27.19). O texto hebraico mostra notoriamente a precisão da execução do trabalho.⁷³ Esta repetição de detalhes prova a lealdade minuciosa de Israel seguir rigorosamente as instruções de Deus. Tudo o que Ele dissera era importante, e nenhum detalhe foi negligenciado. O registro é testemunho da obediência perfeita de Israel a esse respeito.

Nova informação é dada acerca dos **espelhos** levados pelas mulheres que “se reuniam para ministrar” (ARA) **ã porta da tenda da congregação** (38.8). Os espelhos eram feitos de bronze muito bem polido. Eram abundantes no Egito e as próprias mulheres de lá os faziam para usá-los.⁷⁴ As israelitas também tinham esses espelhos e os levaram em oferta de **cobre** (bronze) para a fabricação do **altar** (2) e da **pia** (8). É altamente louvável a oferta dessas mulheres para o altar de Deus proveniente de material originalmente criado para uso pessoal. Trata-se de “triunfo da religiosidade feminina sobre a vaidade feminina”.⁷⁶

3. *O Valor dos Metais* (38.21-31)

É difícil interpretar em valores atuais a importância monetária destas ofertas. Johnson escreve:

O ouro chegou a 29 talentos e 730 siclos ou cerca de 40.940 onças de peso troy. A prata mencionada adveio apenas do dinheiro da expiação (30.13,14), e atingiu 100 talentos e 1.775 siclos ou perto de 140.828

onças de peso troy. Não foi feito computo das doações voluntárias de prata. Esforços em estimar os metais preciosos em valores da moeda corrente de hoje não significam muito, pois não temos meio de saber o valor cambial daqueles dias. [...] O bronze usado pesava em torno de três toneladas.⁷⁶

A quantia era alta e revelava a dedicação do povo de Deus. E também significativo assinalar que o edifício descansava em **bases de prata**, as quais foram feitas com o **meio siclo** dado de forma igual por todo homem em Israel (38.26,27).

D. A Confeção das Roupas, **39.1-31**

Este é o relato dos trabalhadores que confeccionaram as roupas de acordo com as instruções dadas a Moisés no monte (28.1-43). Há somente pequena variação na ordem de alguns itens. A narrativa ressalta o trabalho cuidadoso e qualificado dos artesãos e enfatiza a exatidão da fidelidade às instruções de Deus. As palavras: **como o SENHOR ordenara a Moisés**, são repetidas seis vezes neste trecho bíblico (1,5,7,21,26,31). As pessoas queriam seguir explicitamente as palavras de Deus.

E. Os Trabalhos Prontos São Apresentados a Moisés, **39.32-43**

Levou cerca de seis meses a construção do Tabernáculo, sua mobília e utensílios.⁷⁷ Quando tudo estava pronto, as peças foram levadas a **Moisés** (33) para inspeção. Ele conhecia o padrão e era o único qualificado para dar a palavra final. Se algo estivesse imperfeito ou defeituoso, teria sido rejeitado, mas nada disso ocorreu. Os trabalhadores trabalharam com zelo e atenção, e Moisés lhes garantiu que o trabalho fora feito **como o SENHOR ordenara** (43). Receberam a recompensa que todo bom trabalhador almeja: a aprovação de um trabalho bem feito. Moisés abençoou aqueles que fizeram o trabalho de modo tão fiel e hábil.

Connell escreve: “Ficamos nos perguntando por que todos os detalhes minuciosos do Tabernáculo e seus acessórios foram repetidos com tanta particularidade nestes capítulos. Ocorrem-nos, pelo menos, duas

razões: a narrativa inspirada mostra como estes homens foram cuidadosos em seguir fielmente todos os detalhes do padrão que Deus lhes ordenara; e como Deus se agrada e mantém o registro exato da obediência do seu povo”.⁷⁸

F. A Montagem do Tabernáculo, 40.1-33

Deus instruiu Moisés a erguer o Tabernáculo **no primeiro mês, no primeiro dia do mês** (2), exatamente dois anos depois de partirem do Egito. Os versículos 2 a 8 descrevem a colocação da mobília. Quando tudo estava em seu lugar, Moisés ungiu o **tabernáculo** e toda sua mobília com o **azeite da unção** (9-11). O óleo, tipo do Espírito Santo, tornaria estes objetos sagrados. As coisas materiais separadas para Deus são tornadas santas pelo toque de Deus (cf. comentários em 13.2).

Nos versículos 12 a 15, há instruções detalhadas sobre a consagração de **Arão e seus filhos** (12). A passagem de Levítico 8.1-13 dá a entender que a cerimônia de unção do Tabernáculo e dos sacerdotes ocorreu em data posterior.⁷⁹ O uso da palavra **perpétuo** (15) só pode se referir à permanência do ofício sacerdotal na mesma família por muitas gerações; Cristo é o único sacerdote verdadeiramente perpétuo (Hb 7.17,23-25,28).

Quando a data marcada chegou — **no mês primeiro, no ano segundo, ao primeiro do mês** (17) —, a montagem do Tabernáculo estava pronta segundo as instruções (16-33). Cada peça estava armada e no lugar, começando com o **tabernáculo** propriamente dito (18,19), a instalação da **arca** dentro do Santo dos Santos (20,21) e a colocação do **véu**. Em seguida, mobiliaram o Lugar Santo com seus objetos (22-27) e puseram na frente a **coberta** (cortina) **da porta** (28). Por fim, montaram o **altar do holocausto**, a **pia** e o **pátio** (29-33). Ficamos imaginando a emoção e a admiração que as pessoas sentiram quando viram diante de si os resultados de suas contribuições tomando forma (ver Diagrama A e B).

Pela primeira vez, quando este dia memorável chegava ao fim, colocaram o **pão** sobre a mesa da proposição (23), acenderam as

lâmpadas do candelabro (25) e queimaram no altar de ouro o **incenso de especiarias aromáticas** na presença do Senhor (27). **Moisés, e Arão, e seus filhos, lavaram-se** na pia antes de começarem a ministrar (31).

G. A Dedicção Divina, **40.34-38**

O povo fez o melhor que pôde nas ofertas voluntárias de bens e serviços; os trabalhadores especializados moldaram as matérias-primas em obras de arte adoráveis; Moisés aprovava os produtos finais e, segundo instruções, colocara-os na ordem apropriada para a casa de Deus.

Quando chegou a tarde no acampamento de Israel havia o novo santuário em seu meio. O povo estava contente e Moisés também. De repente, a **nuvem** (34), que até ali os guiara, moveu-se e pousou nas coberturas da **tenda da congregação** e a **glória do SENHOR** (um fogo ardente) encheu o Tabernáculo santo. A glória era tão luminosa que **Moisés**, que tentara entrar no santuário, não pôde entrar (35). Até este homem que falara com Deus face a face e que brilhara com a luz celestial constatou que, por enquanto, não dava para entrar em um lugar com tanta glória.

Nos versículos 36 a 38, o escritor antecipa o plano de Deus para o futuro. A **nuvem** e o **fogo** descansavam **sobre o tabernáculo** como características permanentes. Sempre que a **nuvem** se movia, o **tabernáculo** tinha de pôr-se em movimento; sempre que a **nuvem** ou o fogo parava, a casa de Deus tinha de parar (36,37). Este padrão se seguiu **em todas** (38) as **jornadas** de Israel. Pelo visto, mais tarde a intensidade da **glória** (35) se limitou ao Lugar Santíssimo, pois os sacerdotes tinham de ministrar no Lugar Santo.

A partir de então os israelitas podiam se alegrar na certeza de que o favor de Deus voltara. O caminho de volta a Deus depois de pecarem fora longo e árduo. Por certo tempo ficaram, talvez, entregues à própria sorte, mas agora sabiam que Deus estava com eles em misericórdia. Com esta observação gloriosa de perdão perfeito e aceitação divina, o Livro de Êxodo, uma narrativa do plano redentor

de Deus, chega ao fim.

Nestes versículos finais, vemos “A Salvação Perfeita de Deus”. 1) Feita pela obediência implícita de quem o busca, 33; 2) Entrada instantânea à glória divina, 34,35; 3) Presença ininterrupta do Espírito Santo (36-38).

Notas

INTRODUÇÃO

¹ J. Coert Rylaarsdam (Introduction and Exegesis) e J. Edgar Park (Exposition), “The Book of Exodus”, *The Interpreter’s Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. I (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952), p. 833.

²George Rawlinson, “Exodus”, *Commentary on the Whole Bible*, editado por Charles J. Ellicott, vol. I (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), pp. 188,189.

³J. Clement Connell, “Exodus”, *The New Bible Commentary*, editado por R. Davidson (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954), p. 106.

⁴Philip C. Johnson, “Exodus”, *The Wycliffe Bible Commentary*, editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 51.

SEÇÃO I

George Rawlinson, “Exodus” (Exposition and Homiletics), *The Pulpit Commentary*, editado por

H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, vol. I (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), p. 1.

Tb., p. 9.

³Rylaarsdam, IB, vol. I, p. 853.

‘Johnson, *op. cit.*, p. 53.

⁵Adam Clarke, *A Commentary and Criticai Notes*, vol. I (Nova York: Abingdon-Cokesbury, s.d.), p. 293.

Tb.

Tb., p. 294.

⁸Rylaarsdam, IB, vol. I, p. 855.

⁹Rawlinson, PC, vol. I, p. 17.

“John Peter Lange, “Exodus”, *Commentary on the Holy Scriptures* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 3.

“Joseph S. Exell, “Homiletical Commentary on the Book of Exodus”, *The Preacher’s Complete Homiletical Commentary on the Old Testament* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1892), p. 10.

“Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. I (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1706), *ad loc.*, nota de rodapé.

“Johnson, *op. cit.*, p. 54.

“Ib.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 198.

“Johnson, *op. cit.*, p. 54.

“Clarke, *op. cit.*, vol. I, p. 303.

“Exell, *op. cit.*, p. 32.

“Johnson, *op. cit.*, p. 54.

²⁰Connell, *op. cit.*, p. 109.

²¹ Johnson, *op. cit.*, p. 55.

²² Rawlinson, PC, vol. I, p. 58.

²³ *Ib.*, pp. 87, 88.

²⁴ Rawlinson, CWB, vol. I, p. 204.

²⁵ Johnson, *op. cit.*, p. 56.

²⁶ Rawlinson, CWB, vol. I, p. 208. ²⁷ Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 888. ²⁸ Lange, “Exodus”, p. 17.

²⁹ Rawlinson, CWB, vol. I, p. 209.

³⁰ Connell, *op. cit.*, p. 111.

³¹ Rawlinson, CWB, vol. I, p. 210.

³² *Ib.*, p. 204.

³³ Connell, *op. cit.*, p. 112.

³⁴ Rawlinson, CWB, vol. I, p. 211.

³⁵ Cf. a sugestão em Connell, *op. cit.*, p. 112. ³⁶ Exell, *op. cit.*, p. 139.

³⁷ Connell, *op. cit.*, p. 110.

“Johnson, *op. cit.*, p. 58.

³⁹ Lange, “Exodus”, p. 20.

““Connell, *op. cit.*, p. 112. ⁴⁰ *Ib.*

⁴² Rawlinson, CWB, vol. I, pp. 213, 214. ⁴³ Lange, “Exodus”, p. 211.

⁴⁴ Rawlinson, CWB, vol. I, p. 214.

⁴⁵/ò.,p. 215.

⁴⁶Johnson, *op. cit.*, p. 58.

⁴⁷Exell, *op. cit.*, p. 164.

⁴⁸Rawlinson, CWB, vol. I, p. 215.

⁴⁹Johnson, *op. cit.*, p. 59.

⁵⁰*Ib.*

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 219.

⁵²/ò,, p. 221.

⁵³Rawlinson, PC, vol. I, pp. 220, 221. “Johnson, *op. cit.*, p. 60.

“Ver J11.1-4.

⁵⁶Lange, “Exodus”, p. 30.

⁵¹Rawlinson, PC, vol. I, pp. 224, 225.

⁵⁸Clarke, *op. cit.*, vol. I, pp. 340, 341; Rawlinson, CWB, vol. I, pp. 222-224.

“Johnson, *op. cit.*, p. 60.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 225.

⁶¹Clarke, *op. cit.*, vol. I, p. 345; Johnson, *op. cit.*, p. 60; Rawlinson, CWB, vol. I, p. 226. ⁶²Exell, *op. cit.*, p. 220.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 226. *“Ib.*

**Ib.*, p. 227.

SEÇÃO II

Ttawlinson, CWB, vol. I, p. 227.

²Johnson, *op. cit.*, p. 61.

³Rawlinson, CWB, vol. I, p. 228.

76., p. 36.

⁵Rawlinson, PC, vol. I, p. 259.

⁶ *Ib.*, p. 260.

⁷Rawlinson, CWB, vol. I, p. 229.

76.

⁹Johnson, *op. cit.*, p. 61.

“Lange, *op. cit.*, p. 88. ^uClarke, *op. cit.*, vol. I, p. 353.

¹²/ò., p. 351.

¹³Connell, *op. cit.*, p. 115. ^u*Ib.*

¹⁵Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 925.

“Johnson, *op. cit.*, p. 62.

“Rawlinson, CWB, vol. I, pp. 232, 233.

¹⁸ G. A. Chadwick, “The Book of Exodus”, *The Expositor’s Bible*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. I (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1947), p. 170.

^{ls}*Ib.*

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 235.

²¹Johnson, *op. cit.*, p. 63.

“Rawlinson, PC, vol. I, p. 300.

²³Pfeiffer, *op. cit.*, p. 63.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 236.

“Ver análise de possíveis teorias em Emil Kraeling, *Bible Atlas* (Nova York: Rand McNally & Company, 1956), pp. 101-106.

“Johnson, *op. cit.*, p. 64.

^{Z7}Rawlinson, CWB, vol. I, p. 237.

²⁸/ò., p. 238.

“Connell, *op. cit.*, p. 116.

³⁰Rawlinson, CWB, vol. I, pp. 239, 240.

³¹Clarke, *op. cit.*, vol. I, p. 371; Connell, *op. cit.*, p. 116.

³²Johnson, *op. cit.*, p. 64.

³³*Ib.*

³⁴Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 941.

³⁵Rawlinson, CWB, vol. I, p. 241.

³⁶Connell, *op. cit.*, p. 116.

³⁷Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, pp. 943, 944.

³⁸Rawlinson, CWB, vol. I, p. 243.

³⁹Connell, *op. cit.*, p. 117.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 245.

⁴⁷*è.*

⁴²Pfeiffer, op. *cit.*, p. 66.

⁴³Connell, op. *cit.*, p. 117.

⁴⁴Pfeiffer, op. *cit.*, p. 66.

⁴⁵Rawlinson, CWB, vol. I, pp. 247, 248.

⁴⁶Connell, op. *cit.*, p. 118.

⁴¹Rawlinson, CWB, vol. I, p. 247.

⁴⁷ò., p. 249.

⁴⁹Pfeiffer, op. *cit.*, p. 66.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 250.

⁵¹*Ib.*

⁵²Pfeiffer, op. *cit.*, p. 66. Contudo, a maioria dos geógrafos considera que Horebe e Sinai são nomes diferentes para aludir ao mesmo monte: o atual Jebel Musa.

⁵³Rawlinson, CWB, vol. I, p. 250.

⁵⁴Pfeiffer, op. *cit.*, p. 66.

“Connell, op. *cit.*, p. 118.

“Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 960.

⁵⁷Rawlinson, CWB, vol. I, p. 252.

“Pfeiffer, *op. cit.*, p. 67. ^m*Ib.*

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 255.

“Connell, *op. cit.*, p. 119.

⁶²Rawlinson, CWB, vol. I, p. 255.

Johnson, *op. cit.*, p. 61.

SEÇÃO III

Tb.

Tb.

⁴Connell, *op. cit.*, p. 119.

⁵Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 841.

^GJohnson, *op. cit.*, p. 68.

Hylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 841.

⁸Rawlinson, CWB, vol. I, p. 256.

⁹Lange, *op. cit.*, p. 70.

“Rawlinson, PC, vol. I, p. 1. ^u*Ib.*, p. 117.

¹²Henry, *op. cit.*, nota de rodapé.

¹³Connell, *op. cit.*, p. 120.

“Johnson, *op. cit.*, p. 68.

¹⁵Rawlinson, PC, vol. I, p. 130.

^l*Tb.*

¹⁷Chadwick, *op. cit.*, vol. I, p. 191.

“Johnson, *op. cit.*, p. 68. *“Ib.*, p. 69.

²⁰Rawlinson, CWB, vol. I, p. 260.

²¹Clarke, *op. cit.*, vol. I, p. 402.

²²Rawlinson, PC, vol. I, p. 131.

²³Connell, *op. cit.*, p. 120. *“Ib.*, vol. I, p. 983.

²⁵Connell, *op. cit.*, p. 120.

²⁶John D. Davis, *The Westminster Dictionary of the Bible* (Filadélfia: The Westminster Press, 1944), p. 362.

²⁷Rawlinson, CWB, vol. I, p. 262. *“Ib.*, p. 263.

²⁹Connell, *op. cit.*, p. 121.

³⁰Rawlinson, CWB, vol. I, p. 267.

³¹*Tb.*, pp. 267, 268.

³¹*Tb.*, p. 268.

³³Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 1.000.

³⁴Connell, *op. cit.*, p. 121.

³⁵Lange, *op. cit.*, p. 91.

³⁶Rawlinson, CWB, vol. I, p. 271.

³¹*Ib.*

³⁸Connell, *op. cit.*, p. 122.

³⁹Lange, *op. cit.*, p. 93.

⁴⁰Rawlinson, PC, vol. I, p. 192. “Mais uma vez, o escritor usa o nome Elohim, que em geral representa Deus. Mas, de modo equilibrado e hebraico com o termo ‘príncipe’, que aparece na frase seguinte, tem de denotar juizes como ocorreu previamente [em 22.7]” (VBB, nota de rodapé.).

"Rawlinson, CWB, vol. I, p. 273.

⁴²/ò., p. 274. ⁱ³*Ib.*, p. 275.

⁴⁴Lange, *op. cit.*, p. 97.

⁴⁵Johnson, *op. cit.*, p. 73.

⁴³/ò.

⁴⁷Lange, *op. cit.*, p. 98.

⁴⁸Rawlinson, CWB, vol. I, p. 278.

⁴⁹Connell, *op. cit.*, p. 124.

“Johnson, *op. cit.*, p. 74.

⁵¹Rawlinson, CWB, vol. I, p. 278.

“Johnson, *op. cit.*, p. 74.

SEÇÃO IV

‘Rawlinson, CWB, vol. I, p. 280.

²/ò.

³Johnson, *op. cit.*, p. 75.

“Outros povos da antigüidade também tinham o hábito de usar baús sagrados. Eram empregados pelos gregos e egípcios, e serviam de estojos para ídolos, símbolos das deidades ou outros objetos sagrados” (Davis, *op. cit.*, p. 41).

³/ò.

⁶Rawlinson, CWB, vol. I, p. 282.

⁷Rawlinson, PC, vol. I, pp. 250, 251.

‘Johnson, *op. cit.*, p. 75.

³Jò.,p. 76.

“Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, pp. 1.020-1.026.

¹¹Rawlinson, CWB, vol. I, p. 284.

¹²Para ver um diagrama deste candelabro, ver Diagrama A; cf. tb. Lange, *op. cit.*, p. 116. “Johnson, *op. cit.*, p. 78.

“Rawlinson, PC, vol. I, p. 263.

“Lange, *op. cit.*, p. 117 (ver a nota de rodapé da obra de Lange, onde há uma análise feita pelo tradutor).

“Lange, *op. cit.*, p. 588.

¹⁷Rawlinson, PC, vol. I, p. 264.

“Rawlinson, CWB, vol. I, p. 288. ¹⁹Rawlinson, PC, vol. I, p. 271.

²⁰Rawlinson, CWB, vol. I, p. 2894.

²¹Johnson, *op. cit.*, p. 78.

²²Rawlinson, PC, vol. I, p. 279.

“Johnson, *op. cit.*, p. 78.

²⁴Rawlinson, PC, vol. I, p. 286.

²⁵Johnson, *op. cit.*, pp. 78, 79.

²⁶Jò.,p. 78.

²⁷Connell, *op. cit.*, p. 127.

²⁸Rawlinson, PC, vol. I, p. 289.

²⁹JÒ.

^{3ú}*Ib.*, pp. 291, 292.

³¹Rawlinson, CWB, vol. I, p. 296.

³²Johnson, *op. cit.*, p. 79.

³³Chadwick, *op. cit.*, vol. I, p. 224.

³⁴Johnson, *op. cit.*, p. 296.

³⁵Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, p. 1.050. ³⁶Rawlinson, PC, vol. I, p. 300.

³⁷Johnson, *op. cit.*, p. 80.

³⁸Rawlinson, PC, vol. I, p. 304.

"Johnson, *op. cit.*, p. 81.

⁴⁰Chadwick, *op. cit.*, vol. I, p. 226. ⁴¹Rawlinson, PC, vol. I, p. 308.

⁴²Johnson, *op. cit.*, p. 81.

⁴³Clarke, *op. cit.*, vol. I, p. 461.

⁴⁴Rawlinson, PC, vol. I, p. 318.

⁴⁵Johnson, *op. cit.*, p. 82.

⁴⁸Connell, *op. cit.*, p. 129.

⁴⁷Rawlinson, CWB, vol. I, p. 309.

"Johnson, *op. cit.*, p. 82.

⁴⁹Rawlinson, PC, vol. I, p. 322.

⁵⁰Connell, *op. cit.*, p. 129.

⁵¹Johnson, *op. cit.*, pp. 82, 83.

⁵²Connell, *op. cit.*, p. 129.

⁵³Rawlinson, PC, vol. I, pp. 334, 335.

^MIb., p. 339.

⁵⁵76.

⁵⁶Connell, *op. cit.*, p. 130.

⁶⁷Rawlinson, PC, vol. I, p. 340.

“Connell, *op. cit.*, p. 130.

“Johnson, *op. cit.*, p. 83.

“Connell, *op. cit.*, p. 130.

“Rawlinson, PC, vol. I, p. 348.

⁶²Rylaarsdam, IB (Exegesis), vol. I, pp. 1.071,1.072. “Connell, *op. cit.*, pp. 130,131.

“Johnson, *op. cit.*, p. 84. *^mIb.*

⁶⁶Rawlinson, PC, vol. I, p. 359.

⁶⁷Connell, *op. cit.*, p. 131.

“Johnson, *op. cit.*, p. 84.

“Connell, *op. cit.*, p. 131.

TMRawlinson, PC, vol. I, p. 370.

⁷¹Clarke, *op. cit.*, vol. I, pp. 473, 474.

⁷²Rawlinson, PC, vol. I, p. 320.

⁷³Rawlinson, CWB, vol. I, p. 325.

⁷⁴Connell, *op. cit.*, p. 132.

⁷⁵Rawlinson, PC, vol. I, p. 389.

⁷⁶Johnson, *op. cit.*, p. 85.

⁷⁷Rawlinson, CWB, vol. I, p. 331.

⁷⁸Connell, *op. cit.*, p. 132.

⁷⁹/ò.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

CHADWICK, G. A. "The Book of Exodus." *The Expositor's Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. I. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1947.

CLARKE, Adam. *A Commentary and Critical Notes*, Vol. I. Nova York: Abingdon-Cokesbury, s.d.

CONNELL, J. Clement. "Exodus." *The New Bible Commentary*. Editado por R. Davidson. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954.

DRIVER, S. R. "The Book of Exodus." *Cambridge Bible for Schools and Colleges*. Editado por A. F. Kirkpatrick. Cambridge: University Press, 1918.

DUMMELOW, J. R. (editor). *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: The Macmillan Company, 1946.

EXELL, Joseph S. "Homiletical Commentary on the Book of Exodus". *The Preacher's Complete Homiletical Commentary on the Old Testament*. Nova

York: Funk & Wagnalls, 1892.

HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. I. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1706.

JAMIESON, Robert, FAUSSETT, A. R. e BROWN, David. A *Commentary: Critical and Explanatory*, Vol. I. Hartford: S. S. Scranton & Company, 1877.

JOHNSON, Philip C. “Exodus.” *The Wycliffe Bible Commentary*. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

LANGE, John Peter. “Exodus.” *Commentary on the Holy Scriptures*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

LEE, James W. “Genesis—Joshua.” *The Self-Interpreting Bible*, Vol. I. St. Louis: The Bible Educational Society, 1911.

LINDSELL, Harold. “Introductions, Annotations, Topical Headings, Marginal References, and Index.” *Harper’s Study Bible — The Holy Bible*. Nova York: Harper & Row, Publishers, 1952.

MCINTOSH, C. H. *Notes on the Book of Exodus*. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.

MCLAUGHLIN, J. F. “Exodus.” *The Abingdon Bible Commentary*, Editado por F. C. Eiselen. Edwin Lewis e David G. Downey. Nova York: The Abingdon Press, 1929.

PARKER, Joseph. “The Book of Exodus.” *The People’s Bible*, Vol. II. Nova York: Funk & Wagnalls Company, s.d.

RAWLINSON, George. “Exodus.” *Commentary on the Whole Bible*. Editado por Charles J. Ellicott. Vol. I. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

_. “Exodus” (Exposition and Homiletics). *The Pulpit Commentary*. Editado por H.

D. M. Spence e Joseph S. Exell, Vol. I. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950.

RYLAARSDAM, J. Coert (Introduction and Exegesis) e PARK, J. Edgar (Exposition). "The Book of Exodus." *The Interpreters Bible*. Editado por George A. Buttrick *et ai*, Vol. I. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1952.

UNGER, Merrill F. "Exodus." *The Biblical Expositor*. Editado por Carl F. H. Henry, Vol. I. Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960.

II. OUTROS LIVROS

BUTLER, J. Glentworth. *The Bible Work: The Old Testament*, Vols. I-II. Nova York: Funk & Wagnalls, Publishers, 1889.

COOK, F. C. *Exodus*. Nova York: Scribner, Armstrong & Company, 1874.

DAVIS, John D. *The Westminster Dictionary of the Bible*. Filadélfia: The Westminster Press, 1944.

DRIVER, S. R. *An Introduction to the Literature of the Old Testament*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1923.

EDERSHEIM, Alfred. *The Exodus and the Wanderings in the Wilderness*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1876.

FREE, Joseph P. *Archaeology and Bible History*. Wheaton: Scripture Press, 1956.

KRAELING, Emil. *Bible Atlas*. Nova York: Rand McNally & Company, 1956.

KURTZ, J. H. *Sacrificial Worship of the Old Testament*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1863.

MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture*, Vol. I. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1932.

MORGAN, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1959.

____. *Living Messages of the Books of the Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1912.

_. *The Analyzed Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1907.

PFEIFFER, Robert H. *The Books of the Old Testament*. Nova York: Harper & Brothers, Publishers, 1957.

RAVEN, John Howard. *Old Testament Introduction*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1910.

TAYLOR, William M. *Moses the Law-giver*. Nova York: Harper & Brothers, Publishers, 1879.

THOMPSON, J. A. *The Bible and Archaeology*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1962.

Co VI li VI \ lí IO 1)1 !I, ICO

I¹ A í 1 A\I

feorge II. I,i\iugslon I.eo (i. Co\

Denuis í. kinlav Laurislon .1. Du Bois lark íonl \. I{. li. Dulaslex

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

(ilAISIS \ Dinr.HoNOMio

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da

Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0685-5

9788526 306851